

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FABIANA ZOGBI LONTRA DA CONCEIÇÃO

**AS OBRAS DE LÊNIN NO BRASIL (1920-1964):
em busca de uma história da tradução**

Porto Alegre

2022

FABIANA ZOGBI LONTRA DA CONCEIÇÃO

**AS OBRAS DE LÊNIN NO BRASIL (1920-1964):
em busca de uma história da tradução**

Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem,
apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Regina de Sales

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Lontra da Conceição, Fabiana Zogbi
As obras de Lênin no Brasil (1920-1964): em busca
de uma história da tradução / Fabiana Zogbi Lontra da
Conceição. -- 2022.
152 f.
Orientadora: Denise Regina de Sales.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. História da Tradução. 2. Tradução política. 3.
História do Livro. 4. Vladimir Lênin. I. de Sales,
Denise Regina, orient. II. Título.

FABIANA ZOGBI LONTRA DA CONCEIÇÃO

**AS OBRAS DE LÊNIN NO BRASIL (1920-1964):
em busca de uma história da tradução**

Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem,
apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre.

Porto Alegre, 25 de fevereiro de 2022.

Resultado: A

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Denise Regina de Sales (orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Karina de Castilhos Lucena

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lincoln Ferreira Secco

Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, a professora Denise Sales, por ter me iniciado na língua russa, por sempre acreditar em mim, por todas as novas ideias e projetos, por ter ampliado meus horizontes o tempo todo. Obrigada, Denise, por toda a parceria!

A todos os professores do Instituto de Letras que contribuíram para minha formação. À professora Patrícia Reuillard, minha eterna orientadora, que na graduação me mostrou que eu era capaz de seguir o caminho acadêmico, me ensinou a ser tradutora e pesquisadora. À professora Ana Zandwais, que me iniciou na Análise do Discurso e incentivou meu trabalho desde o início do mestrado.

À banca que assumiu a tarefa de ler e contribuir com o meu trabalho.

À minha mãe, Luiza, e meu companheiro, João, que acompanharam essa jornada desde o início, por todas as leituras e por todo o carinho. A todos os meus amigos que, perto ou longe, estiveram comigo nesses anos.

Escrever uma dissertação certamente nunca é fácil; durante uma pandemia com certeza é muito pior. Eu não teria conseguido essa façanha sem o apoio e a motivação de cada um de vocês. Muito obrigada!

Dedico essa dissertação à minha avó Faride, que sempre me incentivou a buscar toda a educação que ela não pôde ter. Sei que está orgulhosa de mim, onde estiver.

RESUMO

O presente trabalho traça um começo de história sobre a tradução das obras do político e escritor Vladímir Lênin no Brasil. Dentro do período de 1920 a 1964, repertoriamos as edições impressas traduzidas do autor em nosso país, levantando informações sobre as fontes para a tradução das obras, as editoras e tradutores envolvidos, além das condições históricas que perpassaram esses anos. Com isso, esperamos fazer uma contribuição às áreas da História da Tradução e da História do Livro, colocando em primeiro plano as especificidades do livro e texto políticos, como sistema próprio dentre outros sistemas literários. Para tanto, apoiamos-nos, enquanto fundamentação teórica, nos estudos de Itamar Even-Zohar (1990; 2010; 2012), além das contribuições metodológicas para a História da Tradução de D'Hulst (2001) e Sabio Pinilla (2017; 2020). A partir desse referencial, apresentamos: um estudo sobre o sistema mundial de literatura comunista, com o intuito de descobrir as fontes para a tradução dessas obras no Brasil; as edições das traduções de Lênin no Brasil, seguidas de uma análise das condições históricas das publicações; os tradutores das obras e um pouco de suas histórias. Com esse percurso, trazemos elementos para uma caracterização do tradutor-militante e apontamos as especificidades da tradução de Lênin no Brasil enquanto sistema literário político, abarcando aspectos culturais, políticos e históricos.

Palavras-chave: História da Tradução; Tradução política; História do Livro; Vladímir Lênin.

АННОТАЦИЯ

Настоящая работа прослеживает начало истории перевода произведений политика и писателя Владимира Ленина в Бразилии. Нами собраны переводы на португальский язык печатных изданий В. Ленина периода 1920-1964. а также мы собирали информацию об их источниках, издателях и переводчиков, и ещё об исторических условиях, пронизывавшие эти годы. Мы надеемся внести вклад в области Истории Перевода и Истории Книги, выдвигая на первый план особенности политической книги и текста как самостоятельной системы среди других литературных систем. Для этого мы полагаемся на теоретические основы исследования Итамара Эвен-Зохара (1990; 2010; 2012), в дополнение к методологическим вкладам в Историю перевода Д'Хюльста (2001) и Сабии Пиниллы (2017; 2020). Опираясь на эту основу, мы представляем: исследование мировой системы коммунистической литературы с целью обнаружения источников для перевода этих произведений в Бразилии; издания ленинских переводов в Бразилии с последующим анализом исторических условий издания; переводчиков произведений и немногих историй их жизни. На этом пути мы привносим элементы для характеристики воинствующий переводчика и указываем на специфику ленинского перевода в Бразилии как политической литературной системы, охватывающей культурные, политические и исторические аспекты.

Ключевое слово: История перевода; Перевод политического текста; История книги; Владимир Ленин.

RÉSUMÉ

Le présent travail trace un commencement de l'histoire de la traduction des œuvres de l'homme politique et écrivain Vladimir Lénine au Brésil. Dans la période comprise entre 1920 et 1964, nous répertorions les éditions de l'auteur parues et traduites au Brésil, en quête d'informations sur les sources de traduction de ces œuvres, les maisons d'édition et les traducteurs impliqués, en plus des conditions historiques de ces années. Ainsi, nous souhaitons contribuer aux domaines de l'Histoire de la traduction et de l'Histoire du livre, mettant en premier plan les particularités du livre et du texte politique en tant que système particulier parmi d'autres systèmes littéraires. Dans ce but, nous nous appuyons sur la base théorique des études d'Itamar Even-Zohar (1990 ; 2010 ; 2012) et sur les apports méthodologiques du domaine de l'Histoire de la traduction de D'Hulst (2001) et Sabio Pinilla (2017 ; 2020). À partir de ces références, nous présentons : une étude sur le système mondial de la littérature communiste, dans le but de connaître les sources pour la traduction de ces œuvres au Brésil ; les éditions des traductions de Lénine au Brésil, suivies d'une analyse des conditions historiques des publications ; les traducteurs des œuvres et quelques éléments de leurs histoires. Avec ce parcours, nous apportons des éléments pour une caractérisation du traducteur-militant et indiquons les particularités de la traduction de Lénine au Brésil en tant que système littéraire politique, comprenant les aspects culturels, politiques et historiques.

Mots-clés : Histoire de la traduction ; Traduction politique ; Histoire du livre ; Vladimir Lénine.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 1 – | Capa do primeiro número da <i>L’Internationale communiste</i> | 43 |
| Figura 2 – | <i>La Correspondencia Sudamericana</i> , ano 1, nº 14 (out. 1926)..... | 49 |
| Figura 3 – | <i>Claridad</i> , ano 1, nº 3 (mar. 1920)..... | 51 |
| Figura 4 – | <i>A lucta pelo pão</i> | 57 |
| Figura 5 – | <i>O cidadão e o productor</i> | 58 |
| Figura 6 – | <i>O marxismo e Carlos Marx</i> (folha de rosto)..... | 59 |
| Figura 7 – | <i>No caminho da insurreição</i> e anúncio de jornal em que constam <i>O</i> <i>Marxismo e No caminho da insurreição</i> | 62 |
| Figura 8 – | <i>A verdade sobre a Rússia</i> e <i>Que é o stalinismo?</i> | 64 |
| Figura 9 – | <i>O Estado e a revolução</i> | 65 |
| Figura 10 – | <i>Cartas íntimas</i> (capa e folha de rosto)..... | 66 |
| Figura 11 – | <i>O extremismo</i> (folha de rosto), publicado pela <i>Calvino</i> , e as duas edições d’ <i>O esquerdismo</i> , pela <i>Vitória</i> | 67 |
| Figura 12 – | Anúncios d’ <i>O Imperialismo</i> em jornais..... | 69 |
| Figura 13 – | Anúncio do livro <i>A luta contra a guerra</i> | 70 |
| Figura 14 – | <i>Memórias</i> | 71 |
| Figura 15 – | <i>A religião</i> | 72 |
| Figura 16 – | <i>A revolução proletária e o renegado Kautsky</i> e anúncio da edição em jornal..... | 73 |
| Figura 17 – | Edição encadernada, onde se lê na lombada o título do livro..... | 74 |
| Figura 18 – | <i>O capitalismo de Estado e o Imposto em Espécie</i> | 75 |
| Figura 19 – | <i>Dois táticas da social-democracia na revolução democrática</i> | 77 |
| Figura 20 – | Primeiro volume de <i>Marx-Engels e Marxismo</i> | 78 |
| Figura 21 – | <i>Trechos escolhidos sobre Literatura e Arte</i> | 79 |
| Figura 22 – | <i>A questão agrária e os críticos de Marx</i> e anúncio da edição em revista..... | 82 |
| Figura 23 – | <i>Materialismo e empiro-criticismo</i> (capa e folha de rosto)..... | 84 |
| Figura 24 – | <i>Que fazer?</i> e trecho de jornal anunciando os lançamentos de <i>Que fazer?</i> e <i>Três fontes e três partes integrantes do marxismo</i> | 85 |
| Figura 25 – | <i>Um passo adiante, dois passos atrás</i> | 86 |

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 26 – | Anúncio do livro <i>O socialismo e a guerra</i> | 86 |
| Figura 27 – | <i>Lenin, Stalin e a paz</i> | 87 |
| Figura 28 – | <i>O programa agrário</i> | 88 |
| Figura 29 – | Três volumes das <i>Obras escolhidas</i> | 89 |
| Figura 30 – | Anúncio de <i>Obras Escolhidas</i> no jornal..... | 90 |
| Figura 31 – | <i>O socialismo e a emancipação da mulher</i> | 90 |
| Figura 32 – | <i>A aliança operário-camponesa</i> | 92 |
| Figura 33 – | <i>Sobre os sindicatos</i> | 96 |
| Figura 34 – | <i>O trabalho do Partido entre as massas</i> | 99 |

QUADROS

| | | |
|-------------|--|----|
| Quadro 1 – | Textos de Lênin publicados em <i>La Correspondencia Sudamericana</i> (1926-1930)..... | 49 |
| Quadro 2 – | Textos de Lênin publicados na <i>Claridad</i> em 1920..... | 51 |
| Quadro 3 – | Títulos que compõem a coletânea <i>O Marxismo</i> | 60 |
| Quadro 4 – | Títulos que compõem a coletânea <i>Sur la route de l'insurrection</i> e seus textos-fonte..... | 63 |
| Quadro 5 – | Textos incluídos na coletânea <i>De la religion</i> (1936)..... | 73 |
| Quadro 6 – | Textos incluídos no livro <i>O capitalismo de Estado</i> | 76 |
| Quadro 7 – | Títulos de Lênin que compõem os dois volumes de <i>Marx-Engels e Marxismo</i> | 78 |
| Quadro 8 – | Títulos de Lênin que compõem os <i>Trechos Escolhidos</i> | 80 |
| Quadro 9 – | Textos que compõem <i>A questão agrária</i> | 83 |
| Quadro 10 – | Títulos que compõem <i>O socialismo e a emancipação da mulher</i> | 91 |
| Quadro 11 – | Títulos que compõem <i>A aliança operário-camponesa</i> | 93 |
| Quadro 12 – | Títulos que compõem <i>Sobre os sindicatos</i> | 97 |
| Quadro 13 – | Títulos que compõem <i>O trabalho do Partido entre as massas</i> | 99 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------------|---|
| <i>Agitprop</i> | Agitação e Propaganda |
| ANL | Aliança Nacional Libertadora |
| CC | Comitê Central |
| COB | Confederação Operária Brasileira |
| DEOPS | Departamento de Ordem Política e Social |
| ESI | <i>Éditions Sociales Internationales</i> |
| IC | Internacional Comunista |
| MIA | <i>Marxists Internet Archive</i> |
| NEP | Nova Política Econômica |
| PCA | Partido Comunista Argentino |
| PCB | Partido Comunista Brasileiro |
| PCF | Partido Comunista Francês |
| POSDR | Partido Operário Social-democrata Russo |
| POSDR(b) | Partido Operário Social-democrata Russo (bolchevique) |
| PCUS | Partido Comunista da União Soviética |

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 16 |
| 1. VLADÍMIR LÊNIN: TEORIA E PRÁTICA..... | 20 |
| 1.1 Juventude | 20 |
| 1.2 O marxista Lênin | 21 |
| 1.3 1905 | 23 |
| 1.4 Exílio na Europa | 24 |
| 1.5 1917 | 26 |
| 1.6 A luta pela revolução mundial..... | 27 |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 30 |
| 2.1 Even-Zohar, da Cultura à Tradução | 30 |
| 2.1.1 O conceito de repertório..... | 31 |
| 2.1.2 A Teoria dos Polissistemas..... | 32 |
| 2.1.3 A noção de interferência..... | 34 |
| 2.2 Em busca de uma História da Tradução | 35 |
| 3. METODOLOGIA | 40 |
| 4. O POLISSISTEMA MUNDIAL DE LITERATURA COMUNISTA E AS FONTES PARA AS TRADUÇÕES DE LÊNIN NO BRASIL: UM COMEÇO DE HISTÓRIA.... | 43 |
| 4.1 Da URSS para o mundo | 43 |
| 4.2 França, centro da Europa | 46 |
| 4.3 Argentina, precursora do marxismo na América Latina | 47 |
| 4.3.1 Um parêntese: o caso da imigração alemã na esquerda da Argentina e do Brasil | 48 |
| 4.4 Buenos Aires, porta-voz de Moscou | 48 |
| 4.5 A Editorial Claridad..... | 51 |
| 4.6 México e outras configurações latinas | 52 |
| 4.7 Brasil, periferia do comunismo | 53 |
| 5. AS EDIÇÕES DE LÊNIN NO BRASIL | 57 |
| 5.1 A luta pelo pão | 58 |
| 5.2 O cidadão e o produtor | 59 |
| 5.3 Seleção de artigos sobre Karl Marx e o Marxismo contidos em várias obras | 60 |
| 5.4 No caminho da insurreição | 63 |
| 5.5 O testamento de Lênin, contido em <i>A verdade sobre a Rússia e Que é o stalinismo?</i> .. | 65 |

| | |
|---|-----|
| 5.6 O Estado e a revolução..... | 66 |
| 5.7 Cartas íntimas | 67 |
| 5.8 O extremismo, doença infantil do comunismo e A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo | 68 |
| 5.9 O imperialismo, etapa superior do capitalismo e O imperialismo, fase superior do capitalismo..... | 70 |
| 5.10 A luta contra a guerra | 71 |
| 5.11 Memórias..... | 72 |
| 5.12 A religião | 73 |
| 5.13 A revolução proletária e o renegado Kautsky | 74 |
| 5.14 Táticas e objetivos da revolução..... | 75 |
| 5.15 Comunismo: iniciação doutrinária | 76 |
| 5.16 O capitalismo de Estado e o imposto em espécie | 76 |
| 5.17 Duas táticas da social-democracia na revolução democrática..... | 78 |
| 5.18 Marx-Engels e Marxismo..... | 79 |
| 5.19 Trechos escolhidos sobre literatura e arte..... | 80 |
| 5.20 A questão agrária e os “críticos de Marx” | 83 |
| 5.21 Materialismo e empiro-criticismo | 85 |
| 5.22 Que fazer? | 86 |
| 5.23 Um passo adiante, dois passos atrás | 87 |
| 5.24 O socialismo e a guerra | 87 |
| 5.25 Lenin, Stalin e a paz | 88 |
| 5.26 O programa agrário da social-democracia russa na primeira revolução russa de 1905-1907..... | 89 |
| 5.27 Obras escolhidas | 90 |
| 5.28 O socialismo e a emancipação da mulher..... | 91 |
| 5.29 A aliança operário-camponesa | 93 |
| 5.30 Sobre os sindicatos..... | 97 |
| 5.31 O trabalho do partido entre as massas: artigos e discursos | 100 |
| 6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EDIÇÕES | 102 |
| 6.1 Anos 1930: a chegada dos trotskistas às edições..... | 104 |
| 6.2 Anos 1940: o triunfo do antifascismo..... | 108 |
| 6.3 Anos 1950: a hegemonia da Vitória | 110 |
| 6.4 Anos 1960: começa a longa noite do Brasil | 112 |

| | |
|--|------------|
| 6.4.1 Um epílogo: Brasil e Portugal pós-1970 | 114 |
| 7 OS TRADUTORES DE LÊNIN NO BRASIL | 115 |
| 7.1 José Alves | 115 |
| 7.2 Miguel Macedo..... | 115 |
| 7.3 Aristides Lobo | 116 |
| 7.4 Mário Pedrosa..... | 116 |
| 7.5 Newton Freitas | 117 |
| 7.6 Aurélio Pinheiro..... | 118 |
| 7.7 Abguar Bastos | 119 |
| 7.8 Aldenor Campos | 120 |
| 7.9 Luís C. Afilhado..... | 121 |
| 7.10 José Zacarias Sá Carvalho..... | 121 |
| 7.11 Eneida | 122 |
| 7.12 C. F. De Freitas Casanovas | 123 |
| 7.13 Alina Paim | 123 |
| 7.14 Gilberto Paim..... | 124 |
| 7.15 Laura Austragésilo | 125 |
| 7.16 Edison Carneiro..... | 125 |
| 7.17 Luiz Fernando Cardoso | 126 |
| 7.18 Renato Guimarães | 126 |
| 7.19 Fausto Cupertino | 127 |
| 7.20 Helga Hoffmann..... | 128 |
| 7.21 Armênio Guedes | 128 |
| 7.22 Zuleika Alambert..... | 129 |
| 7.23 Fragmon Borges..... | 129 |
| 7.24 Algumas considerações sobre os tradutores de Lênin..... | 130 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 133 |
| REFERÊNCIAS | 136 |
| APÊNDICE A – Tabela de transliteração do russo para o português brasileiro | 146 |
| APÊNDICE B – Principais obras de Vladímir Lênin | 147 |
| APÊNDICE C - Relação de livros de Lênin traduzidos e publicados no Brasil entre 1920-1964 | 149 |

INTRODUÇÃO

Comecei minha jornada com Vladímir Lênin ao final da minha graduação em Letras, através da Terminologia, aplicando meu interesse pela tradução política à área na qual me iniciei enquanto pesquisadora. Nesse cruzamento de interesses, escrevi a monografia *O discurso leninista (1902-1918): levantamento terminológico* (LONTRA DA CONCEIÇÃO, 2019), que abordou aspectos da terminologia encontrada em uma seleção de traduções do autor publicadas no Brasil. No entanto, à medida em que avançava nessa pesquisa, uma lacuna tornava-se cada vez mais evidente: eu não conhecia, de fato, a história das traduções de Lênin no Brasil, de que maneira foram realizadas, em que momento foram realizadas, quais atores estavam implicados. Tal lacuna não me permitia responder um grande questionamento que parecia impedir o desenvolvimento do meu trabalho e que ninguém havia até então respondido: por que, historicamente, as traduções de Vladímir Lênin no Brasil têm sido indiretas? Na época, não tive a oportunidade de debruçar-me sobre essa pergunta, e às voltas dessa inquietação ingressei no mestrado.

Inserida no contexto do estudo da língua e da cultura russa, também me inquietava a abundância de trabalhos e pesquisadores voltados à literatura russa, cujo *status* de cânone é bem estabelecido no Brasil, e a ausência de pesquisas, ao menos dentro dos Estudos de Tradução, de autores russos e soviéticos fora do campo literário, como Lênin. Bruno Gomide, em seu livro *Dostoiévski na rua do Ouvidor: a Literatura Russa e o Estado Novo* (2018), cujo título já explica muito da pesquisa do autor, afirma:

Na falta de um olhar pormenorizado para o papel crucial dos textos literários russos, o horizonte comum à maior parte dos estudos é o de colocar a política em primeiro plano. Lênin seria o ponto dominante, e os demais componentes textuais de origem russa, inclusive a produção literária, teriam posições secundárias no sistema. Publicar ou comentar a literatura russa seria, então, apenas um subterfúgio para se falar esopicamente do que realmente interessava: a circulação de ideias comunistas ou aparentadas. Sem pretender de modo algum negar a enorme importância desse mecanismo, proponho que não havia, na cultura brasileira, relação hierárquica entre Lênin e Dostoiévski (tomado aqui como a figura literária preponderante): eram fenômenos de peso simbólico aproximado, que se regulavam mutuamente, e um podia ser lido por meio do outro. (GOMIDE, 2018, p. 16-17)

Apesar da revelação de Gomide, Lênin continua a ser bastante ignorado na academia e o peso de suas traduções para a circulação de ideias russo-soviéticas no Brasil, ao que parece, ainda não foi estudado. Apesar da ótima contribuição de Bruno Gomide (2004; 2018) para o estudo da tradução da literatura russa no Brasil, a literatura *política* russo-soviética apresenta muitos elementos diferentes, de modo que não podemos estender todas as considerações do

autor para a história que pretendemos traçar aqui. O aspecto abertamente político carrega muitas implicações (das quais ao menos alguns romances estão livres), sobretudo em um país atravessado por estados de sítio, ditaduras e censuras. Há que se pensar no livro político como um universo à parte, ou melhor, um sistema à parte. Por isso, nosso ponto de partida é o livro *O Marxismo no Brasil*, de Edgard Carone (1986), pesquisa imprescindível sobre a história das edições marxistas no Brasil. É graças a Carone, historiador bibliófilo, que obtivemos uma lista de partida para buscar as traduções de Lênin no Brasil.

Uma das particularidades do livro político é sua inscrição nas estratégias de agitação e propaganda leninistas. Os conceitos de agitação e propaganda, bem como a relação dialética estabelecida entre eles, foram desenvolvidos e sistematizados por Lênin em *Que fazer?* ([1902]1963) a partir do acúmulo do marxista russo Plerránov sobre o tema. Em linhas gerais, Lênin estabelece a agitação como a divulgação de um pequeno número de ideias para uma grande audiência. Assim, discursos, panfletos, pequenas brochuras e palavras de ordem, por exemplo, são considerados ferramentas de agitação para as massas, uma vez que podem ser distribuídos para um grande público que não tem necessariamente familiaridade com as ideias veiculadas ali, como os trabalhadores de uma fábrica. Já a propaganda, por sua vez, é caracterizada como a divulgação de um grande número de ideias para um grupo menor de pessoas: o livro político é, dessa forma, o instrumento de propaganda por excelência. Sob essa ótica, é possível compreender com mais clareza a importância da tradução e da difusão dos livros de Lênin para o movimento comunista mundial.

O objetivo desta dissertação é, portanto, traçar uma história das traduções de Lênin no Brasil entre 1920 e 1964. Para isso, começaremos nosso trabalho trazendo um pouco da vida e obra de Vladímir Lênin, percorrendo alguns momentos decisivos para a trajetória pessoal do autor e para a história da Rússia e União Soviética. Mostraremos como a atividade intelectual de Lênin se desenvolveu para podermos chegar, finalmente, às traduções de suas obras. Passaremos, em seguida, à nossa fundamentação teórica, alicerçada em duas bases: no pensamento teórico voltado para a Cultura e a Tradução de Even-Zohar e na História da Tradução. De Even-Zohar (1990; 2010; 2012), trataremos especificamente dos conceitos de repertório, transferência, interferência, sistemas e polissistemas. Da História da Tradução, trataremos mais profundamente das elaborações metodológicas e teóricas de Lieven D'Hulst (2001) e Sabio Pinilla (2017; 2020). A partir das reflexões destes últimos, chegaremos a nossa metodologia, que descreverá os passos que seguimos para organizar nossa pesquisa.

Valemo-nos da noção de sistema apresentada por Even-Zohar para desenvolver o quarto capítulo, em que tentaremos traçar as relações entre diferentes países que permitiram que os

textos de Lênin chegassem até o Brasil. Recuperando as fontes para as traduções publicadas no nosso país, passaremos, finalmente, à apresentação das traduções das obras de Lênin que repertoriamos em nossa pesquisa, delimitada no período de 1920 a 1964. Apresentaremos, na medida do possível, fotografias dos livros ou notícias de suas publicações em jornais e revistas. Após a descrição das obras, passaremos à análise destas no sexto capítulo, organizado de maneira cronológica. Será o momento de recuperar o contexto sociocultural da publicação dessas obras, de modo a compreender a presença ou a ausência de publicações em determinados períodos históricos, além do papel das editoras e das organizações políticas para a promoção das traduções.

Por fim, apresentaremos as informações históricas que pudemos recuperar de cada tradutor de Lênin indicado nas obras analisadas. Após apresentar essas figuras que desempenharam um papel fundamental para a história que estamos contando aqui, tentaremos traçar um perfil sociocultural comum a maior parte dos indivíduos que pesquisamos, que chamaremos de *tradutor-militante*. Com isso, chegaremos às nossas considerações finais, momento em que faremos um balanço do que foi realizado nessa pesquisa.

Há ainda três apêndices à dissertação. No Apêndice A, apresentaremos nossa tabela de transliteração do russo para o português brasileiro, criada a partir do modelo de transliteração utilizado pelos docentes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), com modificações de nossa autoria. Decidimos especificamente por modificar a transliteração da letra ‘x’, tipicamente transliterada por ‘kh’¹, por acreditarmos que a transliteração para ‘rr’ é uma representação fonética mais próxima do russo falado. Nossa transliteração abrange também os nomes próprios: assim, o que geralmente é transliterado como Plekhánov aqui é grafado como *Plerránov* – o mesmo vale para *Burrárin*, por exemplo. O espaço da pesquisa acadêmica, para nós, justifica essa decisão, que pretende romper com as tradições herdadas que, ao nosso ver, não fazem sentido nem para a língua portuguesa, nem para a língua russa. Em citações, no entanto, manteremos as grafias e transliterações tal como foram empregadas.

No Apêndice B, apresentaremos uma relação das principais obras de Lênin, selecionadas segundo nossos critérios de relevância. Apresentaremos seus títulos em russo, as respectivas transliterações e os títulos traduzidos que foram efetivamente publicados no Brasil.

¹ A transliteração do ‘x’ por ‘kh’ é, na verdade, influência da transliteração do russo para a língua inglesa, em que o ‘h’ representa um fonema aspirado. Essa solução, no entanto, não auxilia o leitor brasileiro, pois, para nós, o ‘h’ é mudo (MORAES, 2016).

Por fim, no Apêndice C, forneceremos uma tabela condensando as principais informações sobre cada obra traduzida de Lênin no período de 1920-1964. A tabela foi feita com base nas informações de Carone (1986), complementadas com dados que encontramos ao longo de nossa pesquisa. Ela está organizada através das seguintes categorias: Ano; livro; editora; tradutor; se é ou não uma coletânea; se tem outros autores incluídos; coleção da qual faz parte e número de páginas.

Ao final da dissertação, pretendemos ter, ao menos, encontrado o caminho para uma história da tradução das obras de Lênin no Brasil, tendo respondido aos seguintes objetivos específicos:

- Repertoriar as edições impressas traduzidas das obras de Lênin no Brasil no período entre 1920 e 1964, buscando fornecer informações sobre tradutores, editoras, fontes para a tradução e condições históricas;
- Apontar as especificidades das traduções de Lênin no Brasil em termos culturais, políticos e históricos;
- Testar as contribuições teóricas de Itamar Even-Zohar aos Estudos da Tradução para o texto político e seus gêneros, sob a forma dos escritos de Lênin;
- Trazer elementos para a caracterização da figura do tradutor-militante.

1. VLADÍMIR LÊNIN: TEORIA E PRÁTICA

Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário².

O objetivo deste capítulo é descrever alguns pontos biográficos que consideramos importantes sobre Vladímir Lênin: seu desenvolvimento intelectual, sua produção teórica e como esses elementos dialogavam com sua prática política e revolucionária. Nossas principais fontes são as obras *Reconstruindo Lênin: uma biografia intelectual*, de Tamás Krausz (2017), *O Pensamento de Lênin*, de Henri Lefebvre (2020) e *Lenin: vida e obra*, de Luiz Alberto Moniz Bandeira (2017).

1.1 Juventude

Vladímir Ilítch Uliánov nasceu em abril de 1870, na cidade de Simbírsk³. Sua mãe era professora e seu pai era um inspetor de escolas públicas que detinha um título de nobreza e era considerado um dos intelectuais da região. Tratava-se, portanto, de uma família que prezava pela educação, de modo que Vladímir e seus quatro irmãos⁴ não só tiveram acesso aos estudos como frequentaram o ensino superior. Segundo Krausz (2017), a infância de Lênin foi permeada de estímulos que a classe intelectual russa podia oferecer e que moldariam sua personalidade adulta: aprendeu a ler e escrever com cinco anos, estudava alemão e francês, tocava piano e apreciava música clássica, jogava xadrez, lia autores como Tchernychiévski, que o influenciou decisivamente, além de Gógol, Tchiérrov e Tolstói. De acordo com o biógrafo, “[e]ssa tradição literária desempenhou um papel de destaque na conversão do jovem Lênin a revolucionário declarado, pois ele reconhecia em tais leituras sua Rússia familiar e suas próprias experiências” (KRAUSZ, 2017, p. 43). Ainda na adolescência rompeu com a Igreja Ortodoxa, que viria a – simbolicamente – excomungá-lo em 1918.

O primeiro momento de virada na vida de Lênin é marcado por uma tragédia familiar de cunho político, em 1887. Seus irmãos Aleksandr e Anna faziam parte do grupo político *Naródnaiá Vólia* [A Vontade do Povo] e estiveram diretamente envolvidos na conspiração para

² “*Без революционной теории не может быть и революционного движения*” (LÊNIN, 1963, p. 24, tradução nossa).

³ Cidade situada na Rússia Ocidental, 705 km a leste de Moscou. Atualmente, chama-se Uliánovsk em homenagem a Lênin.

⁴ Lênin teve seis irmãos, porém dois morreram prematuramente.

matar o tsar Alexandre III⁵. Embora o plano tenha fracassado, Aleksandr foi condenado à forca e Anna foi presa. Os trágicos acontecimentos levaram a família Uliánov a se mudar para a cidade de Kazan⁶, onde Lênin começou a cursar Direito. Desde então, o jovem foi acompanhado de perto pelas autoridades, que o classificavam como uma ameaça e temiam que ele seguisse os passos dos irmãos. E, de fato, ainda no começo do curso, ele foi preso por participar de uma manifestação política estudantil – um protesto contra um novo estatuto – e imediatamente banido da Universidade. Mais tarde, ele obteve a permissão para finalizar seu curso na Universidade de São Petersburgo, onde se formou. Nesse período, Lênin passou a frequentar círculos marxistas e começou a ler *O Capital* de Marx, que será seu maior alicerce teórico ao longo da vida. Para Krausz (2017, p. 47),

A perspectiva político-intelectual-moral de Lênin foi moldada por numerosos movimentos e tradições. Além de Tchernychiévski e Marx, houve os *narodovólets* russos⁷ e o legado intelectual dos chamados democratas revolucionários, o Iluminismo francês, o jacobinismo revolucionário francês, o jacobinismo russo e o pensamento político e econômico socialista/social-democrata da Europa ocidental. Lênin encontrou seu caminho até um novo movimento trabalhista democrático por meio de uma avaliação crítica do nihilismo russo e da rejeição do terrorismo como meio de resistência. Já não era um rebelde, mas um revolucionário. Mais que isso, tornou-se o modelo original do revolucionário, isto é, foi único, em termos puramente historiográficos. Interesse precoce pelas ciências, aptidão ao pensamento teórico e capacidade de conjugar teoria e prática revolucionárias fizeram dele o revolucionário perfeito.

1.2 O marxista Lênin

Lênin exerceu a advocacia por apenas dois anos antes de dedicar-se exclusivamente às atividades intelectuais, escrevendo e proferindo palestras a círculos políticos e grupos de trabalhadores. Ele foi, como Lefebvre (2020) pontua, um dos primeiros marxistas russos – ao lado de Gueórgui Plerránov, considerado por muitos pensadores como o maior marxista russo anterior a Lênin. Isso porque, no final do século XIX, a tendência de esquerda dominante na Rússia era o populismo dos *narodniki*, na qual militava o irmão de Lênin, Aleksandr. Os populistas lutavam pela revolução camponesa, que estabeleceria uma comunidade camponesa ideal e pré-capitalista, a *mir*. Lênin, no entanto, logo percebeu que o capitalismo em desenvolvimento na Rússia não permitiria a conformação desse tipo de comunidade, e nem os camponeses teriam condições concretas de realizar tal revolução. A solução, para ele, seria uma

⁵ Alexandre III era filho e sucessor de Alexandre II, que fora assassinado em um atentado orquestrado pelo mesmo grupo, famoso por suas práticas terroristas.

⁶ Cidade situada cerca de 200 km a norte de Uliánóvsk, 720 km a leste de Moscou.

⁷ Isto é, os membros do grupo *Naródnia Vólia*.

aliança entre operários e camponeses, liderada pelos operários, que por sua vez seriam dirigidos por um partido marxista (LEFEBVRE, 2020). Seu primeiro trabalho publicado, *Quem são os “amigos do povo” e como lutam contra os sociais-democratas?*⁸ (1894), que o tornou nacionalmente conhecido entre a juventude revolucionária, trata justamente da polêmica entre os populistas e os marxistas. De acordo com Lefebvre (2020), como os *narodniki* constituíam a hegemonia da oposição e, portanto, a maior preocupação do tsarismo, a censura acabou deixando passar uma grande quantidade de artigos marxistas para publicação entre 1890 e 1895, incluídos os escritos por Lênin.

Em 1895, Lênin foi ao exterior com o intuito de estabelecer contatos com outros marxistas e sociais-democratas. Nessa ocasião, conheceu Plerránov e o grupo por ele fundado, o *Osvobojdénie Trudá* [Emancipação do Trabalho] – mas perde por pouco a oportunidade de conhecer Friedrich Engels, que morreu no mesmo ano. Para Krausz (2017, p. 54), essa viagem foi decisiva não apenas para o horizonte revolucionário de Lênin, mas para que ele pudesse adquirir “[...] novos contatos organizacionais e literários por toda a Europa, dos quais tempos depois precisaria desesperadamente”. Assim que retornou à Rússia, em 1895, munido de contatos para levar literatura clandestina de esquerda ao país, Lênin fundou o grupo *Soiuz borby za osvobojdénie rabótchevo klassa* [União de Luta pela Emancipação da Classe Operária]. Poucos meses após a fundação, foi preso e enviado ao exílio na Sibéria, juntamente com seus companheiros de organização. Entre eles estava Nadéjda Krúpskaia, militante marxista que casou com Lênin ainda na Sibéria e foi sua companheira até o fim da vida.

De acordo com Krausz (2017), Lênin considerava as condições da prisão favoráveis ao trabalho acadêmico e teórico que realizava. E ele escreveu, de fato, uma de suas obras de maior fôlego, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, além de mais de trinta artigos enquanto esteve exilado na Sibéria (LEFEBVRE, 2020). Ainda, como complemento de renda, traduziu, em parceria com Krúpskaia, o livro *The History of Trade Unionism*, de Sidney e Beatrice Webb (KRAUSZ, 2017).

Ao fim de seu exílio na Sibéria, em 1900, Lênin partiu para Munique, onde começou a publicação do jornal *Iskra* [A Faísca], o órgão de propaganda do ainda embrionário Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR). É nessa época, aliás, que Vladímir passou a adotar o pseudônimo *Lênin*, possivelmente em referência ao rio siberiano Lena⁹. Nesse período,

⁸ Indicaremos neste capítulo apenas o título traduzido das obras (ainda que possam existir traduções diferentes para o mesmo título). Para os títulos originais, suas transliterações e as variações de traduções no Brasil, consultar o Apêndice B.

⁹ Essa hipótese é reforçada com o detalhe de que o pseudônimo de Plerránov – Vólguin – fazia referência ao rio Volga.

concentrou suas forças na organização do jornal, em que exercia as funções de autor e editor (como editor, foi responsável por mais de 50 números do periódico em três anos). Ele via no *Iskra* (e na agitação jornalística) um instrumento para preparar a insurreição na Rússia; de fato, sua defesa e posição no jornal eram tão relevantes que, até o célebre II Congresso do POSDR, “iskrista” e “leninista” eram termos sinônimos (WEILL, 1975).

O II Congresso do POSDR foi, ao mesmo tempo, o congresso de criação (pois a primeira tentativa de fundação foi totalmente aniquilada pela polícia tsarista) e de cisão do partido. Reunido em 1903, foi palco de divergências insuperáveis entre os militantes. Incapazes de chegar a um acordo, os sociais-democratas acabaram dividindo-se entre maioria (bolcheviques) e minoria (mencheviques). O nome do grupo de Lênin, no entanto, não reflete a real posição que ocupavam na política russa no momento: eles continuaram a ser a minoria entre a esquerda por muitos anos, até mesmo às vésperas da Revolução de 1917. Uma das grandes divergências do congresso, de caráter organizativo, é exposta com detalhes em *Que fazer?*, livro que serviu de fundamento tanto para o partido bolchevique quanto para os partidos comunistas ao longo da história (KRAUSZ, 2017):

A premissa central de *Que fazer?* é bastante específica e histórica: um partido revolucionário capaz de destronar a autocracia requer uma organização clandestina, construída sobre ações voluntárias. Isso só pode acontecer se for um partido de ‘revolucionários profissionais’, habituados às regras da conspiração, às consequências revolucionárias da teoria marxista, à história e à ‘lógica’ das lutas política e armada, conhecedores dos meios à disposição do partido. O objetivo da organização partidária é o socialismo, mas apenas em longo prazo. Sua meta político-econômica imediata é a revolução social. O estágio que precede o socialismo, para usar a expressão de Marx, é a *ditadura do proletariado*. De acordo com Lênin, o papel histórico do partido é o de agir como líder e catalisador de um movimento já existente, como corporificação de uma tendência que molda o movimento revolucionário dos operários russos. (KRAUSZ, 2017, p. 156, grifos do autor)

Após o fatídico congresso, o *Iskra* passou ao controle dos mencheviques. Lênin, no entanto, não deixou de estar permanentemente envolvido em atividades editoriais dos jornais de agitação bolcheviques posteriores: o *Proletári* [O Proletário], o *Vperiod* [Avante], o *Nóvaia Jizn* [Nova Vida] e o *Pravda* [A Verdade]. Como balanço à crise instalada no partido, ele escreveu o livro *Um passo à frente, dois atrás*.

1.3 1905

Em 1905, a Rússia estava em convulsão: externamente, pois estava em guerra com o Japão, e internamente, com uma onda de protestos civis que se seguiram ao Domingo

Sangrento¹⁰. Ao longo do ano, o movimento operário organizou grandes greves, em cujo seio surgiu, espontaneamente, um novo tipo de organização: o soviete (do russo *soviet*), isto é, um conselho de trabalhadores autogestionado, que logo se disseminou por toda a Rússia.

Lênin, que estava em exílio na Europa na época, por conta de seu ativismo político, voltou à Rússia e produziu uma grande quantidade de escritos. Publicou *As duas táticas da social-democracia na revolução democrática* em agosto desse ano. Mas o movimento revolucionário não estava tão maduro e organizado em 1905, e o tsar assinou, afinal, um tratado de paz com o Japão e prometeu instaurar um parlamento, a *duma*. O tsarismo havia vencido a batalha e, imediatamente, mandou a polícia atrás de Lênin:

O levante armado de dezembro em Moscou de certa forma abriu vias de pensamento, mas o escopo da ação potencial se estreitou, e um mandado de prisão contra Lênin foi expedido quase simultaneamente à derrocada do levante. Na ocasião, ele foi processado em razão de sua brochura *As tarefas dos sociais-democratas russos* e de escritos posteriores. As autoridades confiscaram cópias das publicações e efetuaram apreensões semelhantes em várias outras cidades. (KRAUSZ, 2017, p. 72)

Para Lênin, 1905 foi o “ensaio geral” para a revolução vitoriosa que viria. Havia fracassado, mas ensinara importantes lições aos bolcheviques. No entanto, após a revolução frustrada, um período de forte reação instaurou-se na Rússia.

1.4 Exílio na Europa

Após a derrota da Revolução de 1905, Lênin instalou-se na Finlândia, de onde conseguia viajar a São Petersburgo com facilidade. Foi nessa cidade que ele teve a oportunidade de discursar em um comício com três mil pessoas, em 1906. Segundo Krausz (2017), foi a única aparição de Lênin em um evento de massas antes de 1917. Evidentemente, sabemos que ele não podia expor-se devido à perseguição da polícia. No entanto, esse fato corrobora nossa percepção de que as tarefas de escritor e editor conformam suas principais atividades ao longo da vida, pelo menos até 1917, quando se tornou estadista. Com o crescente cerco policial a sua volta, Lênin foi obrigado a emigrar: partiu para Genebra em 1908, inaugurando um novo período de exílio que só se encerraria em 1917 e que o levou a morar em diversos países da Europa. Para Lefebvre (2020), os longos períodos em que Lênin passou na Europa, percorrendo seus países,

¹⁰ Nome pelo qual ficou conhecido o dia considerado o estopim da Revolução de 1905. Em 22 de janeiro de 1905, um padre liderou uma grande manifestação pacífica em frente ao Palácio de Inverno de São Petersburgo. O protesto foi brutalmente reprimido, levando a centenas de mortos e feridos.

contribuíram para a consolidação de sua cultura fortemente europeia¹¹. Prova disso são as inúmeras referências alemãs, francesas, entre outras, frequentemente em seus idiomas originais, que encontramos em seus escritos.

Em 1912, realizou-se a Conferência de Praga (VI Conferência do POSDR), que, segundo Lefebvre, data a criação do partido bolchevique propriamente dito: “até então, o bolchevismo dirigido por Lênin não tinha passado de uma tendência do socialismo internacional. Em Praga, o bolchevismo torna-se um partido” (LEFEBVRE, 2020, p. 76). A fundação do jornal bolchevique *Pravda* assinala esse novo momento para o partido de Lênin. Este jornal obteve um considerável sucesso em seus primeiros anos, tendo vendido o dobro de exemplares do jornal dos mencheviques entre 1913 e 1914 (KRAUSZ, 1917), e se tornou o órgão oficial do Partido Comunista até o fim da União Soviética.

Em seu segundo período de emigração, Lênin passou por vários países e por bastante dificuldade em termos financeiros. Sua atividade principal era a escrita: publicou o livro *Materialismo e empiriocriticismo*, obra de cunho mais filosófico, em 1909; com o começo da guerra, dedicou-se com mais afinco ao estudo da filosofia, sobretudo Hegel, o que resultou nos manuscritos conhecidos como *Cadernos filosóficos*. Na mesma época, começou a escrita de *O imperialismo, etapa superior do capitalismo*, concluído em 1916 e que, segundo Lefebvre (2020), é a continuação em escala mundial da análise marxista empreendida no primeiro livro de Lênin, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. Além disso, nunca deixou de se envolver na edição dos jornais bolcheviques, e publicava artigos com bastante frequência.

O biógrafo Neil Harding (1996) comenta que, até 1914, Lênin era ainda pouco conhecido entre os socialistas europeus. Seus livros eram publicados em tiragens pequenas, muitas vezes não traduzidos, e frequentemente tratavam de assuntos considerados irrelevantes para os europeus, como a dialética. Em síntese,

Até 1917, ele não teve impacto real na disposição geral do socialismo europeu. Sua voz era a de um doutrinário fora de moda. Seu marxismo era livresco e acadêmico e, justamente *porque* derivava de uma leitura minuciosa dos textos clássicos, remetia a tempos e temas em grande parte esquecidos pelos socialistas europeus.¹² (HARDING, 1996, p. 51, tradução nossa)

¹¹ Ainda que a emigração de Lênin tenha sido motivada pelo exílio, a emigração para a Europa motivada por estudos e formação pessoal era comum entre a intelectualidade e aristocracia russas.

¹² “Until 1917 he made no real impact upon the general disposition of European socialism. His was the voice of an outmoded doctrinaire. His Marxism was bookish and academic and, precisely because it derived from a thorough reading of the classic texts, it harked back to times and themes that had been largely forgotten by European socialists”.

1.5 1917

Assim como em 1905, um protesto de massas marcou o início da Revolução de Fevereiro de 1917. Era o Dia da Mulher, 23 de fevereiro pelo calendário juliano. Rapidamente, os trabalhadores e os soviets organizaram-se. Em 1º de março, a *duma* decretou o governo provisório e, no dia seguinte, o tsar abdicou. Estabeleceu-se, na verdade, um poder dual, constituído pelo governo provisório instituído pelos parlamentares, de um lado, e o Soviete de Petrogrado¹³, por outro.

Após fevereiro, Lênin sentiu que era o momento de voltar à sua terra. Em abril, ele chegou à Rússia, recepcionado por milhares de pessoas na estação de trem. Durante a viagem, escrevera suas famosas *Teses de Abril*, que seriam defendidas no Congresso do POSDR. Após uma série de protestos contra a guerra e o governo provisório, conhecidos historicamente como Jornadas de Julho, Lênin e todos os bolcheviques voltaram à clandestinidade, reprimidos pelo governo provisório. Lênin, escondido da polícia, escreve *O Estado e a Revolução* nessas circunstâncias. Trata-se de uma de suas obras mais célebres, lida e citada à exaustão e amplamente divulgada pela União Soviética: “Cobre os requisitos de uma explicação científico-teórica, bem como aqueles de um panfleto político. É uma obra apaixonada, plenamente imersa no espírito da luta [...]” (KRAUSZ, 2017, p. 249).

Em agosto, a extrema-direita decide por iniciar sua contrarrevolução, com o general Kornílov à frente da iniciativa. O governo provisório, enfraquecido, não teria condições de resistir ao golpe de Estado. Por isso, os bolcheviques tomaram para si o protagonismo da resistência e, em conjunto com os soviets, mobilizaram o povo contra os militares de direita. A “kornilovada” fracassou e os bolcheviques saíram fortalecidos, com muito mais apoio das massas. Nesse momento, fizeram jus ao nome e se tornaram de fato a maioria nos soviets de Petrogrado e Moscou, os mais importantes e estratégicos.

Com o ritmo acelerado imposto pelos acontecimentos políticos, Lênin chegou a publicar um artigo por dia no *Pravda* em alguns momentos do ano. Como caso anedótico, Krausz (2017) relembra o artigo “Sobre os compromissos” [*O kompromíssarr*] escrito em uma sexta-feira de setembro de 1917 e que seria publicado na semana seguinte. No entanto, segundo o próprio

¹³ O governo havia renomeado a cidade de São Petersburgo para Petrogrado em 1914, influenciado pelos sentimentos patrióticos despertados pela guerra.

Lênin, a proposta já havia perdido o sentido com as circunstâncias políticas ocorridas no final de semana. Pediu então ao editor que renomeasse o artigo para “Reflexões tardias”¹⁴.

Com a mudança na correlação de forças dos bolcheviques, a revolução tornara-se iminente, e o Comitê Central aprovou a proposta para a insurreição de outubro. A ideia era que o levante coincidisse com o II Congresso dos Sovietes. O boato espalhou-se até chegar aos ouvidos do governo provisório, que decretou a prisão dos dirigentes bolcheviques do soviete de Petrogrado e mandou fechar a imprensa bolchevique. Havia chegado a hora. Ao invés de entregarem-se à polícia, em 25 de outubro (7 de novembro no calendário atual), os bolcheviques tomaram os pontos estratégicos de Petrogrado, como telégrafos, correios, estações ferroviárias e bancos. À noite, o Congresso dos Sovietes reuniu-se e reconheceu a revolução. Até então, Lênin não era um líder oficial do partido bolchevique, apenas um membro. No entanto, de acordo com Krausz (2017, p. 90), todos “consideravam Lênin o líder da revolução proletária antes mesmo que fosse eleito a qualquer cargo oficial” e que ele, “apesar de sua relutância, foi eleito por unanimidade presidente do Conselho do Commissariado do Povo (governo soviete)”.

1.6 A luta pela revolução mundial

Já nas célebres *Teses de abril*, em 1917, Lênin fez duas propostas que teriam importantes reflexos para o movimento comunista do século XX: a mudança do nome do partido para *Partido Comunista* e a criação de uma nova Internacional. Ambas as propostas tinham como objetivo o rompimento definitivo com a social-democracia que sustentou a II Internacional e que, com as contradições movidas pela Primeira Guerra Mundial, caiu em indiscutível decadência. Para Lênin, era claro que o governo soviético estava em constante perigo e que suas energias deveriam voltar-se para a manutenção do poder conquistado, por um lado, e para a luta por novas revoluções em outros países, por outro. Discursava e escrevia fervorosamente para mobilizar o povo na defesa do novo governo frente à guerra civil instaurada enquanto se dedicava à criação da III Internacional Comunista¹⁵, constituída em março de 1919. Não bastassem a guerra civil e a IC, Lênin ainda trabalhou arduamente na construção e implementação da NEP (Nova Política Econômica), na tentativa de salvar a economia do país que não possuía nem nome oficial nem território claramente definido¹⁶.

¹⁴ Cf. “Sobre os compromissos”, disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/09/16.htm>. Acesso em: 25 mai. 2021.

¹⁵ III Internacional, Internacional Comunista, Komintern, Comintern, IC, Terceira são todas designações possíveis.

¹⁶ Foi Stálin quem declarou a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1922, pois Lênin já estava muito doente.

Além de todos os problemas de Estado, Lênin sofreu ainda três tentativas de assassinato após a chegada dos bolcheviques no poder. Na tentativa mais grave, ocorrida em 1918, ele foi atingido por um tiro no pescoço enquanto discursava em uma fábrica. Tal evento contribuiu para o agravamento de sua saúde, que já começava a se debilitar. Segundo Krausz (2017, p. 96), “[a]té perder a habilidade de escrever e falar, ao longo de cinco anos escreveu mais de dez volumes de teoria, publicações políticas, documentos, cartas e anotações” e, no fim da vida, ainda estudou a língua búlgara (já dominava várias línguas europeias e eslavas). Produziu artigos até o limite de sua saúde, ditando-os às suas secretárias, e em 1920 escreveu seu último livro, *O esquerdismo, doença infantil do comunismo*. Em 1922, sofreu um primeiro derrame cerebral, que foi seguido por outros episódios hemorrágicos e convulsivos. Vladímir Lênin morreu em janeiro de 1924, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, onde seu corpo foi embalsamado e exposto à visitação, marcando assim o começo do culto à sua imagem.

Após a morte de Lênin, especialistas destacados pelo governo soviético trabalharam por décadas para reunir, catalogar e sistematizar todos os seus escritos. A quinta edição de suas Obras Completas, lançada entre 1956 e 1975, que utilizamos como referência neste trabalho, conta com 55 volumes¹⁷ e mais de três mil documentos, que incluem seus livros completos, artigos, cartas, discursos etc. Muitas são as possibilidades de sistematização de seu pensamento. Krausz (2017) delimita cinco fases de desenvolvimento do intelecto de Lênin, definidas a partir dos acontecimentos históricos e políticos:

A primeira fase cobre o período anterior à Revolução Russa de 1905, e a segunda estende-se até a Revolução de Outubro, cujos resultados foram resumidos em *O Estado e a revolução*. Após 1917, o estadista Lênin não estava mais em posição de escrever um programa teórico, e não apenas por falta de tempo. Os desenvolvimentos ainda não eram suficientemente duradouros para serem suscetíveis à análise clássica. Mas as três fases que se seguiram à Revolução de Outubro – a “economia de mercado” que caracterizou o período até a primavera de 1918, o comunismo de guerra de 1918-1920 e o “capitalismo de Estado” da Nova Política Econômica de março de 1921 em diante – deixaram traços teóricos duradouros e claramente delineados no pensamento de Lênin”. (KRAUSZ, 2017, p. 464)

Independentemente das divergências entre os principais comentadores de Lênin, a maioria concorda, como Lefebvre (2020), que Lênin foi o continuador de Marx e Engels: de Marx, pois deu continuidade ao estudo da dialética de Hegel e de sua aplicação nas condições concretas da história; e de Engels, pois desde o início de sua carreira política até o fim, culminando com a criação da III Internacional, combateu o reformismo e a degeneração da

¹⁷ Disponível integralmente no *website* da Biblioteca Nacional Russa: https://primo.nlr.ru/permalink/f/df0lai/07NLR_LMS008367010. Acesso em: 25 set. 2021.

social-democracia. Suas ideias originais, sempre baseadas no mais rigoroso estudo de Marx, resultaram no *marxismo-leninismo*, em última análise, a renovação do método dialético para o século XX.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nossa pesquisa está alicerçada em dois eixos teóricos: os estudos em Tradução e Cultura de Itamar Even-Zohar e a História da Tradução. Adotamos esses dois referenciais pelo fato de que ambos permitem um olhar interdisciplinar – ou mesmo transdisciplinar –, capaz de relacionar a Tradução com a Cultura, a Política e a História. Por não estarmos tratando de textos literários, acreditamos ser necessário afastarmo-nos de autores que enxergam a tradução apenas desse ponto de vista; e, por estarmos tratando de uma história que liga, fundamentalmente, União Soviética e Brasil, interessa-nos os autores que se comprometam com uma visão não-eurocêntrica da tradução, para que possamos trabalhar com nosso país de maneira mais proveitosa, de modo a valorizar as especificidades de nossa história e cultura.

2.1 Even-Zohar, da Cultura à Tradução

Itamar Even-Zohar é um pesquisador israelense da área da Cultura, conhecido no Brasil principalmente por sua contribuição à área de Tradução, nomeada Teoria dos Polissistemas. O autor, na verdade, prefere não se conformar a uma só área do conhecimento. Em entrevista ao pesquisador dos Estudos de Tradução Anthony Pym (2008), Even-Zohar define-se como alguém que estuda diversas disciplinas, como Sociologia, Antropologia, História e Semiótica, e diz não acreditar que tais disciplinas sejam tão distintas como as pessoas tendem a crer¹⁸.

Na realidade, Even-Zohar é um teórico no sentido mais estrito: seu desejo é descobrir leis, sistemas, mecanismos abstratos que, por suas características, não podem ser estudados com um olhar único. Pelo contrário, seus estudos são mais profícuos à medida que ele se distancia e assume uma visão cada vez mais global: na altura em que está, as classificações das disciplinas tradicionais já não funcionam mais. Para o autor, a cultura não é apenas um conjunto de valores, mas sim um poderoso mecanismo humano que organiza a comunicação e que se estabelece com auxílio da linguagem, da literatura, do comportamento etc. Por isso, Even-Zohar estuda a Tradução – além da Semiótica, da Literatura e outras disciplinas. – para entender as leis de funcionamento da Cultura, e não vê a sua pesquisa em Tradução como um objetivo final (EVEN-ZOHAR; TOURY, 1981).

Feita essa ressalva que nos parece importante, uma vez que, como mencionamos, os estudos de Even-Zohar no Brasil são mais conhecidos do ponto de vista específico da Teoria

¹⁸ Minuto 6:37 a 7:06 da entrevista de Even-Zohar concedida a Anthony Pym em 22 mai. 2008, disponível em: <https://youtu.be/xIupxc0vmYc>. Acesso em: 1º jul. 2021.

dos Polissistemas¹⁹ (da qual trataremos mais adiante), podemos agora visitar alguns tópicos das pesquisas do autor que serão úteis para o nosso trabalho.

2.1.1 O conceito de repertório

O principal conceito da teoria cultural de Even-Zohar é o de *repertório*. Esse conceito é descrito no artigo *The making of culture repertoires and the role of transfer* (2010), o qual é nossa referência para os parágrafos seguintes. Segundo ele, o repertório cultural é o conjunto de opiniões e materiais utilizados por um grupo na organização da vida. Embora os membros de determinado grupo percebam o repertório cultural como algo dado de antemão, ele precisa, na verdade, ser criado e adotado pelas pessoas, em um movimento permanente e contínuo. O fator crucial do repertório é se ele é aceito ou não pelo grupo como uma ferramenta organizadora da vida. Tal aceitação dependerá de variáveis como mercado ou relações de poder.

Even-Zohar (2010) descreve a *invenção* e a *importação* como procedimentos para o desenvolvimento de um repertório. Para o autor, a importação desempenha um papel muito mais crucial na composição de um repertório do que é geralmente admitido. Quando bens materiais ou semióticos são importados de maneira bem-sucedida, eles gradualmente se tornam parte de um repertório. Essa integração dos bens importados a um repertório-alvo é denominada *transferência*. E por que seria importante, para nós, compreender o conceito de repertório e transferência? Segundo Even-Zohar, esses conceitos são importantes para os Estudos de Tradução na medida em que ajudam a descrever a conjuntura sociocultural das sociedades, além de auxiliarem na elaboração de uma teoria de tradução mais abrangente, que não esteja restrita a somente fatores linguísticos, por exemplo.

Voltando à transferência, Even-Zohar (2010) afirma que nem toda importação de bens resulta em uma transferência bem-sucedida e nem toda transferência ocupará um lugar importante no interior de um repertório. Segundo o autor, uma das manifestações possíveis do contato entre culturas é a troca de bens culturais, tangíveis (isto é, materiais) ou intangíveis (isto é, semióticos). Um bem cultural importado pode ou não se tornar um modelo gerador de bens e mercadorias dentro da cultura receptora. Quando alguém importa textos de uma cultura à outra por meio da tradução, o ato de transferência é bem-sucedido na medida em que os modelos semióticos desses textos se tornam partes integrantes dos repertórios-alvo em diferentes níveis de atividades socioculturais (EVEN-ZOHAR, 2010, p. 73). Isso é importante porque, quando

¹⁹ Uma breve pesquisa pelo nome do autor em trabalhos brasileiros, no motor de busca Google Acadêmico (www.scholar.google.com), já nos fornece provas o suficiente para essa afirmação.

da tradução de Lênin, importamos não só os textos, mas um sistema teórico (isto é, um modelo semiótico) que leva a práticas socioculturais (políticas revolucionárias) determinantes para a cultura-alvo. Isso remonta ao começo das traduções comunistas no Brasil: era necessário importar o marxismo pois as práticas políticas disponíveis no repertório brasileiro eram anarquistas²⁰. Assim, podemos concluir que, no caso do Brasil, para se adotar o repertório de práticas políticas, foi preciso antes adotar os textos teóricos. E a motivação para que uma cultura realize transferências a partir de outra, ressalta o autor, vem, justamente, de uma sensação de insuficiência ou do reconhecimento de lacunas. Assim, ela busca um repertório mais rico, mais prestigiado, ou até mesmo um repertório que traga a promessa de uma vida melhor. E não seria a promessa de uma vida melhor uma das características mais atrativas que a URSS poderia oferecer em seu repertório sociocultural comunista?

Sendo o repertório um conjunto de ferramentas disponibilizadas pela cultura para a ação dos indivíduos, é natural que um repertório transferido tenha consequências diretas na maneira de agir das pessoas em seu ambiente. Os bens transferidos podem conter instruções não só de como entender o mundo, mas de como transformá-lo – novamente, encontramos um ótimo exemplo para o que o autor descreve nas traduções de Lênin no Brasil.

2.1.2 A Teoria dos Polissistemas

Os trabalhos teóricos de Even-Zohar (1990b) partem da rejeição dos julgamentos de valor e do elitismo praticados por alguns acadêmicos dos estudos literários. Para ele, o estudo da literatura não pode se restringir ao estudo das obras-primas, do cânone literário, do mesmo modo que a historiografia não pode se restringir à vida de reis e generais. Assim, a Teoria dos Polissistemas propõe-se a abarcar gêneros tradicionalmente considerados como “menores”, como a literatura infanto-juvenil ou a literatura traduzida, mas que não são necessariamente menos relevantes para uma determinada cultura. É o caso também dos textos políticos em seus diferentes gêneros (discurso, programa, artigo, carta etc.) que, embora sejam largamente ignorados pelo olhar da Literatura, desempenham um papel importantíssimo na cultura intelectual de uma sociedade. De todo modo, é interessante notar que Even-Zohar (1990a) fundamenta sua pesquisa no Formalismo Russo que, na verdade, não se atém às diferenciações entre Literatura e outros domínios do saber como costumamos fazer no Ocidente.

²⁰ Trataremos disso mais adiante, no capítulo 6.

Even-Zohar (1990c, p. 27) define *sistema* como uma rede de relações que podemos apreender ao observar os fenômenos linguísticos, culturais, literários e etc. em determinados recortes. O *polissistema*, ou seja, um sistema composto de sistemas, é, portanto, um “todo estratificado múltiplo”, onde podemos atestar relações entre o centro e a periferia (EVEN-ZOHAR, 1990f, p. 88). Para o autor, o termo “polissistema” traz uma distinção da abordagem sincrônica tipicamente saussuriana e evidencia seu caráter dinâmico e heterogêneo. Nessa ótica, as fronteiras entre sistemas estão sempre sendo postas à prova e modificadas pelas relações mercantis, culturais, históricas, políticas etc. Como havíamos sublinhado, a Teoria dos Polissistemas não se restringe à literatura em sua concepção mais estrita, de modo que podemos realocar os mesmos raciocínios para nosso objeto de interesse, o texto político.

As motivações para as transferências de uma cultura para outra são um dos objetos sobre os quais a Teoria dos Polissistemas se debruça. Na verdade, Even-Zohar (1990a) afirma que a teoria foi formulada para resolver problemas específicos relacionados a teorias de tradução. Tratando do polissistema literário, Even-Zohar (2012) reconhece a literatura traduzida como um sistema integral e ativo, que não necessariamente ocupa uma posição periférica. Por carregar modelos possivelmente inovadores, novas perspectivas e características próprias do seu lugar de origem, a literatura estrangeira traduzida cumpre um papel central na elaboração de novos repertórios no interior de uma cultura. Isso acontece mais especificamente quando um polissistema ainda é jovem, em constituição; quando a literatura desse polissistema é considerada fraca e periférica frente a outras culturas; e quando ocorrem crises e vácuos literários em determinada literatura. Tais características descrevem muito bem o sistema da literatura política brasileira no período que estamos estudando.

Como havíamos sublinhado, a Teoria dos Polissistemas não se restringe à literatura em sua concepção mais estrita, de modo que podemos realocar os mesmos raciocínios para nosso objeto de interesse. Em seu artigo *Laws of Literary Interference*, o autor define o termo “sistema literário” como qualquer tipo de repertório semiótico manifestado semioticamente e institucionalizado pela sociedade (1990d, p. 61). Assim, podemos afirmar que: 1) os textos escritos por Lênin integram o sistema de textos políticos russo-soviéticos; 2) os textos escritos por Lênin traduzidos e publicados no Brasil passaram a integrar o sistema de textos políticos brasileiro. O Brasil, como nação jovem e periférica, e que recém conhecia as tradições de esquerda, já bem estabelecidas na Europa, por exemplo, importou textos da União Soviética, também uma nação jovem, mas reconhecida por sistemas centrais como possuidora de um bem original, que nenhuma outra podia oferecer naquele momento histórico, isto é, o modelo político comunista. Como mostraremos em maior detalhe no capítulo 6, a tradição anarquista dominava

a esquerda brasileira no começo do século XX; portanto, quem quisesse estudar outras teorias políticas, devia buscá-las em outras culturas, através de outras línguas. A falta de tradição política marxista e comunista em nosso país foi o motivo pelo qual a literatura política traduzida prevaleceu em vantagem em nosso sistema por um longo período, pelo menos até a formação de um bom número de quadros teóricos brasileiros – cumpre lembrar que a falta de liberdade política em diversos momentos no país também contribuiu para a falta de uma literatura política própria. Ainda assim, os modelos políticos da União Soviética nunca deixaram de ter um lugar privilegiado nas referências teóricas da política de esquerda no Brasil. E a União Soviética, com o intuito de propagar o comunismo em escala cada vez maior, soube aproveitar de seu repertório para alcançar outros polissistemas que desejavam importar instruções políticas. Afinal, a tradução da literatura política soviética era responsável por trazer um modelo inédito para o resto do mundo: a teoria por trás de uma revolução vitoriosa. Por isso mesmo, uma leitura incontornável para o militante que desejasse replicar a situação em seu próprio país.

2.1.3 A noção de interferência

Por fim, gostaríamos de abordar uma última noção apresentada nos trabalhos de Even-Zohar (1990d; 1990e), útil para compreender as relações de tradução e transferência entre Brasil e União Soviética. O autor define como *interferência* a relação entre literaturas em que uma literatura A se torna fonte direta ou indireta de empréstimos para uma literatura B. A literatura A é descrita pelo autor como um sistema independente e, em alguma medida, estável, enquanto a literatura B é dependente. A interferência pode ter relação direta com as questões econômicas e políticas dos territórios das literaturas implicadas e mesmo fazer parte de uma dinâmica de dominação colonial ou imperialista, visto que é parte da história de um sistema cultural. Para o autor, o estudo da tradução é essencial para tratar dessa dinâmica de empréstimos, uma vez que a tradução é o canal por onde a interferência é frequentemente posta em prática.

A interferência, segundo Even-Zohar (1990d), é, geralmente, unilateral e assimétrica. Isso quer dizer que a literatura-fonte para uma interferência muitas vezes ignora os empréstimos feitos pelas literaturas-alvo e não há relações de troca entre as culturas. No entanto, aplicando a noção de interferência ao nosso contexto, é fácil enxergar o movimento intencional e estruturado (sob a forma de editoras internacionais e outros mecanismos) da União Soviética para, valendo-se de sua independência e estabilidade em matéria de literatura política, criar pontos de interferência com sistemas de países capitalistas, com o intuito de influenciar repertórios políticos e dar as instruções práticas para revoluções e partidos comunistas através

do mundo. Por outro lado, como aponta o autor, a interferência costuma não se manifestar de diferentes formas para uma mesma cultura. Isso é evidenciado pelo fato de que, embora o Brasil tenha importado literatura política da URSS, não fez semelhante movimento no campo do teatro, cinema, entre outras manifestações culturais, na mesma medida. Vemos, portanto, que algumas das leis de interferência sistematizadas por Even-Zohar (1990d; 1990e) são úteis para a compreensão do sistema de textos políticos que estamos estudando aqui, embora tenham sido elaboradas para tratar sobretudo de textos literários de ficção. Esse constructo teórico, como vimos, não pode ser aproveitado em sua totalidade para o nosso objeto de pesquisa. Seria em razão do próprio objeto ou de possíveis lacunas na teoria do autor?

Em retrospecto, vemos que as formulações teóricas de Even-Zohar nos levam a hipóteses interessantes em relação ao nosso objeto de pesquisa. Fundamentalmente, no interior do polissistema da literatura política mundial, a URSS coloca-se como centro e o Brasil, como periferia. As relações de transferência e interferência são estabelecidas a partir dos repertórios construídos por cada país: no caso do Brasil, foi justamente a falta de repertório robusto que levou ao recurso de empréstimos via tradução²¹. Veremos, adiante, como se comportaram outros países nesse polissistema (capítulo 4). Por outro lado, é importante notar que o funcionamento do polissistema que estamos tentando descrever difere, em diversos níveis, do polissistema literário no que tange ao romance ou, mais globalmente, à ficção, em que outros países, como a França, ocupam o lugar de repertório-fonte. Essa observação é, justamente, o que nos leva a tratar do sistema de textos *políticos* como uma entidade independente, que possui seus próprios mecanismos.

2.2 Em busca de uma História da Tradução

Antes de iniciar nossa discussão sobre História da Tradução, é preciso primeiro entender por que alguns autores utilizam o termo *história*, enquanto outros preferem *historiografia*. D'Hulst (2001) define história como a sequência de fatos, eventos, discursos e a apresentação narrativa dos fatos. Historiografia, para o autor, é definida como a história das práticas de escrita da história ou das práticas de outras atividades intelectuais, como Filosofia ou Literatura. Adriana Pagano (2001, p. 120), por sua vez, define a historiografia da tradução como “[...] o estudo histórico e crítico da tradução sob a perspectiva de sua historicidade, isto é, de sua

²¹ Os marxistas e comunistas brasileiros levaram bastante tempo para chegar a um repertório nacional sólido. Tal história, que sem dúvida passa por revolucionários e intelectuais como Octávio Brandão, Luís Carlos Prestes e Nelson Werneck Sodré, além de editoras como a Civilização Brasileira, merece ser objeto de um trabalho futuro.

inserção num contexto histórico”. Em revisão bibliográfica sobre o assunto, Pinilla (2017) traz definições de outros autores: José Lambert (1993 apud PINILLA, 2017) define história como o material histórico e o objeto de pesquisa do historiador, enquanto historiografia seria o modo como os historiadores narram, descrevem e explicam seus objetos. Já Anthony Pym (1998 apud PINILLA, 2017) prefere ser mais sucinto e não diferenciar história e historiografia no campo da tradução, tratando as duas como os discursos que apresentam as mudanças que ocorreram ou que deixaram de acontecer nessa área.

Tratando-se de uma discussão ainda em aberto, com discordâncias entre autores de diversas tradições, preferimos, aqui, referenciar-nos apenas à *história*, por ser o nome mais consagrado para essa área em desenvolvimento que é a História da Tradução. Independentemente da denominação, vários autores concordam que a área acolhe tanto pesquisas sobre a prática da tradução – o que inclui o estudo de textos traduzidos e do papel dos tradutores enquanto agentes dessa história – quanto sobre as reflexões teóricas acerca da tradução (PINILLA, 2017; MARTINS, 1996; WOODSWORTH, 1998). No caso da história das práticas, nosso interesse nesse momento, Woodsworth (1998) delimita esse tipo de pesquisa como o estudo do que foi traduzido, sob que circunstâncias, por quais pessoas e em qual contexto sociopolítico.

Um elemento de acordo entre vários autores é a recusa de um cunho positivista (MARTINS, 1996; DELISLE, 1997; PINILLA, 2017), que encara a história como um encadeamento de fatos em direção ao progresso. Delisle (1997), inclusive, arrola uma série de exemplos do que uma história da tradução *não* deve ser: um grande compilado cronológico de traduções e eventos, registros anedóticos ou simples coleções de biografias individuais. Para o autor, a chave para a pesquisa histórica, assim como para a tradução, é a interpretação: “escrever a história é, essencialmente, buscar compreender”²² (DELISLE, 1997, p. 35, tradução nossa). Em suma, o que parece ser o norte para a História da Tradução é a pesquisa histórica baseada em um problema, que possa responder a perguntas bem delimitadas e que resulte em um acúmulo de conhecimento para a própria disciplina de Tradução.

No que tange ao desenvolvimento da História da Tradução, Pinilla (2017; 2020) remonta o interesse moderno pela pesquisa nessa área ao ano de 1963, momento em que se debateu, na ocasião do IV Congresso da Federação Internacional de Tradutores, a necessidade de se escrever uma história universal da tradução. A tarefa monumental, é claro, não pôde ainda ser completada. No entanto, desde então, muitos autores e pesquisadores dos Estudos da Tradução

²² “*Écrire l’histoire c’est essentiellement chercher à comprendre*”.

de diferentes nacionalidades e tradições têm apontado a importância do estudo da História da Tradução, como Antoine Berman, Susan Bassnett e Amparo Hurtado Albir. Muitas são as justificativas dadas por esses e outros autores para defender o estudo da História da Tradução. Nesse caso, tomamos a liberdade de fornecer a nossa: é preciso conhecer a história para compreender o presente da tradução no nosso país – nossas debilidades, lacunas, desafios e deveres. E assim, talvez, construir um futuro da tradução do Brasil que possa responder ao que já realizamos ou deixamos de realizar.

Diversos autores esboçaram comentários sobre os princípios metodológicos que deveriam guiar os estudos em História da Tradução, talvez pelo próprio caráter novo e inexplorado desse ramo dos Estudos da Tradução. Destacamos aqui Lieven D’Hulst (2001), com seu artigo *Why and How to Write Translation Histories?* e Sabio Pinilla (2017), em *A metodologia em História da Tradução: o estado da questão*. Tais preocupações com o fazer das pesquisas em História da Tradução são de suma importância e constituem nossos alicerces metodológicos neste trabalho.

D’Hulst (2001) sugere um direcionamento para a definição tanto do objeto de uma pesquisa em História da Tradução quanto da metodologia, tomando como base os elementos retóricos clássicos dos filósofos latinos: *Quis? Quid? Ubi? Quibus auxiliis? Cur? Quomodo? Quando? Cui bono?* Essa lista de elementos, que não se pretende exaustiva, fornece um leque de possibilidades do que pode e deve ser trabalhado nessa subdisciplina dos Estudos da Tradução. Vejamos item a item.

- ***Quis?*** Quem é o tradutor? Qual é seu perfil socioeconômico, ideológico, cultural? Qual é sua formação escolar e acadêmica?
- ***Quid?*** O que foi e o que não foi traduzido? Quais foram os critérios de seleção para essas escolhas?
- ***Ubi?*** Onde as traduções foram feitas, publicadas e distribuídas? Quem foram os editores ou agentes responsáveis? Esse movimento veio do centro ou da periferia? De onde vieram os tradutores?
- ***Quibus auxiliis?*** Com o intermédio de quais agentes esses tradutores foram contratados? A quais mecanismos de censura esses tradutores estavam subordinados?
- ***Cur?*** Por que essas traduções foram promovidas e por que elas são do jeito que são?
- ***Quomodo?*** De que modo os textos foram traduzidos e sob quais normas?
- ***Quando?*** Em que momento histórico essa tradução se encontra? Qual é a periodização estabelecida?

- ***Cui bono?*** Qual é o efeito e a função dessa tradução na sociedade?

D'Hulst (2001), portanto, traz pontos importantes a se considerar na escrita de uma história da tradução. No entanto, o desenvolvimento dos estudos nessa área possibilitou outros olhares para as questões metodológicas da pesquisa em História da Tradução. Mais recentemente, Sabio Pinilla (2017) sugeriu um percurso de pesquisa baseado em etapas. Segundo o autor, em primeiro lugar, deve-se escolher o tema e as hipóteses de trabalho de modo bem delimitado, tanto espacial quanto temporalmente. Nesse momento, Pinilla (2017) ressalta que os trabalhos em História da Tradução têm se limitado a seleções de textos e tradutores literários, preferencialmente canônicos, além de apresentarem uma tendência eurocêntrica. Assim, seria importante para a área diversificar seus interesses de estudo. Após *a escolha do tema*, deve-se buscar as *fontes* para a pesquisa, atentando para a periodização estabelecida e para a relevância dos documentos encontrados. Na etapa seguinte, escolhe-se o *método de pesquisa* a partir do objeto de pesquisa já delimitado, podendo-se combinar métodos diferentes: comparação de traduções, análise do papel dos tradutores, descrição das teorias utilizadas, etc. A etapa de *análise* configura o momento interpretativo da pesquisa, que, para o autor, deve gerar conhecimento e ser útil para todos – não apenas para o próprio pesquisador. Para o autor, é essencial que o pesquisador empreenda “[...] uma análise e explicação crítica dos textos e dos seus protagonistas” (PINILLA, 2017, p. 246), com uma boa contextualização social, política, econômica, ideológica e cultural do recorte escolhido. Por fim, Pinilla (2017, p. 246) argumenta que “[...] o último passo na pesquisa histórica deve incentivar uma revisão da história a partir de um ponto de vista crítico; e, como qualquer obra histórica é uma obra aberta, deve propor novos campos de pesquisa”.

Referindo-se especificamente à História da Tradução no Brasil, Pinilla (2020) aponta algumas temáticas que ainda não foram suficientemente abordadas, haja vista que as pesquisas nessa área no país ainda estão dando seus primeiros passos. Para o autor, há uma predominância nos estudos monográficos de escala global, enquanto os estudos mais detalhados de períodos mais delimitados da história são escassos. Entre os diversos temas possíveis elencados por Pinilla (2020), sublinhamos o estudo do papel das traduções no sistema brasileiro, incluindo aí sua recepção e função; as traduções invisíveis e anônimas; a tradução em relação à censura de diferentes períodos históricos; a história dos tradutores.

A motivação para o empreendimento de tais pesquisas está ligada de maneira interdisciplinar aos Estudos Culturais:

Uma prática marginal e até periférica como a tradução, que opera entre línguas, culturas e sociedades de épocas diversas, constitui um terreno privilegiado para analisar as relações complexas que conformam uma cultura determinada, no caso em questão, a cultura brasileira. (PINILLA, 2020, p. 24)

Vemos aí o evidente elo entre os estudos em História da Tradução e as formulações teóricas vistas anteriormente em Even-Zohar (1990; 2010; 2012). Esse ponto de contato é mais bem explorado por Pagano (2001), que afirma que o estudo historiográfico da tradução deve ter um caráter interdisciplinar, podendo adotar abordagens dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, além dos Estudos sobre a Imprensa e a História do Livro. Para a autora, considerar o elemento histórico no processo de produção e recepção das traduções abre as portas para uma maior contextualização da tradução e para os efeitos que ela produz nos sistemas em que se insere:

Nesse sentido, o conceito de literatura como sistema que interage com outros sistemas (social, político, econômico) é um conceito chave dessas abordagens. Dentre elas, a teoria dos Poli-Sistemas representou um marco de grande relevância nas abordagens da tradução enquanto processo de transferência cultural. (PAGANO, 2001, p. 124)

Nesse ponto, a autora ressalva que a aplicação da Teoria dos Polissistemas resultou, até aquele momento, em análises excessivamente literárias, que não tinham em vista outros campos fora da literatura. Além disso, os aspectos sociais, econômicos e políticos continuavam a ser negligenciados; porém, essas próprias debilidades apontam campos promissores de trabalho (PAGANO, 2001).

Podemos observar, portanto, que há muito espaço para a combinação dos estudos de Tradução e Cultura de Even-Zohar com os estudos de História da Tradução, uma vez que ambos estão dispostos a acolher análises diacrônicas, sociais e políticas dos percursos da Tradução em diferentes recortes geográficos, além de diferentes gêneros e sistemas textuais.

Filiamo-nos, portanto, a D'Hulst (2001) e Pinilla (2017; 2020) no que concerne à História da Tradução, combinando esses olhares ao ponto de vista sobre Cultura e Tradução de Even-Zohar (1990; 2010; 2012). Passaremos, agora, aos procedimentos metodológicos que adotamos com base nesses autores.

3. METODOLOGIA

A sequência de nosso referencial teórico mantém-se em nossos procedimentos metodológicos. Para começar a escrever uma história das traduções de Lênin no Brasil, precisamos primeiro entender a dinâmica do sistema em que estão contidas as obras do nosso autor, isto é, o polissistema mundial da literatura comunista. Como vimos em Even-Zohar (1990), o polissistema evidencia as dinâmicas de centro e periferia entre diferentes países e culturas. Nosso interesse aqui é explorar a dinâmica do polissistema literário comunista em nível mundial de modo diacrônico, como preconizado por Even-Zohar, para entendermos o papel do Brasil no interior desse sistema.

Desse modo, tentaremos, no capítulo 4 (*O polissistema mundial de literatura comunista e as fontes para as traduções de Lênin no Brasil*), analisar de que maneira se constituiu esse polissistema, quais foram os agentes centrais e periféricos e que posição ocuparam União Soviética e Brasil nessa dinâmica.

Estabelecendo essa espécie de cartografia do mundo editorial comunista, nossa visão dos aspectos culturais, políticos e geográficos da tradução se amplia. Podemos passar, assim, à nossa história da tradução (ou ainda, das práticas de tradução), que foi guiada por algumas das perguntas descritas por D'Hulst (2001):

Quando? Começamos delimitando o período entre 1920 e 1964. Escolhemos o ano de 1920 como início por ser a data da primeira publicação de uma brochura de Lênin de que temos notícia, excluindo aí as possíveis publicações de textos em periódicos, que estão fora de nosso escopo. O ano de 1964 data o final de nossa história por ser o início da Ditadura Militar no Brasil, que fatalmente dividiria qualquer tentativa de periodização da literatura comunista no país. Além disso, 1964 também marca o fim do levantamento de Edgard Carone (1986) da história do marxismo no Brasil, que foi o norte de nossa pesquisa.

Quid? O levantamento dos livros marxistas publicados no Brasil realizado por Carone (1986) foi, portanto, nossa primeira referência. As informações contidas em seu livro *O Marxismo no Brasil* são a base para nossa tabela de relação dos livros de Lênin traduzidos e publicados no Brasil entre 1920-1964 (Apêndice C). O levantamento do historiador foi feito através de pesquisas na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, de São Paulo. No entanto, conforme a nota apresentada nas primeiras páginas do livro, a maioria das obras repertoriadas pertencia ao próprio autor. A mesma nota também explica a motivação para esse levantamento: “A bibliografia levantada é tentativa para um melhor entendimento sobre o sentido e a difusão do marxismo no Brasil. Ela é uma contribuição

que, necessariamente, terá que se completar com os esforços de outros” (CARONE, 1986, p. 7). Esforçamo-nos, pois, para buscar cada edição individualmente, a partir dos dados do historiador, procurando atestar sua existência e a veracidade das informações.

Para isso, dadas as limitações de pesquisa impostas pelo isolamento social e a pandemia – cenário que acompanhou toda a escrita desse trabalho –, utilizamos de métodos mais abrangentes para encontrar as edições que procurávamos. Na infeliz impossibilidade de acessar arquivos, acervos e bibliotecas físicas, recorremos a plataformas de vendas *on-line*, como Mercado Livre e Estante Virtual; *websites* de sebos e leilões; notícias de jornais que atestassem o lançamento das obras; pesquisas de outros autores.

Tendo encontrado os livros – fosse fisicamente, digitalizados ou simplesmente fotografados – passamos a pesquisar seus conteúdos. Nossa intenção primordial era encontrar os sumários ou listas de textos, os tradutores de cada publicação e os textos-fontes para essas traduções (fosse espanhol, francês ou ainda outro idioma). Em um segundo momento, procuramos traçar o texto até o original russo, quando possível. A apresentação dos resultados dessa etapa da pesquisa está no capítulo 5 (*As edições de Lênin no Brasil*) e na tabela contida no Apêndice C.

Com esses dados, podemos passar às perguntas mais abrangentes: *Ubi? Quibus auxiliis? Cur? Cui bono?* Em outros termos, procuramos entender quem foram os editores e agentes responsáveis por essas traduções, quais mecanismos de censura restringiram esse processo, por que essas traduções são como são e quais foram os efeitos e funções dessas traduções na sociedade brasileira. Apresentamos essa análise qualitativa no capítulo 6 (*Algumas considerações sobre as edições de Lênin no Brasil*).

Após o esforço de localizar e recuperar o máximo de informações possível para cada edição e comentá-las, passamos a buscar os tradutores que as assinaram. Esse movimento corresponde à pergunta *Quis?* Quem é o tradutor? Qual é seu perfil socioeconômico, ideológico e cultural? Restringindo a pergunta ao nosso objeto de pesquisa, procuramos compreender o perfil do tradutor de Lênin no Brasil, se eram tradutores profissionais e quais eram suas motivações para realizar esse trabalho.

Procuramos pela história de cada tradutor e tradutora, que são, sem dúvida, importantes protagonistas da história que estamos compilando aqui. Nossas principais fontes para essa empreitada foram trabalhos acadêmicos sobre a vida dessas pessoas ou sobre a história política do Brasil em geral, além de notícias de jornais e os próprios dados da bibliografia levantada por Carone (1986). Essa etapa de nosso levantamento será apresentada no capítulo 7 (*Os tradutores de Lênin no Brasil*): primeiro, apresentaremos informações de cada tradutor em nível individual

– exceto nos poucos casos em que não obtivemos nenhuma informação – e, em seguida, passaremos a uma análise geral do perfil dos profissionais envolvidos nas edições de Lênin no Brasil.

4. O POLISSISTEMA MUNDIAL DE LITERATURA COMUNISTA E AS FONTES PARA AS TRADUÇÕES DE LÊNIN NO BRASIL: UM COMEÇO DE HISTÓRIA

Ao longo do século XX, é seguro dizer que os textos de Lênin, para chegarem até o Brasil, jamais seguiram um caminho reto desde a Rússia. Os caminhos tortuosos pelo qual passaram justificam-se por duas razões complementares: em primeiro lugar, o Brasil não mantinha um elo cultural muito estreito com a Rússia, uma vez que as origens das línguas de cada país são completamente diferentes e a imigração no sentido Rússia-Brasil, embora tenha acontecido, foi em pequeno número; e, em segundo lugar, o Brasil mantinha relações exteriores com os inimigos do governo soviético, de modo que todo tipo de embargo ou bloqueio aplicados à União Soviética, provindos dos Estados Unidos ou da Inglaterra, por exemplo, também valiam em nosso país. Não houve, portanto, um espaço de troca direta entre Rússia e Brasil, sem intermediários.

E, mesmo assim, as obras soviéticas chegaram até o nosso país, de um modo ou de outro, superando limitações culturais, geográficas e políticas. Isso só foi possível graças às trocas entre países no interior de um sistema mundial de literatura comunista, que seguiu lógicas distintas da literatura de ficção, por exemplo. Apoiando-nos na Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar (1990; 2010; 2012), tentaremos compreender aqui as dinâmicas que possibilitaram a entrada dos livros de Lênin no Brasil, identificando e localizando os países que cumpriram diferentes papéis nesse polissistema.

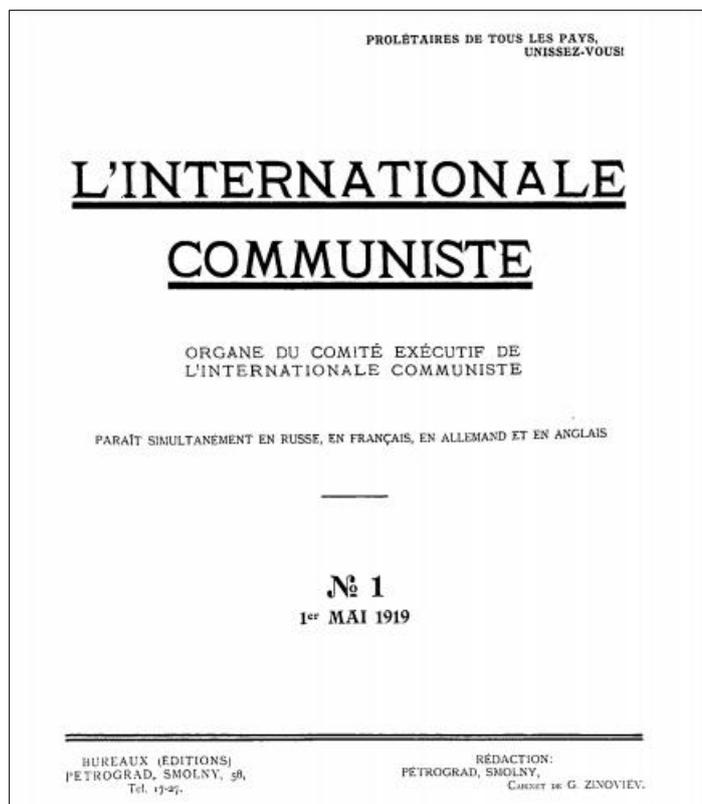
4.1 Da URSS para o mundo

A Internacional Comunista (IC), como já vimos, foi fundada por iniciativa do próprio Lênin, em 1919. Como bem lembra Marie-Cécile Bouju (2004), desde a sua fundação, uma importante parcela das atividades da IC consistia no trabalho de agitação e propaganda, concretizado através da imprensa e do livro, com o intuito de difundir o marxismo-leninismo no mundo. A autora chega mesmo a caracterizar a IC como uma “[...] verdadeira Babel linguística e cultural”²³ (BOUJU, 2016, p. 75). Seu primeiro serviço de edições chamava-se Edições Smolny, pois era sediado no Instituto Smolny de Petrogrado, edifício histórico que havia sido também quartel-general dos bolcheviques. Tal serviço iniciou seus trabalhos editando 28 livros em língua francesa em 1919 e 46 no ano seguinte. Além disso, o Smolny era

²³ “[...] *une véritable Babel linguistique et culturelle*”.

responsável pela publicação da revista oficial da IC, a *L'Internationale communiste*, que era editada simultaneamente em russo, francês, alemão e inglês, como mostra a capa do primeiro número, reproduzida abaixo.

Figura 1 – Capa do primeiro número da *L'Internationale communiste*



Fonte: *Fragments d'histoire de la gauche radicale*²⁴.

Após 1917, Lênin tinha certeza de que o governo soviético somente resistiria aos ataques dos impérios capitalistas se a revolução mundial se espalhasse para a Europa – especificamente na Alemanha, que tinha reais chances de realizar uma revolução vitoriosa. Por isso, Berlim já era vista pelos soviéticos como um ponto estratégico e foi escolhida para sediar o secretariado da IC para a Europa Ocidental. Enquanto isso, em Moscou, encontrava-se a Federação de grupos estrangeiros ligada ao Comitê Central do Partido Comunista russo, responsável esporadicamente pela tradução ou redação de materiais. No entanto, era o serviço de edições da IC, em Petrogrado, o grande centralizador, responsável pela tradução e publicação de livros de Lênin e de outros autores soviéticos. As publicações francófonas preparadas pela IC – destinadas, em grande medida, à América Latina – deram-se inicialmente por intermédio da

²⁴ Disponível em: <http://archivesautonomies.org/IMG/pdf/congres-reunions-internationaux/komintern/revue-internationale-communiste/ic-n01.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2021.

Suíça, que mantinha relações diplomáticas com a então República Socialista Federativa Soviética Russa (que se tornará União Soviética com o fim da guerra civil).

Em 1927, a IC afirmava já estar presente em 40 países, editando em 47 línguas. Nos anos 1930, o serviço de edições é reorganizado em secretariados regionais em quatro seções de trabalho, que seriam os grandes programas editoriais de escala internacional: uma de instrução política para as massas, uma de popularização da União Soviética, uma para assuntos internacionais da IC e, por fim, uma seção leninista, responsável pela edição das obras completas de Lênin. Tal organização é o que permite um crescimento exponencial das edições da IC: em 1934, elas já alcançavam 50 países. Um exemplo da grandeza das operações de edição da IC nesse período é a publicação de um livro sobre a história do Partido Comunista da URSS, editado em 28 línguas, em cinco cidades (Moscou, Paris, Estocolmo, Amsterdã e Nova York), numa tiragem inicial de 500.000 exemplares. O português, no entanto, não estava contemplado nessas 28 línguas (BOUJU, 2004; 2016).

Para Marie-Cécile Bouju (2004), o serviço de edições era particularmente tecnocrata e centralizador – não havia espaço para decisões editoriais dos partidos comunistas dos países-alvo das políticas da IC. Quanto à responsabilidade das traduções dessa grande empreitada, que ainda eram realizadas na União Soviética, a autora traz poucas informações:

O nome russo do serviço [de edições], "Redizdat", pode ser traduzido como "Serviço Redação-Edição". Efetivamente, os atores essenciais desse serviço são os tradutores e revisores. Ignoramos seus nomes e sua quantidade. Mas é provável, a exemplo de outras organizações intelectuais e culturais, que esse serviço era uma passagem para os intelectuais em desacordo com o regime, até mesmo a antessala para a deportação ou a morte. Grande número de publicações francesas traduzidas do russo inclusive silenciam a identidade dos tradutores²⁵. (BOUJU, 2016, p. 76, tradução nossa)

Por outro lado, é sabido que muitos estrangeiros migraram para a recém estabelecida União Soviética para prestar serviço à causa comunista, e alguns acabavam por exercer tarefas de tradução (BOUJU, 2004).

Nos anos 1940, o serviço de edições perde sua centralidade para outra organização capitaneada pelo Comitê Executivo da Internacional Comunista, as Edições em Línguas Estrangeiras, que será a responsável por editar livros para as Américas. Com a dissolução da

²⁵ “*Le surnom russe du service, 'Redizdat', peut être traduit par 'Service Rédaction-Édition'. En effet, les acteurs essentiels de ce service sont des traducteurs et des relecteurs. Nous ignorons leurs noms et leurs nombres. Mais il est probable, à l'instar d'autres organisations intellectuelles et culturelles, que ce service a été un passage pour des intellectuels en délicatesse avec le régime, voire l'antichambre de la déportation ou de la mort. Bon nombre de publications françaises traduites du russe sont d'ailleurs muettes sur l'identité des traducteurs*”.

IC em 1943, as Edições em Línguas Estrangeiras tornam-se subordinadas ao Comissariado do Povo para Assuntos Estrangeiros da URSS.

4.2 França, centro da Europa

Seja no campo da literatura – assunto extensamente trabalhado por Bruno Gomide (2004; 2018) – ou no campo político, a França teve, por um longo período, um papel centralizador e direcionador do intercâmbio cultural entre Brasil e União Soviética. Sendo a língua franca da intelectualidade, ao menos até a primeira metade do século XX, o francês mediava as leituras das elites brasileiras e, no geral, latinas. Em contrapartida, a vanguarda operária não raro ainda estava aprendendo o português, visto que uma grande parcela do proletariado brasileiro era imigrante.

Marie-Cécile Bouju (2013) é quem nos fornece detalhes sobre a organização editorial de esquerda na França. Com a fundação do Partido Comunista Francês (PCF), em 1920, são fundados também o jornal *L'Humanité* e a *Librairie de L'Humanité*, responsável pela edição e distribuição de livros, revistas, brochuras etc. A *Librairie de L'Humanité* acaba por se tornar a estrutura editorial dominante dos comunistas franceses, absorvendo outras editoras menores, como a *Clarté* (1920-1923). Seu catálogo, segundo Bouju (2013, p. 268), “[...] mistura herança socialista francesa e ideologia bolchevique”.

Em 1924, em um movimento de maior centralização da agitação e propaganda, as edições do PCF passam a ser completamente controladas pelo Serviço de Edições da IC. Com isso, a *Librairie de L'Humanité* foi dividida em duas casas editoriais, com funções diferentes: o *Bureau d'Éditions, de Diffusion et de Publicité*, que tinha como objetivo a publicação de obras da atualidade, dirigido pelos franceses, e as *Éditions Sociales Internationales*, que publicava as obras ideológicas mais importantes, selecionadas em Moscou. Bouju (2013, p. 269) sintetiza o resultado dessa movimentação com alguns dados importantes: “Daí em diante, o catálogo das edições francesas cresceu sensivelmente (94 títulos em 1932), sendo literalmente esmagado pelo peso das traduções do russo (71% dos livros publicados em 1931)”. Edgard Carone afirma que as *Éditions Sociales* representam o ápice do movimento editorial marxista até a Segunda Guerra, cuja linha editorial “[...] irá marcar boa parte das editoras da Espanha, do México e do Brasil” (1986, p. 43).

É pela ESI que são publicadas as obras completas (*Œuvres complètes*) de Lênin em língua francesa. A publicação teve como texto de partida a segunda edição das obras completas em russo (*Polnoe sobranie sotchinieniy*), considerada por Carone (1986) como uma das

melhores edições por sua riqueza de notas, anexos e textos complementares. O fluxo de lançamento das obras completas em francês acaba ditando o conhecimento da obra de Lênin no mundo ocidental, uma vez que a maior parte dos seus escritos era até então inédita fora da União Soviética.

Bouju (2013) ressalta o momento de paralisação abrupta das publicações comunistas na França com a entrada do país na Segunda Guerra, em agosto de 1939. Isso resultou no fechamento do PCF, de sua imprensa e editoras, que tiveram todo o seu estoque destruído. Embora tivessem retomado a atividade editorial já no ano seguinte, de maneira clandestina, o número de publicações foi muito menor que em anos anteriores. Em 1945, o PCF pode reconstruir seu aparato editorial a partir das *Éditions Sociales*, que continuou a editar as obras completas de Lênin.

Para Carone (1986), não há dúvidas de que a atividade editorial francesa foi a maior fonte do marxismo e comunismo não só para o Brasil, mas para diversos países de língua latina. As consequências da hegemonia francesa são percebidas tanto pela formação intelectual de várias gerações de comunistas, quanto pela linha editorial homogênea adotada por países como Brasil, México e Espanha.

4.3 Argentina, precursora do marxismo na América Latina

Carone, desenvolvendo seu raciocínio sobre a propaganda comunista e a distribuição de livros marxistas em escala mundial, discute a posição da Argentina dentro dessa dinâmica como “um fato insólito” (1986, p. 35). De fato, a nação vizinha estava muito à frente do Brasil em termos de organização da esquerda: reunidos em um primeiro Partido Socialista fundado em 1896, os militantes encontravam-se já maduros em seus debates internos para responder à turbulência que a história traria nas décadas seguintes. Desse modo, uma fração do partido, atenta aos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial e da Revolução de Outubro, funda em janeiro de 1918 o Partido Socialista Internacional, que mais tarde será rebatizado como Partido Comunista da Argentina (PIEMONTE, 2009). Tal agilidade, fruto de uma tradição consolidada, inexistente no Brasil, é o que faz Carone (1986) tratar desse país de maneira tão enfática como um ponto fora da curva: como exemplo, ele se reporta a duas traduções para o espanhol de obras de Gueórgui Plerránov, publicadas em 1898 e 1903, em Buenos Aires, provavelmente as primeiras traduções de um autor marxista russo em solo latino.

4.3.1 Um parêntese: o caso da imigração alemã na esquerda da Argentina e do Brasil

Ao Club Vorwärts é atribuído um importante papel nos primórdios do socialismo argentino. Ele foi fundado em 1882 por militantes alemães de tradição social-democrata e socialista, expatriados pela política antissocialista imposta por Bismarck no final de 1870. Em Buenos Aires, formaram um grupo relativamente pequeno, mas sólido, responsável por publicar o periódico Vorwärts, escrito em língua alemã, entre 1886 e 1901. A revista, de cunho progressista, trazia informações vindas da Alemanha e da Europa, mas também notícias de outras regiões da Argentina e mesmo do Brasil. Ainda que não trouxesse muitos artigos teóricos, a revista publicava esporadicamente artigos de Marx, Engels, Kautsky, entre outros pensadores em voga na época. A pesquisadora Jessica Zeller (2005), em artigo sobre o clube, afirma que os militantes do Vorwärts, além de tomarem parte das primeiras movimentações socialistas na Argentina, também contribuíram para alguns processos de tradução.

O caso Vorwärts remete-nos imediatamente a uma passagem de Carone (1986) a propósito da circulação de Marx e Engels no período anterior à fundação do PCB:

Dissemos atrás que os nomes de Marx e Engels aparecem esporadicamente numa ou noutra citação jornalística e que até 1914 nada possuímos deles, de maneira mais substancial, como a tradução de um dos seus artigos ou trechos maiores de alguns de seus livros. Infelizmente esta observação se limita aos jornais em língua portuguesa e italiana, menos as alemãs. Sabemos que durante a I República (1889-1930) saíram no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e até em São Paulo inúmeras publicações operárias em língua teuta. Elas não foram analisadas até hoje, fato que poderia mudar parte desta conclusão. (CARONE, 1986, p. 59)

Transcorridos mais de 30 anos desde a publicação da obra de Carone, ainda hoje não nos foi possível localizar trabalhos que tratem dessa lacuna apontada pelo autor. No entanto, parece-nos importante apontar para mais essa frente de intercâmbios possíveis e periféricos entre Alemanha e América do Sul.

4.4 Buenos Aires, porta-voz de Moscou

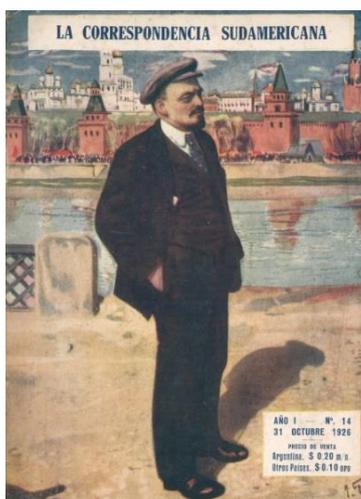
Sendo o Partido Comunista da Argentina (PCA) o partido comunista mais antigo do continente, coube a ele desempenhar o papel de um dos “subcentros articuladores nas periferias”, o porta-voz de Moscou, como bem formula Aruã Silva de Lima (2019, p. 71). Apesar da posição privilegiada da Argentina nessa conjuntura, Lima (2019) ressalta que, ao contrário, por exemplo, da formação do Partido Comunista do México, praticamente

encomendada pelos soviéticos, o partido argentino surgiu de um processo político interno, nativo ao país – pensando na ótica de Even-Zohar, podemos afirmar que a fundação do PCA foi uma inovação no repertório, enquanto a fundação do partido mexicano foi uma interferência. De todo modo, sempre à frente do Brasil, um dos principais dirigentes comunistas da Argentina, Rodolfo Ghioldi, visitara Moscou em 1921, na ocasião do Terceiro Congresso da IC. Para o autor, esse foi um dos motivos para que o PCA encontrasse posição privilegiada:

Dado o pioneirismo dos contatos com Moscou e uma avaliação positiva dos emissários da IC do trabalho político realizado entre operários, [...] o PCA terminou guiando os rumos das discussões sobre a América Latina. Isso implicava que temas e análises da realidade deveriam ter as posições do PCA como parâmetro e que, por algum tempo, o restante dos PCs do Cone Sul viriam a reboque. Uma dinâmica diferente de comunicação entre a IC e seus apêndices só se estabeleceria após a criação do Secretariado Sul-Americano, em 1924, e sua implementação no ano seguinte. (LIMA, 2019, p. 75)

Até mesmo a primeira participação brasileira na Internacional Comunista foi intermediada pelo PCA. Cabia aos argentinos o papel intermediador, intervindo nas atividades comunistas brasileiras em nome do Bureau Sul-Americano (ou Secretariado Sul-Americano), buscando informações sobre o Brasil e as repassando a Moscou (LIMA, 2019). A sede do Bureau, instituído em 1924, passou a ser em Montevidéu após o golpe de 1930 na Argentina, que também levou o PCA à ilegalidade (SILVA, 2011). Como publicação fixa, o Bureau Sul-Americano editava a revista quinzenal *La Correspondencia Sudamericana*, substituída em 1930 pela *Revista Comunista* (SILVA, 2011). Lacerda (2017) aponta em suas pesquisas que a *Correspondencia* era distribuída de forma constante no Brasil. Com base nessa informação, buscamos os arquivos da revista para conhecermos os textos de Lênin que nela foram publicados, e assim termos uma notícia dos textos que circulavam no nosso país na época da publicação. Apresentamos a seguir a capa de um dos números da revista e uma tabela com os textos de Lênin publicados pela revista entre 1926 e 1930.

Figura 2 – *La Correspondencia Sudamericana*, ano 1, nº 14 (out. 1926)



Fonte: *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas*²⁶.

Quadro 1 – Textos de Lênin publicados em *La Correspondencia Sudamericana* (1926-1930)

| Número | Título |
|---------------------------------|---|
| Ano 1, nº 1, abr. 1926 | <i>La revolución rusa y la mujer</i> <i>Las tres Fuentes y los tres Elementos del Marxismo</i> |
| Ano 1, nº 4, mai. 1926 | <i>La revolución es la dictadura</i> (excerto de <i>Duas táticas</i>) |
| Ano 1, nº 6, jun. 1926 | <i>Sobre la consigna “Los Estados Unidos de Europa”</i> |
| Ano 1, nº 9-10, ago. 1926 | <i>La dictadura del proletariado y la conquista de las masas</i> |
| Ano 1, nº 15, nov. 1926 | <i>La libertad de prensa</i> |
| Ano 1, nº 17, dez. 1926 | <i>La construcción del socialismo en Rusia</i> |
| Ano 1, nº 19, jan. 1927 | <i>De la libertad de prensa</i> <i>Democracia burguesa y dictadura proletaria</i> |
| Ano 2, nº 26, jan. 1927 | <i>De la palabra de orden del desarme</i> |
| Segunda época, nº 3, ago. 1928 | <i>La Revolución Rusa</i> |
| Segunda época, nº 4, set. 1928 | <i>Sin teoría revolucionaria no hay movimiento revolucionario</i> |
| Segunda época, nº 7, jan. 1929 | <i>Los partidos políticos en Rusia y las tareas del proletariado</i> <i>Un manifiesto inédito de Lenin contra la guerra</i> <i>Cartas sobre táctica</i> |
| Segunda época, nº 16, ago. 1929 | <i>El imperialismo y la crisis del socialismo</i> <i>Guerra a la guerra (Carta de Lenin sobre la Conferencia de La Haya)</i> <i>Sobre la milicia proletaria</i> |
| Segunda época, nº 20, nov. 1929 | <i>Esperar es un crimen</i> |
| Segunda época, nº 24, jan. 1930 | <i>El partido obrero y los campesinos</i> <i>Las dos curvas de la revolución</i> |

²⁶ Disponível em: <http://americalee.cedinci.org/wp-content/uploads/2020/09/correspondencia-sudamericana-14.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2021.

Fonte: *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas*²⁷

O PCA, sempre em sintonia com as recomendações da IC, editava sua propaganda política através de dois selos, a *Biblioteca Documentos del Progreso* e a *Ediciones de La Internacional*. Este último publicou mais de 30 obras entre 1921 e 1933, sendo Lênin o autor mais publicado. E o Brasil, cumpre lembrar, recebia e também traduzia essas edições (PETRA, 2020).

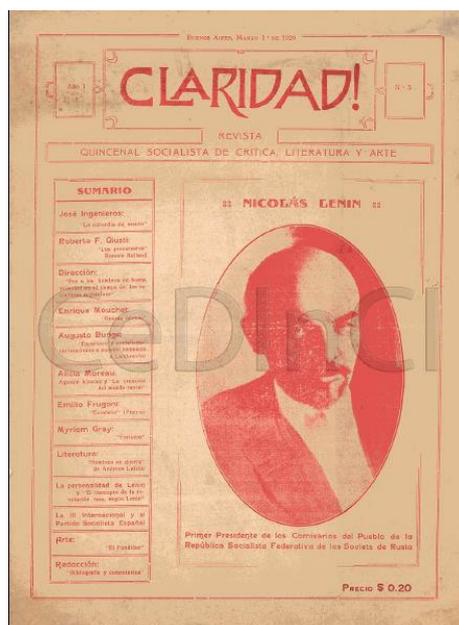
4.5 A Editorial Claridad

Carone (1986) é quem ressalta a importância das atividades editoriais da *Cooperativa Editorial Claridad* entre nós, no Brasil. Fundada por um imigrante espanhol, membro do Partido Socialista, em solo argentino nos anos 1920, a *Claridad* tinha como objetivo ser uma “tribuna do pensamento de esquerda”, de modo a educar setores mais populares com publicações de baixo custo. Ela toma emprestado o nome e os princípios da revista francesa *Clarté*, construindo assim uma ponte direta entre França e Argentina. Ainda que muitos dos integrantes da cooperativa fossem militantes partidários, as publicações da editora prezavam pela ampla participação da esquerda, abarcando aí militantes anarquistas, socialistas democráticos, entre outras tradições. Tal configuração é nomeada pela pesquisadora Graciela Montaldo como “[...] um projeto eclético de tendência esquerdista”²⁸ (MONTALDO, 1990, p. 421, tradução nossa). Da literatura política soviética, a *Claridad* publica, por exemplo, *Imperialismo, última etapa del capitalismo*, de Lênin, e o *ABC del comunismo*, de Burrárin (CEDRO, 2012).

A *Claridad* também publicava uma revista homônima, da qual encontramos os arquivos de seu primeiro ano. Apresentamos, pois, a capa de seu número temático de Lênin e os textos do autor publicados na revista no ano de 1920.

²⁷ Disponível em: <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/la-correspondencia-sudamericana/>. Acesso em: 6 mai. 2021.

²⁸ “[...] un proyecto eclético de tendencia izquierdista”.

Figura 3 – *Claridad*, ano 1, nº 3 (mar. 1920)

Fonte: *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas*²⁹.

Quadro 2 – Textos de Lênin publicados na *Claridad* em 1920

| Número | Título |
|------------------------|--|
| Ano 1, nº 5, abr. 1920 | <i>Una carta de Lenin a los comunistas italianos</i> |
| Ano 1, nº 6, mai. 1920 | <i>Del maestro Lenin: La destrucción del parlamentarismo</i> |

Fonte: *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas*³⁰.

4.6 México e outras configurações latinas

Segundo Lima (2019), a IC criou, nos anos 1920, a Agência Pan-Americana, um *bureau* para unir revolucionários na América a partir do México, ponto estratégico para Moscou devido à sua proximidade com os Estados Unidos. Para Lima, a tática de “[...] fazer do México um porto para atividades comunistas associava-se à nova estratégia global de minar os imperialismos a partir de suas periferias” (2019, p. 69). Fazia parte da responsabilidade dos *bureaux* a distribuição da literatura comunista, além de outras atividades políticas e trocas de informações.

Havia ainda, nas dinâmicas de edições de esquerda em língua espanhola, a presença da Espanha, sob a forma de um “manancial secundário” (CARONE, 1986, p. 44), que era

²⁹ Disponível em: http://americalee.cedinci.org/wp-content/uploads/2017/10/Claridad1920_n3.pdf. Acesso em: 6 mai. 2021.

³⁰ Disponível em: <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/claridad/>. Acesso em: 6 mai. 2021.

influenciada também pela Alemanha e Inglaterra, em contraposição à hegemonia francesa, mas que, com sua Guerra Civil (1936-1939) e posterior ditadura, perde a presença no círculo de edições comunistas mundial. Um dos grandes momentos editoriais na Espanha são as publicações da *Biblioteca Nueva* nos anos 1920, em que figuram Lênin, Kautsky, Trótski e Górkí. Carone também ressalta uma característica própria das edições no país: as casas publicadoras pequenas, mas em grande quantidade. Após a Guerra Civil, fugindo do franquismo, intelectuais e militantes de esquerda espanhóis buscaram refúgio no México e na Argentina, reorganizando o fluxo de influências e trocas culturais que se consolidou durante a Segunda Guerra Mundial:

Cabe ao México servir de primeiro elo entre esse passado recente e o momento histórico do conflito mundial. Nestes mesmos anos, a Argentina e o Chile vão ser outras fontes de editoração de literaturas marxistas, que também acaba chegando até nós, apesar da ditadura getulista. Mas, de todos, o México é o mais importante. (CARONE, 1986, p. 50)

Assim, é possível detectar aí um ascenso da língua espanhola como fonte das publicações de esquerda brasileiras. Também houve intercâmbio com o Chile, que, segundo Carone (1986), não havia assinado a Convenção Internacional sobre Direitos Autorais, o que barateava seus livros. Não menos importante, o movimento de esquerda estava em ascenso no Chile desde a vitória da Frente Popular em 1938, o que impulsionava as atividades editoriais comunistas (RIVEIRA MIR, 2018 apud PETRA, 2020). Também cabe ressaltar a posição que o Uruguai toma nos anos 1940, quando se torna refúgio para os argentinos exilados e, assim, ocupa o lugar da Argentina no sistema de edições da esquerda sul-americana (PETRA, 2020).

4.7 Brasil, periferia do comunismo

Carone (1986) é muito claro ao dizer que o marxismo só terá influência no Brasil após a Revolução Russa. Segundo o autor, não há menção dos nomes de Marx e Engels na imprensa proletária, muito menos artigos sobre materialismo dialético e traduções sobre o assunto até a Primeira Guerra Mundial. No entanto, havia certa circulação de livros importados de Marx e Engels no Brasil: os militantes brasileiros correspondiam-se com camaradas da França, Itália, Espanha e Portugal, e trocavam materiais políticos. Além desse intercâmbio, algumas livrarias também importavam livros de esquerda. Para Carone, até 1920, não houve discípulos de Marx e Engels no Brasil, apenas leitores. Ao mesmo tempo, começavam a circular pequenos artigos de Lênin e Trótski em jornais operários.

Segundo Lacerda (2017, p. 25), “[a] história da formação do PC do Brasil é perpassada pela primeira recepção de literatura do movimento comunista internacional”. Em sua pesquisa, ele obtém acesso a uma carta datada de 1922 de um dirigente do recém formado Partido Comunista do Brasil (PCB), Abílio de Nequete, endereçada ao Comitê Executivo da IC. Nela, Nequete relata que no Brasil não há literaturas comunistas, mas que, felizmente, eles tiveram acesso aos *Documentos del Progreso* de Buenos Aires, e que também receberam livros e jornais de camaradas uruguaios. Em outro relatório, um membro relata a doação, por parte do Bureau da IC para a América do Sul, de centenas de livros e brochuras editadas na Argentina e no Uruguai (LACERDA, 2017).

Concretamente, até 1930, o mercado editorial brasileiro era muito fraco e grande parte dos livros que circulavam eram importados, disponíveis apenas em língua estrangeira. Gomide (2018), sempre com o olhar voltado à literatura, faz uma afirmação pertinente também à nossa ótica:

Antes não havia o livro nacional a assinalar a presença material da literatura russa – quase não existiam traduções. Os livros russos estavam representados por seus intermediários franceses, volumes que marchavam na linha de frente, seguidos pelo passo encabulado de alguns agregados portugueses e espanhóis e por raríssimos órfãos brasileiros a mendigar um olhar. (GOMIDE, 2018, p. 25)

Já Secco (2013, p. 35) ressalta a presença da língua espanhola, contrariando a opinião de que o francês seria a língua de maior circulação das ideias políticas russas: “Do artigo em revista a uma brochura impressa há um salto que exige recursos e tradutores [...]. Por isso, salvo raras exceções, os primeiros teóricos marxistas estrangeiros circulam em espanhol”. Carone (1986), por sua vez, afirma que as fontes marxistas no momento da fundação do PCB são, basicamente, as edições em língua francesa vindas da Rússia, por intermédio da Suíça e da França, e as edições argentinas. O autor também nota que publicações inglesas e americanas dificilmente chegavam ao Brasil naquele momento, pois poucas pessoas, mesmo na intelectualidade, dominavam a língua inglesa.

É justamente essa debilidade na comunicação que pressionará o PCB a formar, além de militantes, tradutores, para assim fazer circular mais amplamente as ideias comunistas. Secco (2013), evocando os fundadores do PCB, ainda nos anos 1920, relembra:

Astrojildo Pereira, [Octávio] Brandão e [Antônio] Canellas são leitores, escritores e tradutores. Como pioneiros, eles tiveram que ler as edições francesas. Para difundir as ideias precisaram atuar como tradutores. Depois de aprender francês, Brandão preparava edições na União Soviética. (SECCO, 2013, p. 41)

A exigência vinha da base. Há relatos de críticas dos operários que assistiam a um curso de formação baseado n' *O Manifesto Comunista* pois este não estava traduzido para o português (SECCO, 2013). Impossibilitado de publicar livros, já que não tinha editora ou recursos, o PCB tentou, primeiramente, organizar esquemas – categorizados como *artesanais* por Carone (1986) – de distribuição de livros importados da França e da Argentina. Tratava-se de uma organização capitaneada por Astrojildo Pereira, que trabalhava com uma rede de contatos simpatizantes, sindicatos e outras entidades para distribuir materiais. Artesanal ou não, o fato é que os materiais comunistas disponíveis no Brasil nos anos 1920 são de responsabilidade exclusiva do PC e da IC, formando uma distribuição centralizada, preconizada pela Internacional. Como exceção, uma ou outra livraria, como a Livraria Espanhola, no Rio de Janeiro, importavam obras em espanhol e francês (LACERDA, 2017).

Veremos, a seguir, que o desenvolvimento concreto de edições – traduzidas – de Lênin no Brasil contou, sobretudo, com fontes em espanhol e francês. A dinâmica das traduções era parte de uma relação entre sistemas onde a União Soviética destacava-se como centro; a França, centro da Europa; a Argentina, centro da América do Sul; e o Brasil caracterizava-se como a periferia de todas essas relações. No período que estamos estudando, não houve possibilidade de tradução direta do russo para o português. Gomide (2018, p. 223), sempre tratando da literatura russa, afirma que, “[n]o quesito do contato direto com a língua russa e dos resultados concretos obtidos a partir daí, em traduções e textos críticos, a América Latina foi a região mais atrasada do planeta”. No entanto, vimos que, em se tratando do texto político russo, a América Latina não pode ser entendida de forma reducionista, pois entre Argentina e Brasil as diferenças eram bem grandes.

Vimos que a interferência da União Soviética ditou as obras que seriam publicadas no Brasil, que tinha como intermediários primordiais a França e a Argentina. Assim, é fácil entender por que as línguas-fonte das traduções de Lênin eram, via de regra, francês e espanhol. Visto que a responsabilidade oficial pela tradução de Lênin era dos aparatos editoriais do partido comunista de cada país, no jogo de relações políticas de esquerda no interior da América Latina, malgrado o tamanho continental do Brasil, o que contava aos olhos dos soviéticos era o alcance da língua e a consolidação do partido comunista local. Assim o Brasil, isolado com seu português, não teve chance de alcançar o centro do polissistema da literatura política latino-americana. Gomide (2018), considerando o período da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo, faz uma avaliação que corrobora o que apontamos ao longo do capítulo:

Em comparação com os seus vizinhos, o Brasil foi um dos países menos visados pelas instituições de propaganda cultural soviéticas no período da guerra. Isso se devia a três motivos. Em primeiro lugar, havia a facilidade de disseminação do material preparado em espanhol para um grande número de países ao mesmo tempo, em contraste com a ilha lusófona. Sabia-se que os textos em castelhano poderiam circular no Brasil e teriam lá a sua utilidade, mas, evidentemente, a questão do idioma representava uma dificuldade a mais em meio a tantas já existentes. Havia ainda a questão da imigração de intelectuais espanhóis exilados depois da Guerra Civil, sobretudo na Argentina e no México, os dois alvos principais dos soviéticos. Eles representavam contatos excelentes, em potencial ou já estabelecidos, com Moscou. Por fim, pesou a força da repressão varguista sobre qualquer coisa que cheirasse a comunismo. Documentos de Moscou mostram como cenário brasileiro era apontado como pouco favorável para a difusão de temas russos.

O Brasil era uma nota de rodapé em meio a um esforço não desprezível de propaganda soviética no continente. (GOMIDE, 2018, p. 123)

Finalmente, cumpre destacar a importância da teoria de Even-Zohar (1990; 2010; 2012) no nosso trabalho. É ela quem nos dá as lentes para enxergar a dinâmica das traduções desde uma perspectiva mundial, onde cada país desempenha um papel no jogo de interferências literárias, políticas e geográficas, e onde centro e periferia são constantemente colocados em questão. Com todas essas reflexões em mente, podemos agora passar para apresentação das obras de Lênin publicadas no Brasil.

5. AS EDIÇÕES DE LÊNIN NO BRASIL

O objetivo deste capítulo é passar por cada edição registrada por Carone (1986) com a intenção de atestar a existência da obra e, na medida do possível, averiguar qual é seu texto-fonte – isto é, qual teria sido o texto utilizado como base para as traduções, que nesse período nunca foram feitas a partir da língua russa – e, quando possível, seu original em russo³¹.

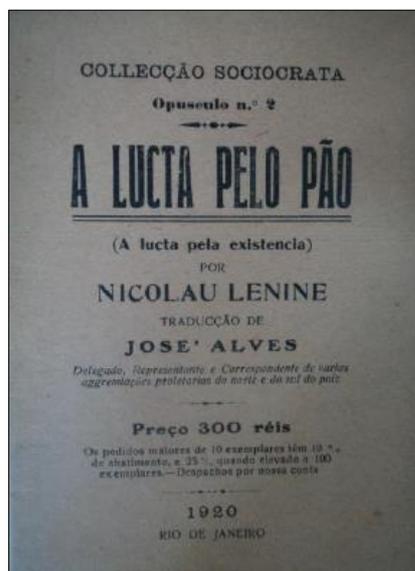
Chamou-nos a atenção certos títulos menos conhecidos entre as obras: desde o primeiro texto de Lênin traduzido no Brasil, *A luta pelo pão*, passando pelas misteriosas *Memórias*, até o bastante panfletário *Comunismo: iniciação doutrinária*. Na falta de acesso aos livros físicos e sumários, não podemos afirmar com precisão os textos que compõem todas as obras apresentadas a seguir. Muitos livros são coletâneas de artigos, de modo que só é possível saber seu conteúdo através dos sumários e índices. No entanto, ainda que não possamos assegurar que todos os livros e textos abaixo foram de fato escritos por Lênin, o fato é que foram publicados sob essa autoria e, principalmente, lidos com esse nome em mente. Formaram, portanto, o imaginário do leitor da época: a figura de Lênin era também o *resultado* dos livros atribuídos a ele.

Antes de passarmos às edições, gostaríamos de esclarecer a questão dos nomes de Lênin no Brasil. A grafia “Lenine”, bem comum até, pelo menos, os anos 1940, é na verdade herdada da transliteração de Lênin para o francês (assim como, por exemplo, *Boukharine*, que em nossa transliteração torna-se Burrárin). Veremos que, com o passar do tempo, as editoras passaram a grafar “Lenin” e, então, “Lênin”. Também é interessante notar que muitas edições, como *No caminho da insurreição*, atribuem a autoria a N. Lenine (Nicolau ou Nicolas, quando não abreviado). Isso acontece porque Nikolai fazia parte do pseudônimo de Lênin – cujo verdadeiro nome, lembremo-nos, era Vladímir Ilítch Uliánov. Ele assinava muitos de seus textos como “N. Lênin” e, possivelmente, os comunistas através do mundo só puderam conhecer seu nome verdadeiro depois que trabalhos biográficos sobre a vida do revolucionário começaram a surgir.

³¹ As coletâneas contendo muitos textos de momentos variados da vida de Lênin dificultaram nossa pesquisa, haja vista que suas obras completas contam 55 volumes.

5.1 A luta pelo pão

Figura 4 – *A luta pelo pão*



Fonte: LACERDA (2017, p. 54).

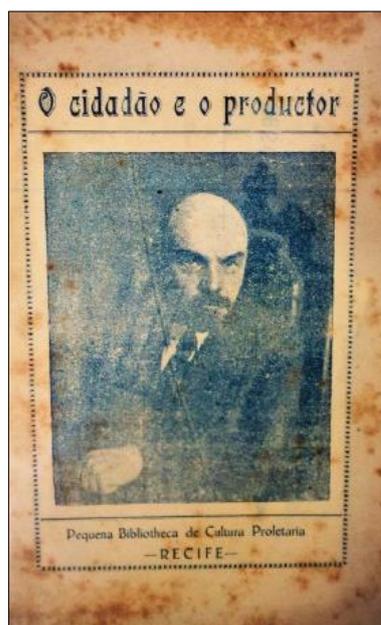
A luta pelo pão (*A luta pela existência*) pode ser considerada a primeira publicação de Lênin em brochura no Brasil. Antes disso, tivemos apenas artigos ou trechos publicados em jornais. Felipe Lacerda (2017; 2019) é quem nos informa sobre essa publicação: fazia parte da Coleção Sociocrata, editada por José Alves, cujo primeiro número chamava-se *Quem é Lenine?* O segundo número, portanto, trazia um texto do autor, em tradução do próprio editor. De acordo com Lacerda, o texto foi traduzido a partir da publicação argentina da *Biblioteca Documentos del Progreso*, que trazia na mesma publicação o texto *Trabajo, Orden y Disciplina Salvarán la República Socialista*, de Liév Trótski. O original argentino informava que o texto *La lucha por el Pan* provinha “[...] de discurso pronunciado por Lenin no verão de 1918 em sessão extraordinária do Comitê Central Pan-Russo dos Soviets de operários, soldados e camponeses” (LACERDA, 2019, p. 66).

De fato, no verão de 1918, uma das maiores preocupações de Lênin era a luta contra a fome: em maio, escreveu vários decretos e artigos sobre a questão da distribuição de alimentos e medidas de combate à fome, que se encontram no volume 36 de suas obras completas. No entanto, o texto-fonte seguramente é o discurso proferido na reunião do Comitê Executivo Central Pan-Russo, que foi publicado em Moscou, em 1918, sob forma de brochura, com o título *Borba za khleb*, ou seja, *Luta pelo pão*. No volume 36, o título do texto é *Obedinionnoe zassedanie VTSIK, Moskovskogo Soveta Rabotchirr, KrestianskIRR i KrasnoarmeiskIRR Deputatov i Professionalnyrr Soiuzov* [Reunião conjunta do Comitê Executivo Central Pan-

Russo, Soviete de Deputados Operários, Camponeses e Soldados do Exército Vermelho de Moscou e Sindicatos Profissionais], datado de 4 de junho de 1918, e a edição explica em nota que se trata do mesmo texto da brochura *Borba za khleb*³².

5.2 O cidadão e o produtor

Figura 5 – *O cidadão e o produtor*



Fonte: LACERDA (2017, p. 83).

O primeiro número da Pequena Biblioteca de Cultura Proletária, organizada pelo Comitê Regional do PCB de Pernambuco, traz a entrevista de Lênin para o coronel Raymundo Robnis (*sic*), texto que parece ser completamente desconhecido nos dias de hoje. O título completo, segundo Carone (1986), é *O cidadão e o produtor: entrevista que o Cel. Raymundo Robnis (sic), presidente da Cruz Vermelha norte-americana teve com Lênine, presidente do Colégio dos Comissários do povo nos Estados-Unidos Sovietistas*, e não há indicação do tradutor do texto. Novamente, Lacerda (2017, p. 81) é quem nos traz informações acerca dessa publicação:

A entrevista trata da superioridade do sistema comunista em relação ao capitalista. Edição de má qualidade, apesar de a impressão ser boa, tudo indica serem trechos desconstruídos da entrevista de Lenin, traduzidos com dificuldades (o tradutor não

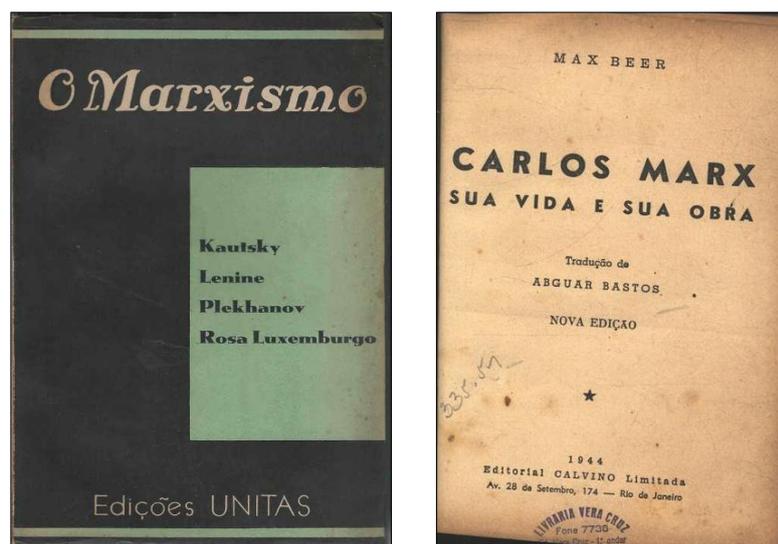
³² LÊNIN, V. I. *Obedinonnoe zasedanie VTSIK, Moskovskogo Soveta Rabotchirr, Krestianskirr i Krasnoarmeiskirr Deputatov i Professionalnyrr Soiuzov*. In: LÊNIN, V. I. *Polnoe sobranie sotchineniy*. Tomo 36. 5ª ed. Moscou: Instituto do Marxismo-Leninismo, 1974. p. 393-419. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/36.htm#s489>. Acesso em: 27 mai. 2021.

está indicado). Tem como característica mais interessante ostentar uma foto de Lenin numa capa bem elaborada.

Do que pudemos levantar, Raymond Robins foi um político de esquerda moderada nos Estados Unidos e foi para a Rússia durante a Primeira Guerra, em expedição da Cruz Vermelha, tendo voltado para sua terra natal em 1918. Aparentemente, realizou uma série de entrevistas com Lênin e outros bolcheviques enquanto esteve em expedição (SIMKIN, 1997). O livro *Raymond Robins' Own Story*, de William Hard, publicado em 1920, relata que Robins foi a Moscou em março de 1918 para comparecer ao 4º Congresso dos Sovietes e visitou Lênin no dia 13 de março. Um longo diálogo entre Robins e Lênin, possivelmente a entrevista de *O cidadão e o produtor*, é apresentado no quarto capítulo, “*The personality and power of Nikolai Lenin*”. Essa hipótese ganha força quando vemos a passagem em que Lênin trata de cidadãos e produtores: “Nossa república é a república dos *produtores*. Você dirá que sua república é a república dos *cidadãos*. Muito bem. Eu direi que o homem enquanto produtor é mais importante do que o homem enquanto cidadão³³ (HARD, 1920, sem paginação, tradução nossa, grifos do autor). O texto-fonte para essa edição pode ter sido, portanto, de língua inglesa.

5.3 Seleção de artigos sobre Karl Marx e o Marxismo contidos em várias obras

Figura 6 – O marxismo e Carlos Marx (folha de rosto)



³³ “Our republic is a producers' republic. You will say that your republic is a citizens' republic. Very well. I say that man as producer is more important than man as citizen”.

Fonte: Ephemera³⁴ (à esquerda) e livraria Traça (à direita)³⁵.

Carone (1986) aponta um texto, datado de 1930 e sem casa publicadora, chamado *O Marxismo*, que teria sido traduzido por Miguel Macedo, um militante trotskista, e que continha 30 páginas. Outra informação interessante, mas que não pudemos atestar, é que a capa seria de autoria do artista Di Cavalcanti. Sobre essa edição não encontramos absolutamente nenhuma informação para além das que traz Carone. Mas Macedo era membro do grupo político que fundou a Editora Unitas, responsável por uma edição homônima, dessa vez publicada em 1933, que, segundo Carone, estava disposta da seguinte maneira:

Quadro 3 – Títulos que compõem a coletânea *O Marxismo*

| Autor | Título | Página |
|-----------------------|--|---------------|
| Friedrich Engels | <i>Karl Marx: discurso proferido no enterro de K. Marx</i> | p. 7-10 |
| Karl Kautsky | <i>Karl Marx</i> | p. 13-81 |
| Vladimir Lênin | <i>Karl Marx e sua doutrina</i> | p. 83-145 |
| | <i>As três fontes e as três partes integrantes do marxismo</i> | p. 145-160 |
| Gueórgui Plerránov | <i>Karl Marx</i> | p. 161-176 |
| Rosa Luxemburg | <i>Estacionamentos e progressos do marxismo</i> | p. 177-189 |

Fonte: Elaborado por nós a partir de informações de Carone (1986).

A pesquisadora Maria Luiza Carneiro (2002, p. 65), em estudo nos arquivos do antigo Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS) de São Paulo, aponta que uma apreensão da polícia no estoque da editora Unitas levou 956 volumes desta edição. Aparentemente, a editora Guáira herdou ou adquiriu parte do acervo da Unitas, pois publicou esse mesmo volume de *O Marxismo*, por volta de 1945, contendo os textos de Engels (p. 7-11), de Kautsky (p. 13-63), de Plerránov (p. 123-135), de Luxemburg (p. 137-146) e de Lênin: *Karl Marx e sua doutrina* (p. 65-110) e *As três fontes e as três partes integrantes do marxismo* (p. 110-117).

Quanto às fontes dessas traduções, já havíamos visto que o primeiro número de *La Correspondencia Sudamericana* continha o texto *Las tres Fuentes y los tres Elementos del Marxismo*. Ele podia, certamente, ser encontrado no Brasil, mas não podemos afirmar que tenha

³⁴ Website responsável por divulgar o acervo pessoal de José Pacheco Pereira, professor, jornalista, escritor e político português. Disponível em: <https://ephemerajpp.com/2018/10/12/biblioteca-jose-hattenberger-rosa-antonio-dos-santos-ferreira-marxismo-comunismo-etc/>. Acesso em: 26 jul. 2020.

³⁵ Anúncio de venda no website da livraria Traça. Disponível em: <https://www.traca.com.br/livro/884350/carlos-marx-sua-vida-obra/#>. Acesso em: 26 ago. 2020.

sido a fonte para essas traduções específicas. Em russo, o texto chama-se *Tri istotchnika e tri sostavnyrr tchasti marksizma*³⁶.

Karl Marx et sa doctrine foi uma brochura publicada diversas vezes pelas *Éditions Sociales* na França. A edição de 1947 (59 p.), por exemplo, apresenta os seguintes artigos: *Karl Marx, Les trois sources et les trois parties constitutives du marxisme, Les destinées historiques de la doctrine de Karl Marx, Marxisme et revisionnisme e De certaines particularités du développement historique du marxisme*³⁷. Ou seja, possui quatro artigos além d'*As três fontes*. Se houve edição anterior, poderia muito bem ter sido a fonte para essas traduções, pois, salvo engano, não há um texto de Lênin com esse título.

Em 1944, o texto *As três origens e as três partes constitutivas do marxismo*, traduzido por Abguar Bastos, foi publicado na terceira edição da biografia *Carlos Marx: sua vida e obra*, escrita por Max Beer. Segundo Juberte (2016, p. 115), além do texto de Beer, o livro incluía o resumo de *O Capital* e *Recordações íntimas de Carlos Marx*, de Paul Lafargue, *Meu pai*, de Eleonora Marx e, como apêndice, *As três origens*, de Lênin e *Pausas e recuos do marxismo*, de Rosa Luxemburg.

O mesmo texto foi publicado em tradução de J. de Sá Carvalho na edição do *Manifesto comunista*, de Marx e Engels, publicado no Rio de Janeiro, pela editora Triângulo, em 1945, sob o nome de *As três fontes e as três partes integrantes do marxismo*. Segundo Carone (1986), a edição, que foi traduzida do inglês, comete um erro ao afirmar que o manifesto foi publicado originalmente nessa língua. Podemos supor que o ensaio de Lênin também teria sido traduzido do inglês, mas não temos mais informações para comprovar isso.

³⁶ LÊNIN, V. I. *Tri istotchnika e tri sostavnyrr tchasti marksizma*. In: LÊNIN, V. I. *Polnoe sobranie sotchineniy*. Tomo 23. 5ª ed. Moscou: Instituto do Marxismo-Leninismo, 1973. p. 40-48. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/23.htm>. Acesso em: 27 mai. 2021.

³⁷ Essas informações foram obtidas a partir do anúncio de venda do livro no *website* da *Librairie Gangloff Sarl*, disponível em: https://www.librairie-gangloff.fr/index.php?id_product=1173&controller=product&id_lang=1. Acesso em: 27 mai. 2021.

5.4 No caminho da insurreição

Figura 7 – *No caminho da insurreição* e anúncio de jornal em que constam *O Marxismo* e *No caminho da insurreição*



Fonte: DEAECTO; MOLLIER (2013, p. 192) e jornal *O Homem Livre*³⁸ (à direita).

No caminho da insurreição, publicado pela editora Unitas, em 1931, foi traduzido por Aristides Lobo. Segundo Karepovs (2019b), trata-se de uma coletânea de textos escritos entre setembro e novembro de 1917. Mais do que traduzir, Lobo foi aparentemente o editor do livro em questão, como relata Maria Luiza Carneiro (2002) em comentário a respeito das tipografias que imprimiam livros comunistas:

Ao ser interrogado em 1931 pelo Delegado da Ordem Social de São Paulo, João Bentivegna não conseguiu escolher informações comprometedoras. Confirmou ser proprietário da Typographia Gráfica Paulista, localizada na Rua da Glória, nº 42 e que, realmente, havia sido procurado por Aristides Lobo para orçar a impressão de um livro.

“Que livro era este?”, deve ter-lhe argüido o Delegado Ignácio da Costa Ferreira. Tratava-se, segundo o declarante, da tradução de cartas de Lênin e que receberam o título *O Caminho da Insurreição* (sic). A tiragem de dois mil exemplares foi orçada em doze mil e quinhentos réis a página, o que levou Aristides Lobo a cotar preços em outras tipografias. Mas, segundo João Bentivegna, Aristides retornou e aceitou o orçamento proposto [...]. O serviço de impressão foi feito parceladamente, à medida que Aristides ia traduzindo as cartas. (CARNEIRO, 2002, p. 98)

³⁸ Fonte: **O Homem Livre**, São Paulo, ano 1, n. 6, 2 jul. 1933, p. 3. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/homem/pdf/06_02-07-1933.pdf. Acesso em: 22 jul. 2020.

Temos poucas dúvidas de que sua fonte foi a brochura de 191 páginas *Sur la route de l'insurrection*, publicada em Paris, pela *Librairie de l'Humanité*, em 1924 (BOUJU, 1999), pois, de fato, os textos reunidos nessa edição são do período comentado por Karepovs (2019b). Encontramos uma tradução espanhola, *El camino de la insurrección*, publicada em Madrid pela editora Zeus, mas essa edição data de 1932³⁹, ou seja, é posterior à brasileira. Apresentamos, portanto, a lista de títulos contidos na edição francesa e seus correspondentes em russo com as respectivas datas:

Quadro 4 – Títulos que compõem a coletânea *Sur la route de l'insurrection* e seus textos-fonte

| Título em francês | Título em russo | Data |
|---|---|------------------------------------|
| <i>Lettre au Comité Central du Parti Ouvrier social-démocrate russe (bolchévik)</i> | <i>Pismo v tsentralnyi komitet RSDRP(b)</i> | 19 out. (1º nov.) 1917 |
| <i>Des Compromis</i> | <i>O kompromissarr</i> | 1-3 (14-16) set. 1917 |
| <i>Une des Questions fondamentales de la Révolution</i> | <i>Odin iz korennnyr voprossov revoliutsi</i> | 27 (14) set. 1917 |
| <i>De la Liberté de la Presse</i> | <i>Kak obespetchit usperr utchreditelnogo cobrania (O svobode petchati)</i> | 28 (15) set. 1917 |
| <i>L'Épouvantail de la Guerre civile</i> | <i>Ruskaia revoliutsia i grajdanskaia voina. Pugaiot grajdanskoj voinoi</i> | 29 set. (16 out.) 1917 |
| <i>Les Objectifs de la Révolution</i> | <i>Zadatchi revoliutsi</i> | 9-10 out. (26-27 set.) 1917 |
| <i>Les Bolchéviks doivent prendre le Pouvoir</i> | <i>Bolcheviki doljny vziat vlast</i> | 12-14 (25-27) set. 1917 |
| <i>Le Marxisme et l'Insurrection</i> | <i>Marksizm i vosstanie</i> | 13-14 (26-27) set. 1917 |
| <i>La Catastrophe imminente et les Moyens de la conjurer</i> | <i>Groziaschaia katastrofa i kak s nei borotsia</i> | 10-14 (23-27) set. 1917 |
| <i>Les Bolchéviks conserveront-ils le Pouvoir ?</i> | <i>Uderjat li bolcheviki gossudarstvennuu vlast?</i> | 1º (14) out. 1917 |
| <i>La Crise approche</i> | <i>Krizis nazrel</i> | 20 out. (7 nov.) 1917 |
| <i>Lettre au Comité de Petrograd et au Comité de Moscou du Parti Ouvrier social-démocrate de Russie (bolchévik)</i> | Não localizado | Não localizado |
| <i>Du mot d'ordre « Tout le Pouvoir aux Soviets »</i> | <i>O lozungue "Vssia vlast sovetam"</i> | 29 set. – 4 out. (12-17 out.) 1917 |
| <i>Conseils d'un Absent</i> | <i>Sovety postoronnego</i> | 8 (20) out. 1917 |
| <i>Lettre aux Camarades</i> | <i>Pismo k tovarischam</i> | 17 (30) out. 1917 |

Fonte: Elaborado por nós a partir de informações de anúncio de venda no *website EBay*⁴⁰ e volume 34 das Obras Completas em russo (LÊNIN, 1969).

³⁹ Informações obtidas através do anúncio de venda do *website Todo Colección*, disponível em: <https://www.todocoleccion.net/libros-antiguos-politica/el-camino-insurreccion-n-lenin-x29110513>. Acesso em: 28 mai. 2021.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.ebay.fr/i/153909907285>. Acesso em: 27 mai. 2021.

5.5 O testamento de Lênin, contido em *A verdade sobre a Rússia* e *Que é o stalinismo?*

Figura 8 – *A verdade sobre a Rússia* e *Que é o stalinismo?*



Fonte: BIANCHI (2005, p. 337) e livraria Traça⁴¹ (à direita).

O testamento de Lênin é um de seus últimos textos, ditado por ele quando já estava gravemente doente, entre 1922 e 1923. Sua autenticidade, entretanto, foi alvo de discussão, sobretudo porque, nesse documento, Lênin discute seus possíveis sucessores e privilegia Trótski a Stálin. O texto foi publicado pela primeira vez em 1926, na França, pelos militantes Boris Souvarine, Max Eastman e Alfred Rosmer, tendo passado décadas inédito na URSS (LES VIES..., 2008). Não é de se admirar, pois, que nas capas dos livros que contêm esse texto figuram Trótski e Stálin.

Considerando que o texto foi publicado pela primeira vez em francês, é possível que essa tenha sido a língua-fonte para essas traduções. Não sabemos, no entanto, quem foi responsável pela tradução dessas duas obras. Em relação ao testamento publicado em 1932, pela editora Coelho Branco Filho, incorporado no livro *A Verdade sobre a Rússia*, obtivemos algumas informações a partir do historiador Dainis Karepovs:

Resta mencionar, para esse período, uma falsificação operada pela editora A. Coelho Branco, do Rio de Janeiro, em 1932. A obra *A Verdade sobre a Rússia* foi um pastiche da *Plataforma da Oposição*, de agosto de 1927, feita de forma a transformá-la, mediante supressões e trucagens, em um libelo antissoviético. Denunciada na imprensa oposicionista, esta obra resultou em declarações do próprio Trotsky nomeando Lívio Xavier como seu único representante literário no Brasil. (KAREPOVS, 2013, p. 77)

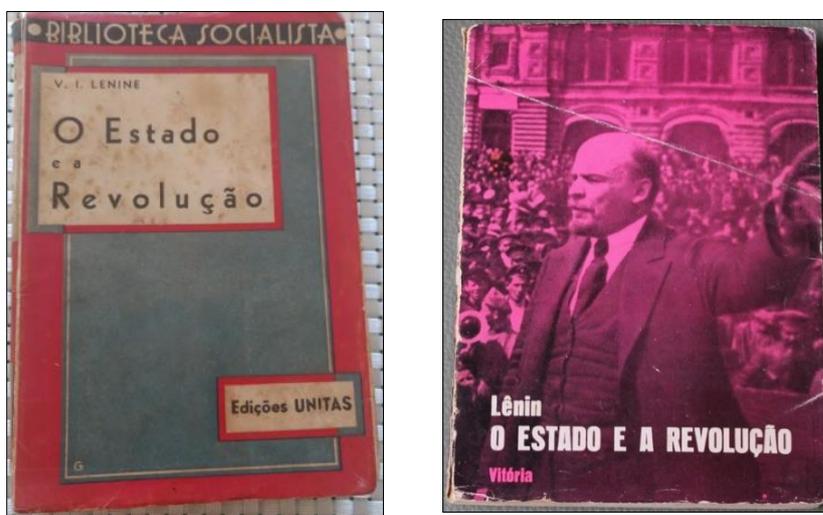
Quanto ao testamento publicado em 1956, contido no livro *Que é o stalinismo?*, da editora Vitória, é o historiador Érick Fiszuk de Oliveira (2012) quem nos traz mais informações:

⁴¹ Anúncio de venda no *website* da livraria Traça. Disponível em: <https://www.traca.com.br/livro/1076003#>. Acesso em: 26 ago. 2020.

Em novembro, a Editorial Vitória, ligada ao PCB, publicou *Que é o stalinismo?*, uma seleta de documentos de vários PC's, alguns já publicados pela imprensa partidária naquele ano, que tentam explicar os excessos de Stálin, enfatizando a questão de seu “culto”. No geral, concorda-se que Lênin teria instituído, com seus escritos e ações, a via “democrática” correta para a revolução socialista nacional e mundial, enquanto Stálin, embora condutor de grandes feitos, teria deixado aflorar, a partir de “certo momento”, traços “maléficos” de seu caráter, cometido inúmeras arbitrariedades e desviado “temporariamente” a URSS da “democracia” leninista. (OLIVEIRA, 2012, p. 56-57)

5.6 O Estado e a revolução

Figura 9 – *O Estado e a revolução*



Fonte: Mercado Livre⁴² (à esquerda) e acervo pessoal (à direita).

O Estado e a revolução é a tradução de *Gossudárstvo i revoliútsiia*, uma das obras mais clássicas de Lênin. Não temos informações, entretanto, de qual língua foi a fonte para a tradução das primeiras edições da obra no Brasil. Ela foi publicada pela primeira vez pela editora Unitas, na coleção Biblioteca Socialista, em 1933, traduzida por Mário Pedrosa. Sabemos que *L'État et la révolution* já circulava pelo Brasil desde os anos 1920 e era recomendado aos militantes do PCB (LACERDA, 2019).

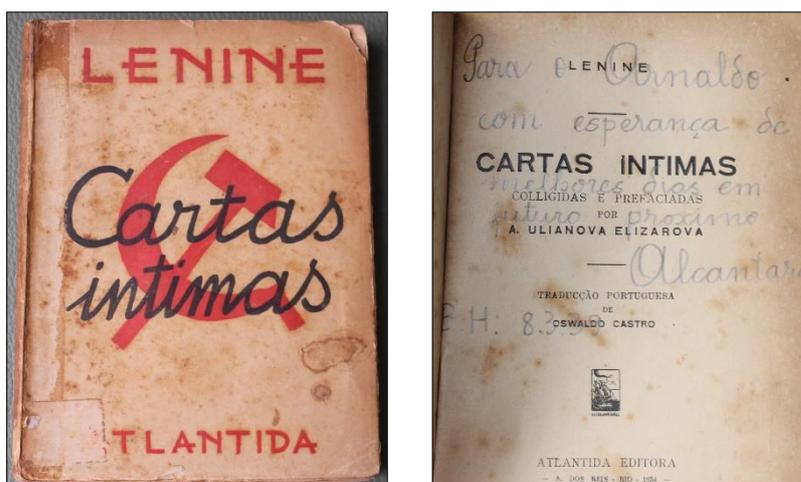
Em 1946, o livro foi publicado pela editora Vitória – sem indicação de tradutor, pelas informações de Carone (1986) – e pela Guaíra – traduzido por Aristides Lobo e publicado na coleção Estante do Pensamento Social.

⁴² Anúncio de venda na plataforma digital Mercado Livre. Disponível em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1165520145-livro-o-estado-e-a-revolucao-JM#position=21&type=item&tracking_id=8487d450-c6ba-4734-b495-189692840332. Acesso em: 26 jul. 2020.

A edição que temos disponível, publicada pela Vitória, em maio de 1961 – a última vez que o livro seria publicado no período estudado aqui – inicia a orelha do livro com a seguinte informação: “Esta é a segunda edição publicada pela Editorial Vitória de **O Estado e a Revolução**. A primeira, lançada em 1946, está esgotada há vários anos e marcou talvez um recorde de rapidez na vendagem de obras desse gênero entre nós” (grifo do original). A edição traz como subtítulo da obra “A doutrina marxista do Estado e as tarefas do proletariado na revolução” e informa, na folha de rosto, que a tradução foi feita do francês por Regina Maria de Mello e Fausto Cupertino a partir do texto da quarta edição do tomo 24 das *Œuvres*, editado em Moscou em 1959, em acordo com a brochura publicada em 1919 pela editora *Kommounist* e confrontado com o manuscrito e a edição de 1918. Isso quer dizer, portanto, que a tradução de Mello e Cupertino foi encomendada especificamente para a segunda edição, de acordo com a versão do texto mais recente para a época, organizada nas obras completas francesas.

5.7 Cartas íntimas

Figura 10 – *Cartas íntimas* (capa e folha de rosto)



Fonte: Acervo pessoal.

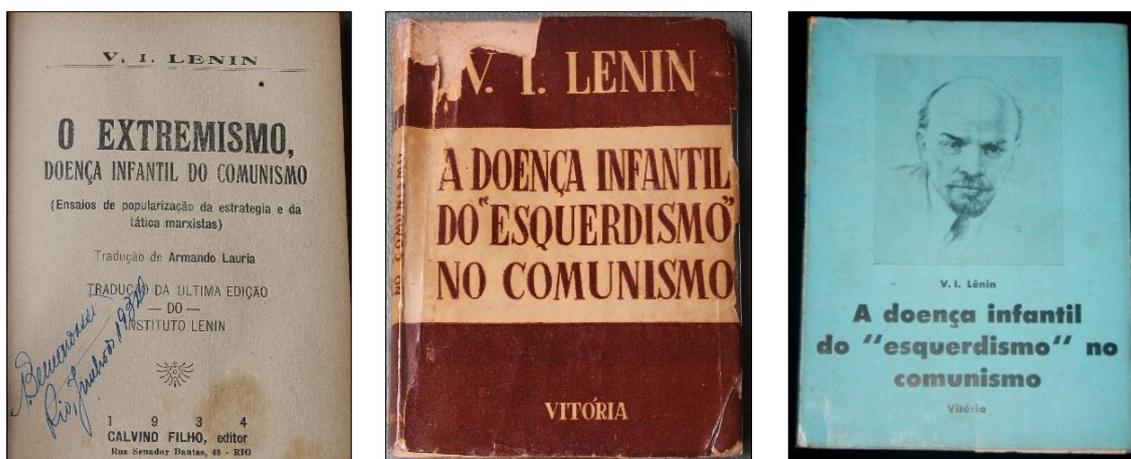
Cartas íntimas foi publicado pela editora Atlântida em 1934, cuja tradução “portuguesa”, segundo as informações da folha de rosto, é de responsabilidade de Oswaldo Castro. Trata-se de uma coletânea de cartas de *Vladimiro Ilitch Lenine*, na grafia da própria edição, selecionadas e prefaciadas por Anna Ielizárova-Uliánova, irmã de Lênin. Sabemos que, depois da morte do autor, Anna ficou responsável por muito dos documentos da família, tendo integrado o quadro do Instituto Marx-Engels-Lênin, e escreveu memórias sobre ele. Uma boa candidata a texto-fonte para essa tradução é a edição espanhola homônima, publicada em

Madrid, em 1931, pela Editorial Cenit, e traduzida diretamente do russo pelo militante Andrés Nin⁴³.

O livro é dividido nos capítulos “Cartas da juventude”, “Cartas da prisão”, “Cartas do desterro”, “Entre o desterro e a emigração”, “Cartas de emigração” e “Últimos anos”. As “Cartas da juventude” reúnem seis cartas escritas entre dezembro de 1894 a janeiro de 1896 destinadas a suas irmãs Maria e Anna e a sua mãe. As duas “Cartas da prisão” são datadas de janeiro de 1896, para A. K. Tchebotarióva e para sua irmã Anna. As “Cartas do desterro” reúnem 46 cartas e bilhetes datados entre março de 1897 e janeiro de 1900 para sua mãe, suas irmãs Maria e Anna, seu cunhado Mark Timoféievich, além de uma escrita por Nadéjda Krúpskaia à mãe de Lênin. As oito cartas “Entre o desterro e a emigração” são datadas entre março e agosto de 1900, sendo duas de Nadéjda Krúpskaia a Maria e à mãe de Lênin. As 57 cartas, bilhetes e postais das “Cartas de emigração” compreendem o período entre agosto de 1900 e dezembro de 1912 e são destinadas à mãe de Lênin, suas irmãs Anna e Maria, seu irmão Dmitri, seu cunhado Mark, além de duas cartas escritas por Krúpskaia. A última seleção, “Últimos anos”, compreende cinco cartas datadas entre janeiro de 1913 e julho de 1919, destinadas à sua mãe, suas irmãs e a Nadéjda.

5.8 O extremismo, doença infantil do comunismo e A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo

Figura 11 – *O extremismo* (folha de rosto), publicado pela Calvino, e as duas edições d’*O esquerdismo*, pela Vitória



⁴³ Informações obtidas através do anúncio de venda do *website Mercado Libre*, disponível em: <https://articulo.mercadolibre.com.uy/MLU-446821812-antiguo-libro-de-lenin-cartas-intimas-del-ano-1931- JM>. Acesso em: 28 mai. 2021.

Fonte: Acervo pessoal (à esquerda e ao centro) e Levy Leiloeiro⁴⁴ (à direita).

As duas variações do título remetem à famosa obra *Dietskaia boliezn "levizny" v kommunizme*. O livro foi publicado pela primeira vez no Brasil pela editora Calvino, em 1934, sob o nome de *O extremismo, doença infantil do comunismo*, com o subtítulo “Ensaio de popularização da estratégia e da tática marxistas”. A edição da Calvino, além de anunciar a “tradução da última edição do Instituto Lenin” na folha de rosto, conta com um texto intitulado “Advertência”, assinado pelo tradutor, Armando Lauria, e datado de 20 de fevereiro de 1934. A advertência garante: “O leitor terá o ensêjo de lêr a tradução fiel do manuscrito desta obra de Lenin, o qual se conserva no Instituto Lenin, de Moscou”. No entanto, não há informação da língua-fonte utilizada para a tradução. O texto de advertência, que ocupa cinco páginas do livro, tende mais para um prefácio em elogio à obra do que para uma nota de tradutor.

O último livro de Lênin é sem dúvida um dos mais lidos entre os comunistas, e não apenas os brasileiros. Segundo Krauz (2017, p. 453):

A ampla notoriedade do panfleto transparece nas 22 línguas e 106 edições em que foi publicado fora da União Soviética até o ano de 1960. As razões para isso não se encontram em seu valor teórico, mas na determinação política com a qual os partidos comunistas marginalizam o “radicalismo esquerdista”.

Sem dúvida, o livro já era lido antes de sua primeira tradução. Sabemos que era recomendado aos militantes do PCB e utilizado em outras línguas em cursos de educação de operários. Temos conhecimento de edições argentinas (*El “radicalismo”, enfermedad de infancia del comunismo*, traduzida a partir do alemão) e francesas (*La maladie infantile du communisme*) que seguramente chegaram às mãos de militantes brasileiros ao longo dos anos 1920 (LACERDA, 2019).

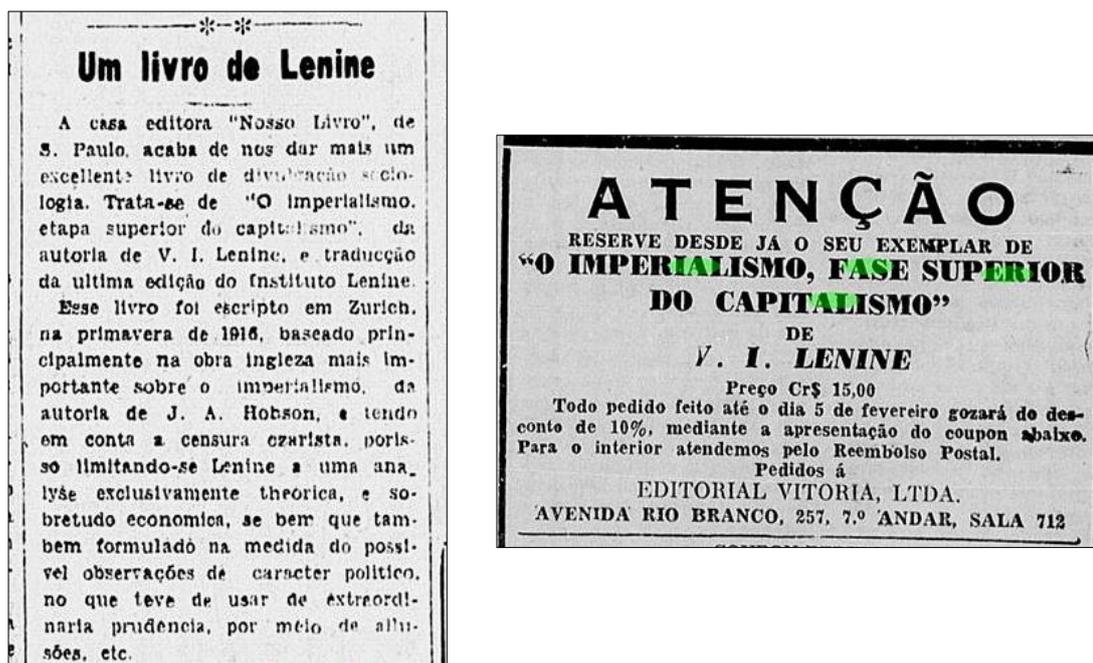
Será a Vitória a próxima a editar tal obra, em 1946, desta vez com o título *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo*, dentro da Coleção Unidade. A folha de rosto indica a tradução de Aldenor Campos a partir do espanhol, sem indicação de edição-fonte. Sob o mesmo título, a Vitória reeditou a obra em 1960, desta vez com tradução de Luiz Fernando, em comemoração ao 90º aniversário de Lênin. Ainda que não tenhamos mais informações sobre essa última, encontramos outra edição que nos traz pistas: em 1981 a Editora Global publicou o mesmo título indicando a tradução de Luiz Fernando a partir da versão espanhola *La enfermedad infantil del izquierdismo en el comunismo*, publicada pelas *Ediciones en Lenguas*

⁴⁴ Anúncio de venda no *website* de leilões Levy Leiloeiro, disponível em: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=59482>. Acesso em: 26 jul. 2020.

Extranjeras em Moscou, em 1956⁴⁵. Supomos, pois, que esse seja o texto-fonte da edição de 1960 da Vitória, cujos direitos possivelmente foram vendidos ou cedidos para a Global.

5.9 O imperialismo, etapa superior do capitalismo e O imperialismo, fase superior do capitalismo

Figura 12 – Anúncios d’*O Imperialismo* em jornais



Fonte: *Correio de S. Paulo*⁴⁶ (à esquerda) e *A Manhã*⁴⁷ (à direita).

As duas variações do título remetem à obra *Imperializm kak vyschaia stádiia kapitalizma*. Infelizmente, não obtivemos nenhuma informação sobre a edição da Editora Nosso Livro, de 1934. Tampouco tivemos sorte ao pesquisar a edição de 1947 da Editora Vitória. Temos apenas a informação de Carone (1986) de que a tradução é de responsabilidade de Laura Austragésilo. Pudemos, ao menos, comprovar a existência dessas duas publicações com os anúncios de jornais apresentados acima.

⁴⁵ Informações obtidas através do anúncio de venda do *website Livrista*, disponível em: <https://livrista.com.br/livros/esquerdismo-doenca-infantil-do-comuni-v-i-lenin/>. Acesso em: 28 mai. 2021.

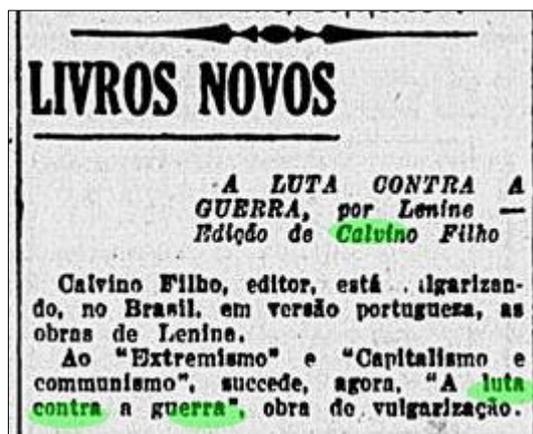
⁴⁶ *Correio de S. Paulo*, São Paulo, ano 3, n. 640, 6 jul. 1934, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720216&pesq=%20%20imperialismo,%20etapa%20superior%20do%20capitalismo%22&pasta=ano%20193&pagfis=4462>. Acesso em: 26 ago. 2020.

⁴⁷ *A Manhã*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 95, 22 fev. 1947, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720984&pesq=%20%20imperialismo,%20fase%20superior%20do%20capitalismo%22&pasta=ano%20194&pagfis=3538>. Acesso em: 26 ago. 2020.

Sabemos, graças ao levantamento de Bouju (1999), que *L'impérialisme, dernière étape du capitalisme* já havia sido publicado na França pela *Librairie de l'Humanité* em 1923 e 1925. Em 1935, em edição revista e corrigida, publicada pelas *Éditions Sociales Internationales*, o título é traduzido por *L'impérialisme, stade suprême du capitalisme*, mais próximo da tradução em português. Por outro lado, Lacerda (2017, p. 177) informa que, em 1927, *El Imperialismo, Última Etapa del Capitalismo* estava anunciado para a venda pelo Secretariado Sul-Americano da IC no jornal comunista *A Nação*. Portanto, é seguro afirmar que os editores brasileiros tinham, ao menos, o livro disponível em francês e em espanhol para fazerem suas traduções.

5.10 A luta contra a guerra

Figura 13 – Anúncio do livro *A luta contra a guerra*



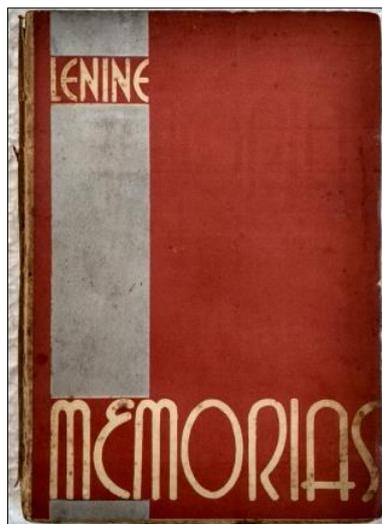
Fonte: *Correio da Manhã*⁴⁸.

Não foi possível encontrar nenhuma informação sobre o livro *A luta contra a guerra*. Podemos, todavia, atestar sua existência através do anúncio de venda acima. A fonte da edição é igualmente misteriosa. Acreditamos que seja uma compilação de artigos. Sabemos da existência de duas obras que poderiam estar ligadas a essa tradução: *Organizad la lucha contra la guerra*, que inclui outros autores, publicada por volta de 1925 em Buenos Aires, pela *Editorial La Internacional* (LACERDA, 2017, p. 179); e *La lutte contre le danger de guerre*, publicado em 1932 pelo *Bureau d'éditions* de Paris (BOUJU, 1999, p. 51). No entanto, não foi possível encontrar o sumário de nenhuma das edições.

⁴⁸ **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano 34, n. 12.145 30 jun. 1934, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22a%20luta%20contra%20a%20guerra%22%20calvino&pasta=ano%20193&pagfis=22753. Acesso em: 26 ago. 2020.

5.11 Memórias

Figura 14 – Memórias



Fonte: Leiloeiro Miguel Salles⁴⁹.

Não encontramos mais informações sobre essa edição de 1934 além das que nos traz Carone (1986): foi traduzida e prefaciada por Newton Freitas e publicada no Rio de Janeiro pela editora Selma. No entanto, o próprio Lênin não escreveu suas memórias. Como comentamos, Anna Ielizárova-Uliánova, irmã de Lênin, escreveu um livro de memórias, intitulado *O V. I. Lenine i semé Uliánovyr* [Sobre V. I. Lênin e a família Uliánov]. Embora a autora tenha morrido em 1935, não encontramos registros de edições anteriores a 1988 da obra. Outras duas mulheres escreveram memórias sobre Lênin: sua esposa Krúpskaia e a marxista alemã Clara Zetkin.

Vospominánia o Lenine [Memórias sobre Lênin] é o nome de ambos os livros. O de Clara Zetkin foi publicado pelo Instituto Marx-Engels-Lênin, na União Soviética, em 1924, e sua tradução francesa, *Souvenirs sur Lénine*, foi publicada em Paris, pelo *Bureau d'éditions de diffusion et de publicité*, em 1926⁵⁰. Já o de Krúpskaia saiu em 1926 pelo mesmo instituto em russo e sua primeira tradução francesa foi publicada em 1930, pelo mesmo *Bureau d'éditions*⁵¹. No entanto, sabemos que a editora Selma publicou o livro *Recordações de Lenine*, de

⁴⁹ Anúncio de venda no *website* de leilões Miguel Salles, disponível em: <https://www.miguelsalles.com.br/peca.asp?ID=4087709>. Acesso em: 26 jul. 2020.

⁵⁰ ZETKIN, C. *Vospominánia o Lenine*. Disponível em: http://www.hrono.ru/libris/lib_c/cetkin_lenin.php. Acesso em: 28 mai. 2021. ZETKIN, C. *Souvenirs sur Lénine*. Paris: Bureau d'éditions de diffusion et de publicité, 1926. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k888029v/f7.item>. Acesso em: 28 mai. 2021.

⁵¹ KRUPSKAIA, N. *Vospominánia o Lenine*. Disponível em: <https://leninism.su/memory/1380-vospominaniya-o-lenine-chast-i.html>. Acesso em: 28 mai. 2021. KROUPSKAIA, N. *Souvenirs sur Lénine*. Paris: Bureau d'éditions de diffusion et de publicité, 1930. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k81549k/f3.item>. Acesso em: 28 mai. 2021.

Krúpskaia, no mesmo ano, em 1934⁵². Logo, não faria sentido que *Memórias* fosse o mesmo livro da esposa de Lênin. Poderia ser, portanto, o livro de memórias de Zetkin.

5.12 A religião

Figura 15 – A religião



Fonte: Mercado Livre⁵³.

Acreditamos que essa edição, datada de 1934, seja uma compilação de artigos de Lênin sobre a temática da religião. Efetivamente, o autor escreveu diversos textos tratando desse assunto, sobretudo no período após a Revolução de 1905. Apenas a título de exemplo, destacamos *Sotsializm i relíguia* [O socialismo e a religião, 1905]⁵⁴, *Ob otnochéni rabótchei parti i relígui* [Sobre a relação do partido dos trabalhadores com a religião, 1909], *Klassy i parti v irr otnochéni k relígui i tsérkvi* [Classes e partidos em sua relação com a religião e a igreja, 1909]⁵⁵.

Segundo Bouju (1999, p. 58), uma brochura intitulada *De la religion* foi publicada pelo Bureau d'éditions de Paris em 1933. Tratava-se do oitavo volume de uma coleção chamada *Petite Bibliothèque Lénine*, da qual também faziam parte *L'impérialisme, stade suprême du*

⁵² O livro consta no acervo do Centro Cultural Euclides da Cunha da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Catálogo disponível em: <https://www2.uepg.br/cdph/wp-content/uploads/sites/129/2020/07/Caderno1AcervoCCEC.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2021.

⁵³ Anúncio de venda na plataforma digital Mercado Livre. Disponível em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-952733483-livro-a-religio-v-j-lenine-lnin-JM#position=31&type=item&tracking_id=7f65c301-7dbd-4133-bdd2-78c617d387b9. Acesso em: 26 jul. 2020.

⁵⁴ LÊNIN, V. I. *Polnoe sobranie sotchineniy*. Tomo 12. 5ª ed. Moscou: Instituto do Marxismo-Leninismo, 1968. p. 142-147. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/12.htm#s142>. Acesso em: 31 mai. 2021.

⁵⁵ LÊNIN, V. I. *Polnoe sobranie sotchineniy*. Tomo 17. 5ª ed. Moscou: Instituto do Marxismo-Leninismo, 1968. p. 415-438. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/17.htm>. Acesso em: 31 mai. 2021

capitalisme e *La maladie infantile du communisme*. Obtivemos acesso a uma versão digitalizada de uma edição posterior, datada de 1936⁵⁶, cujo sumário traz o seguinte conteúdo:

Quadro 5 – Textos incluídos na coletânea *De la religion* (1936)

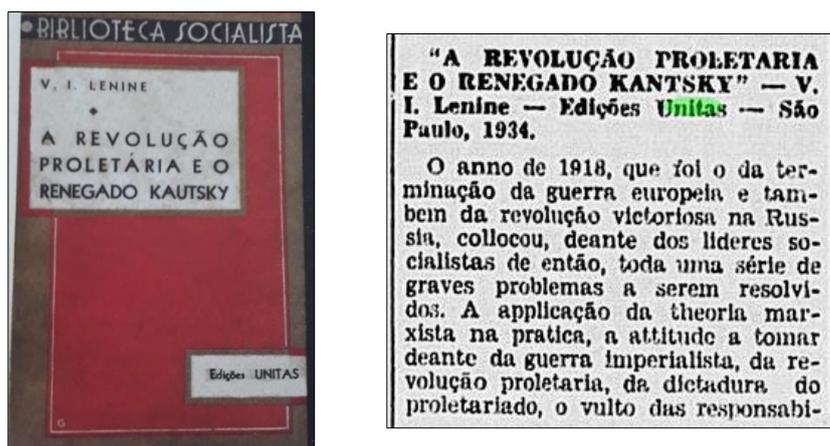
| Texto | Ano |
|---|------|
| <i>Socialisme et religion</i> | 1905 |
| <i>De l'attitude du Parti ouvrier à l'égard de la religion</i> | 1909 |
| <i>Les classes et les partis et leur attitude vis-à-vis de la religion et de l'Église</i> | 1909 |
| <i>À quoi sert la religion ?</i> | 1902 |
| <i>De la signification du matérialisme militant</i> | 1902 |
| <i>Léon Tolstoï, miroir de la révolution russe</i> | 1908 |
| <i>Deux lettres à A. M. Gorki</i> | 1913 |
| <i>Morale communiste et morale religieuse</i> | 1920 |

Fonte: Elaborado por nós a partir das informações do livro.

Embora não tenhamos condições de afirmar que esses são os títulos contidos na tradução brasileira, acreditamos que possam ser bom candidatos por serem textos relevantes de Lênin sobre o tema, ainda que possam ter sido acessados pelos editores e tradutores brasileiros de outras maneiras.

5.13 A revolução proletária e o renegado Kautsky

Figura 16 – *A revolução proletária e o renegado Kautsky* e anúncio da edição em jornal



Fonte: DEAECTO; MOLLIER (2013, p. 198) e *Correio Paulistano*⁵⁷ (à direita).

⁵⁶ V. I. LÉNINE. *De la religion*. Paris: Bureau d'éditions, 1936. Disponível em: https://pandor.u-bourgogne.fr/img-viewer/BMP/brb8820/iiviewer.html?np=brb8820_001.jpg&nd=brb8820_076.jpg&base=mets&monoid=brb8820_0&pageid=&pages=&treq=&vcontext=mets&ns=brb8820_001.jpg. Acesso em: 31 mai. 2021.

⁵⁷ *Correio Paulistano*, ano 81, n. 24.042 São Paulo, 11 ago. 1934, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&pesq=O%20marxismo%20unitas&pasta=ano%20193&pagfis=4710. Acesso em: 26 ago. 2020.

O livro é tradução da obra de 1918 de Lênin, *Proletárskaia revoliútsiia i renegat Kautskii*. Não tivemos acesso à edição da Unitas de 1934, mas uma nota no registro catalográfico da Biblioteca do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, que dispõe do título, indica que o livro traz também uma biografia de Lênin feita por Trótski, o texto do primeiro decreto do governo soviético sobre a terra e uma carta de Lênin aos operários americanos⁵⁸. Também não foi possível achar pistas sobre o texto-fonte utilizado por Mário Pedrosa na sua tradução, haja vista que edições em francês e espanhol seguramente já circulavam no Brasil desde a década de 1920 (cf. LACERDA, 2017, p. 20, 31, 40, 42, 177).

5.14 Táticas e objetivos da revolução

Figura 17 – Edição encadernada, onde se lê na lombada o título do livro



Fonte: Leilão Sebo nas Canelas⁵⁹.

Deste livro, temos apenas as informações apresentadas por Carone (1986): foi publicado em 1934, pela editora Selma, no Rio de Janeiro, em tradução de Radamés Montá.

⁵⁸

Disponível em: http://200.222.27.137/Biblivre5/?action=search_bibliographic#query=6929&group=id&search=advanced. Acesso em: 28 mai. 2021.

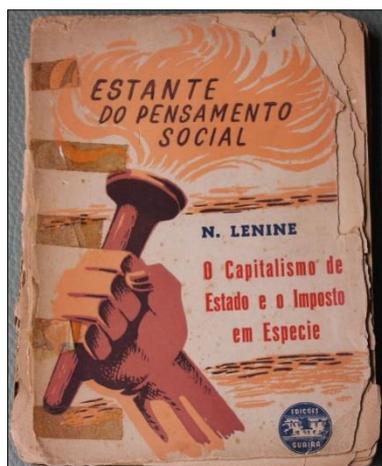
⁵⁹ Anúncio de venda no *website* de leilões Sebo nas Canelas, disponível em: <https://sebonascanelasleiloes.com.br/peca.asp?ID=2115295>. Acesso em: 26 jul. 2020

5.15 Comunismo: iniciação doutrinária

Assim como no livro anterior, não encontramos nenhuma informação do livro para além das que Carone (1986) fornece. O que sabemos é que o livro foi publicado em 1935 pela editora Adersen, do Rio de Janeiro, e foi traduzido por Aurélio Pinheiro, tradutor e autor da casa. Tampouco foi possível atestar a existência de alguma cópia do livro. A julgar pela data, não é descartável a hipótese de que o livro tenha sido, em sua maior parte, apreendido e destruído pela polícia – lembremo-nos que 1935 foi o ano do Levante Comunista no Brasil que, ao fracassar, resultou em uma intensa repressão anticomunista por parte do Estado. Não à toa, o próximo livro de Lênin de nosso levantamento foi editado apenas dez anos depois.

5.16 O capitalismo de Estado e o imposto em espécie

Figura 18 – *O capitalismo de Estado e o imposto em espécie*



Fonte: Acervo pessoal.

A edição informa-se tratar de uma coletânea de trabalhos escritos por Lênin entre 1918 e 1921, com objetivo de justificar a NEP. Embora não seja datada, Carone (1986) estima que tenha sido publicada em 1945 (a editora responsável, a paranaense Guaíra, havia sido fundada em 1939). É interessante notar que, embora o tradutor não seja nomeado na edição, este se mostra bem presente em várias notas de rodapé, explicando algumas passagens, como: “Mesmo quando possa parecer mais ‘liberal’, Lenine não deixa de subordinar os problemas da socialização da Rússia à vitória da Revolução Mundial. – N. do T.” (p. 45) ou “O raciocínio de Lenine, é bem de ver-se, refere-se a uma situação em que, a despeito de tódas as contradições econômicas, era o proletariado a classe dirigente. – N. do T.” (p. 83).

O quadro a seguir apresenta os textos contidos no sumário do livro, bem como seus respectivos originais, encontramos nas obras completas de Lênin em russo, volumes 43 e 44.

Quadro 6 – Textos incluídos no livro *O capitalismo de Estado*

| Título | Título em russo |
|--|--|
| A estrutura econômica da Rússia contemporânea | <i>O sovremennoi ekonomike Rossi (iz brochiury 1918 goda)</i> |
| O imposto em espécie, o comércio livre e as concessões (21 de abril de 1921) | <i>O prodnologue, o svobode torgovli, o kontsessiarr</i> |
| Discurso pronunciado no X Congresso do Partido Comunista Russo (15 de março de 1921) | <i>Doklad o zamene razverstki naturalnym nalogom (15 marta)</i> |
| Princípios fundamentais do imposto em espécie (texto aprovado pelo Congresso do Partido Comunista Russo) | Não localizado |
| Discurso pronunciado na Reunião de Secretários e Representantes das Organizações Comunistas da Cidade e da Província de Moscou | <i>Doklad o prodovolstvennom naloge na Sobrani sekretarei i otvetctvennyrr predstavitelei iatcheiek RKP(b) g. Moskvyy e Mosskovskoi guberni (9 apreliia 1921 g.)</i> |
| Discurso pronunciado no Congresso Pan-Russo de Transportes | <i>Retch na Vserossiskom Sezde transportnyrr rabotchirr (27 marta 1921 g.)</i> |
| Discurso pronunciado no Congresso de Educação Política (realizado em Moscou a 17 de outubro de 1921) | <i>Novaia ekonomitcheskaia politika i zadatchi politprosvetov. Doklad na II Vserossiskom Sezde politprosvetov (17 oktiabria 1921 g.)</i> |

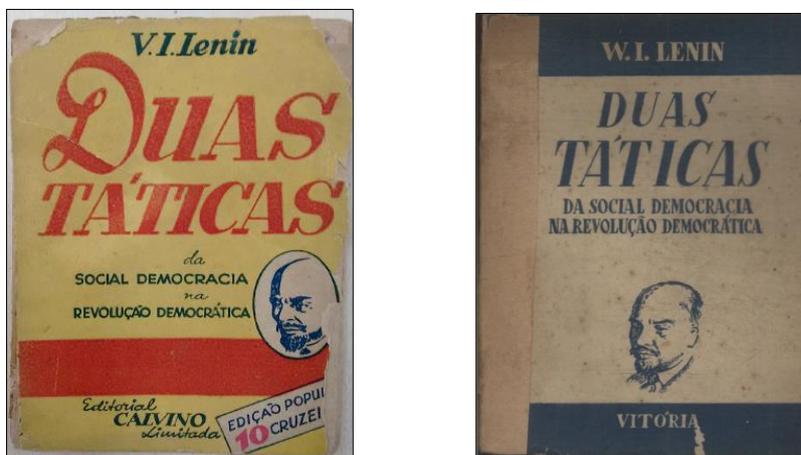
Fonte: Elaborado por nós a partir de informações do livro citado acima e volume 43 e 44 das Obras Completas em russo (LÊNIN, 1970a; 1970b).

Sabemos da existência de uma edição espanhola, de responsabilidade da *Biblioteca Nueva Madrid*, intitulada *El Capitalismo De Estado y El Impuesto En Especie*, traduzida por Juan Andrade, porém sem data de publicação⁶⁰. Tal editora foi fundada em 1916 e, ao pesquisarmos outros títulos de Lênin para a mesma coleção em *websites* especializados em vendas de livros raros, vemos que os anunciantes indicam que os livros são dos anos 1920-1930. Essa edição pode ser, portanto, uma boa candidata a texto original da tradução brasileira.

⁶⁰ Edição à venda no *website* Todo Colección, disponível em: <https://www.todocoleccion.net/libros-segunda-mano-politica/26-38-libro-capitalismo-estado-impuesto-especie-n-lenin-x72794107>. Acesso em: 7 jun. 2021.

5.17 Duas táticas da social-democracia na revolução democrática

Figura 19 – *Dois títulos da social-democracia na revolução democrática*



Fonte: JUBERTE (2016, p. 77) e livraria Traça⁶¹.

O livro é a tradução de *Dve táktiki sotsial-demokrátii v demokratítcheskoi revoliútsii*. Juberte (2016) é quem nos traz informações sobre a edição da Calvino:

Na folha de rosto, aparecem o nome do autor, da obra, e uma observação: “Como Introdução e Apêndice, diversos documentos que possibilitam melhor interpretação deste trabalho”. Por fim, o nome do tradutor, Luís C. Afilhado, ano de edição e o nome da editora. Na página seguinte, temos as indicações dos originais utilizados para tradução: *Obras Escogidas*, original em espanhol, e *Samtliche Werke, Band VIII*, original em alemão. O livro não apresenta prefácio. No final, temos o índice remissivo e o índice geral, que mostra a divisão da obra em 13 capítulos, mais o apêndice, no qual Lênin discorre sobre o papel do Partido Social-Democrata Russo na consolidação da Revolução Bolchevique. Vale ressaltar que outros quatro livros do autor foram lançados nesses anos pelas “Edições Populares”, o que denota um esforço da editora na divulgação das obras doutrinárias nesse momento, aproveitando a popularidade soviética. (JUBERTE, 2016, p. 123)

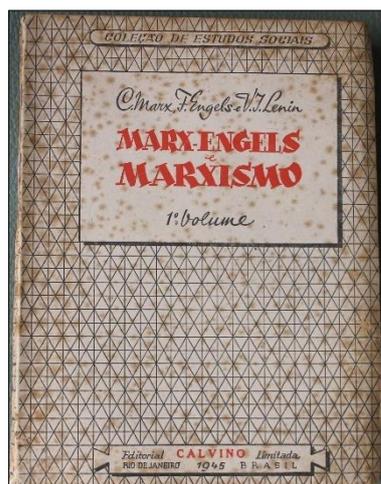
A informação de Juberte (2016) sobre o texto-fonte é extremamente valiosa: sabemos que havia edições em espanhol traduzidas do alemão (CARONE, 1986) e a edição da Vitória traz o nome de Lênin grafado com um “W”, o que pode indicar a transliteração da língua alemã para o seu nome (Wladimir). Logo, o texto-fonte para essa tradução pode ser o mesmo da edição da Calvino, não só por terem sido publicadas no mesmo ano (1945), mas porque ambas trazem indícios do alemão, fonte incomum para o Brasil na época. Essa informação também atenta nosso olhar para o fato de que a descoberta de uma fonte francesa ou espanhola para uma

⁶¹ Anúncio de venda no *website* da livraria Traça, disponível em: <https://www.traca.com.br/livro/773099/#>. Acesso em: 24 nov. 2020.

tradução do português não quer dizer necessariamente que esta fonte estrangeira foi, por sua vez, uma tradução direta do russo.

5.18 Marx-Engels e Marxismo

Figura 20 – Primeiro volume de *Marx-Engels e Marxismo*



Fonte: Acervo pessoal.

A coletânea *Marx-Engels e Marxismo*, publicada em dois volumes pela Editorial Calvino em 1945, foi traduzida por J. de Sá Carvalho, segundo as informações na própria obra, a partir das edições francesas *Marx, Engels, Marxisme* e *Études Philosophiques* da ESI (Paris, 1935).

O livro reúne textos de Karl Marx e Friedrich Engels, além de Lênin, naturalmente. Transcrevemos aqui apenas os textos de Lênin apresentados nos dois volumes.

Quadro 7 – Títulos de Lênin que compõem os dois volumes de *Marx-Engels e Marxismo*

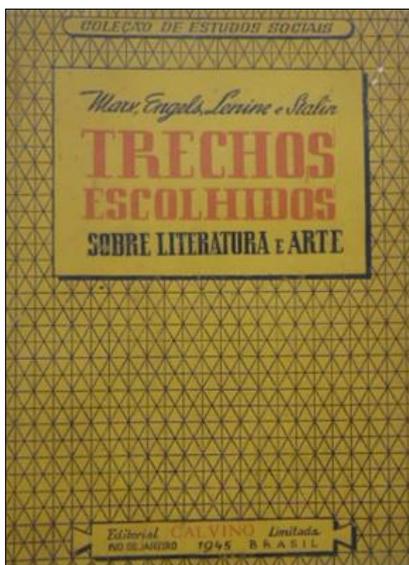
| | Título |
|----------|--|
| Volume 1 | Karl Marx |
| | Friedrich Engels |
| | Correspondência entre Marx e Engels |
| | Discurso pronunciado, em 7 de novembro de 1918, na inauguração do monumento a Karl Marx e Friedrich Engels |
| | As três fontes do marxismo e as três partes que o constituem |
| | Os destinos históricos da doutrina de Karl Marx |
| | O marxismo revolucionário e suas deformações |
| | A teoria do marxismo |
| | Engels e a importância da luta teórica |
| | Marxismo e revisionismo |
| | As divergências no movimento operário europeu |
| | A propósito de certas particularidades do desenvolvimento histórico do marxismo |
| | Prefácio à tradução russa das Cartas de Marx a L. Kugelmann |

| | |
|----------|---|
| | Prefácio à tradução russa do livro <i>Cartas de J. P. Berker, J. Dietzgen, F. Engels, K. Marx, etc., a F. A. Sorge e a outras pessoas</i> |
| | Marx julgado por Hyndman |
| Volume 2 | Marx julgado pelo liberalismo internacional |
| | Marx e a 'divisão negra' americana |
| | A vulgar concepção burguesa da ditadura e o que sobre ela pensava Marx |
| | Karl Marx, o utopista, e Rosa Luxemburgo, a prática |
| | O marxismo, o proudhonismo e a questão nacional |
| | Marxismo ou proudhonismo? |
| | Carta de Engels a Kautsky |
| | Qual deve ser o nome do nosso partido, para que seja cientificamente exato e contribua para o esclarecimento do proletariado? |
| | O pé em que Marx colocava a questão da luta de classe e da ditadura do proletariado |
| | O marxismo e a insurreição |
| | Conselhos de um ausente |
| | Marx e a transição do Capitalismo para o Comunismo |
| | Palavras proféticas |
| | Da atitude do partido operário em relação à religião |
| | O espírito do partido em filosofia |
| | A propósito da dialética |
| | Da significação do materialismo militante |
| | Sobre a nossa revolução |
| | O marxismo na Rússia |

Fonte: Elaborado por nós a partir das informações do livro.

5.19 Trechos escolhidos sobre literatura e arte

Figura 21 – *Trechos escolhidos sobre Literatura e Arte*



Fonte: *Marxists Internet Archive*⁶².

⁶² Edição digitalizada no acervo do *website* do MIA, disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/freville/1936/literatura/index.htm>. Acesso em: 7 jun. 2021.

A compilação de trechos selecionada por Jean Fréville é uma tradução de Eneida de Moraes de *Sur la littérature et l'art: Marx, Engels, Lénine, Staline, choisis, traduits et présentés*, publicado originalmente em 1936 pelas *Éditions Sociales Internationales*. De acordo com Juberte (2016), há uma nota da editora afirmando que os textos utilizados para a tradução provinham do Instituto Marx-Engels-Lênin de Moscou. Em um texto de advertência, a editora explica que a divisão do original em dois volumes (um para Marx e Engels e outro para Lênin e Stálin) foi suprimida para o Brasil, bem como algumas partes do original, pois “algumas das opiniões não caberiam na presente edição brasileira por circunstâncias históricas” (JUBERTE, 2016, p. 125). Além de trechos de Marx, Engels, Lênin e Stálin, as últimas páginas são consagradas a documentos e depoimentos sobre Lênin, em que se apresentam trechos de Krúpskaia, Górkí, entre outras pessoas que conviveram com ele.

O texto a que tivemos acesso, disponibilizado pelo *Marxists Internet Archive*, é a transcrição da edição da Calvino complementada por uma edição da Editorial Estampa, publicada em Lisboa no ano de 1971. Enumeramos, mesmo assim, os trechos de Lênin tal qual apresentados no *website*. Cumpre ressaltar que alguns trechos são compostos apenas de poucas frases, às vezes um ou dois parágrafos, o que explica o tamanho da lista que trazemos a seguir.

Quadro 8 – Títulos de Lênin que compõem os *Trechos Escolhidos*

| Título do trecho | Texto do qual foi retirado | Ano |
|--|---|------------|
| Herzen | À Memória de Herzen | 1932 |
| Tchernychevski | O que são os “Amigos do Povo” e Como Eles Combatem os Sociais-Democratas | 1894 |
| | A Reforma Agrária e a Revolução Operária e Camponesa | 1911 |
| | Do Passado da Imprensa Operária na Rússia | 1914 |
| | Sobre o Orgulho Nacional dos Grãos-Russos | 1914 |
| | Carta aos Operários Americanos | 1918 |
| Turguenev | À Memória do Conde Heiden | 1907 |
| Chtchedrine | Plekhanov e Vassiliev | 1907 |
| | A Covardia Triunfante ou os Socialistas Revolucionários a Reboque dos Cadetes | 1907 |
| | Carta de Cracóvia à redação do Pravda | 1912 |
| Nekrassov | Ainda uma Campanha contra a Democracia | 1912 |
| | À Memória do Conde Heiden | 1907 |
| O Objetivismo do Escritor | O Conteúdo Econômico do Populismo e sua Crítica no Livro de M. Strouvé | 1894 |
| | Qual a Herança que repudiamos | 1897 |
| Mikhailovski | Os Populistas Sobre N. K. Mikhailovski | 1914 |
| Uma Enciclopédia da Abjuração Liberal | Sobre os Viekhí | 1909 |
| Leon Tolstoi, Espelho da Revolução Russa | Tolstoi, Espelho da Revolução Russa | 1908 |
| L. N. Tolstoi | L. N. Tolstoi | 1910 |

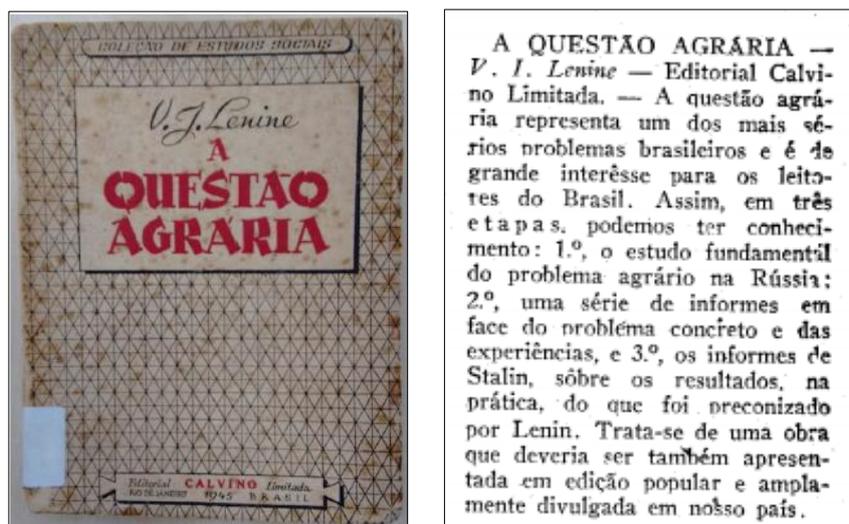
| | | |
|---|--|------|
| Tolstoi e o Movimento Operário Contemporâneo | Tolstoi e o Movimento Operário Contemporâneo | 1910 |
| Tolstoi e a Luta Proletária | Tolstoi e a Luta Proletária | 1910 |
| Os Heróis da Pequena Reserva | Os Heróis da Pequena Reserva | 1910 |
| L. N. Tolstoi e sua Época | L. N. Tolstoi e sua Época | 1911 |
| Gorki e o Despertar do Movimento Revolucionário | O Início das Manifestações | 1901 |
| Gorki e o Movimento Operário | Carta a Gorki | 1909 |
| Sobre a Pretensa Exclusão de Gorki | As invencionices da Imprensa burguesa sobre a expulsão de Gorki | 1909 |
| Gorki, o Maior Representante da Arte Proletária | Notas de um Publicista | 1910 |
| Não Há Revistas Sem Tendências | Carta a Gorki | 1910 |
| Os Erros Políticos de Gorki | Cartas de Longe | 1917 |
| O Escritor Revolucionário e a Filosofia Idealista | Carta a Gorki | 1908 |
| Para Encorajar os Operários Poetas | Carta a Gorki | 1911 |
| A Liberdade de Imprensa | Teses e Informes Sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado, apresentadas ao 1º Congresso da I. C. | 1919 |
| Upton Sinclair | O Pacifismo Inglês e a Antipatia Inglesa pela Teoria | 1915 |
| Henri Barbusse | Sobre as tarefas da III Internacional | 1919 |
| Dez Dias que abalaram o Mundo | Prefácio à edição americana de Dez Dias que abalaram o Mundo | 1919 |
| Carta a Serafimovitch | Carta a Serafimovitch | 1920 |
| Um Livro de Avertchenko | Um Livro de Valor | 1921 |
| Maiakovski | Sobre a situação internacional e interna da República dos Soviets | 1922 |
| Da Tomada do Poder à Revolução Cultural | Sobre Nossa Revolução e a Propósito das Notas de Soukhanov | 1923 |
| | Sobre a Cooperação | 1923 |
| A Herança Cultural do Passado | Informe sobre a política exterior e interior do Conselho dos Comissários do Povo ao Soviet de Petrogrado | 1919 |
| | Os Sucessos e as Dificuldades do Poder dos Soviets, discurso num comício em Petrogrado | 1919 |
| | Discurso na Conferência Pan-Russa dos Trabalhadores de Ensino Político | 1920 |
| Os Materialistas Franceses do Século XVIII | Da Significação do Materialismo Militante | 1922 |
| Para a Conquista da Cultura | Discurso ao II Congresso Pan- Russo aos Soviets | 1918 |
| Teses sobre a Cultura Proletária | Projeto de Resolução para o Congresso do Proletcult | 1920 |

| | | |
|---|---|----------|
| Como Estudar o Comunismo | Discurso ao III Congresso das Juventudes Comunistas | 1920 |
| O Livro para Todos | Discurso ao 1º Congresso Pan-Russo de educação extraescolar | 1919 |
| | Sobre o Trabalho do Comissariado da Instrução Pública | 1921 |
| Sobre a Língua Russa | Sobre a Depuração da Língua Russa | sem data |
| O Socialismo e a Questão Nacional | Observações Críticas Sobre a Questão Nacional | 1913 |
| A Política Nacional do Poder dos Sovietes | Projeto de Programa do Partido Comunista Russo | sem data |

Fonte: Elaborado por nós a partir das informações do livro.

5.20 A questão agrária e os “críticos de Marx”

Figura 22 – A questão agrária e os críticos de Marx e anúncio da edição em revista



Fonte: JUBERTE (2016, p. 82) e *Esfera - Revista de Letras, Artes e Ciências*⁶³ (à direita).

Trata-se da tradução do texto *Agrárny voprós i "krítiki Marksa"*, escrito entre 1901 e 1907. É conhecido também por ser um dos primeiros textos assinados com o pseudônimo “Lênin”. Juberte (2016) traz as informações que dispomos deste livro publicado pela Calvino em 1945, além das que estão apresentadas no anúncio de jornal acima.

Na folha de rosto do livro *A Questão Agrária*, aparecem o nome do autor, da obra, o subtítulo, e Os Críticos de Marx, o título do apêndice, “Realizações Soviéticas”, o nome do tradutor, C. F. de Freitas Casanovas, o ano de edição e o nome da editora. Na sequência, temos o prefácio dos editores intitulado “Advertência”. Nele argumenta-se que no Brasil a produção bibliográfica sobre a questão da terra é muito pobre, existindo apenas um livro mal traduzido de Karl Kautsky sobre o tema. [...] Ao final do livro, o índice aponta a divisão da obra em dez capítulos, divididos em duas

⁶³ *Esfera - Revista de Letras, Artes e Ciências*. Rio de Janeiro, n. 12, fev. 1946, p. 49. Disponível em: <http://www.illumina.fot.br/pdf/Esfera12.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

partes, mais o apêndice. A primeira com aprofundamento dos conceitos referentes à terra no âmbito da teoria marxista, e a segunda com a apresentação das ações do Partido Bolchevique em relação aos camponeses russos. (JUBERTE, 2016, p. 123-124)

O pesquisador Vinícius Juberte, que obteve acesso a diversos livros da Editora Calvino, gentilmente nos concedeu as informações do sumário dessa edição em mensagem privada, as quais transcreveremos na tabela abaixo. A primeira parte corresponde aos capítulos de *Agrárny voprós* conforme o quinto volume das obras em russo. A terceira parte da obra, chamada “Realizações Soviéticas”, apresenta informes soviéticos, assinados por Stálin.

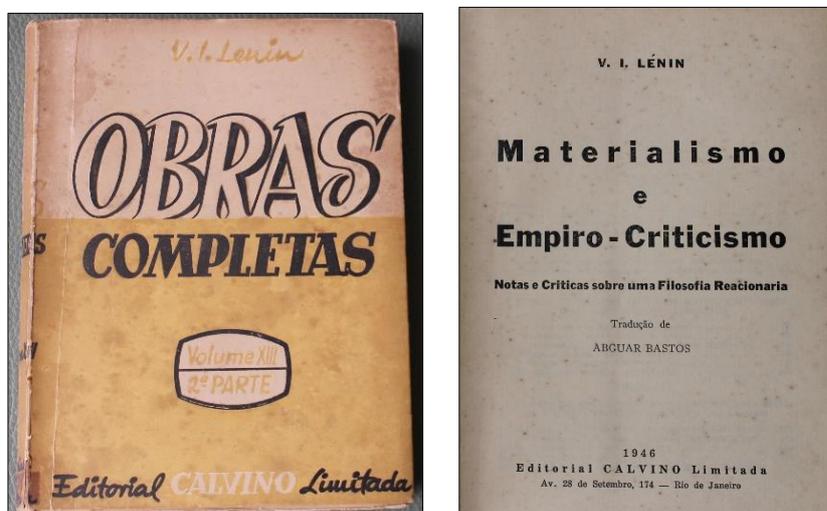
Quadro 9 – Textos que compõem *A questão agrária*

| | Título |
|---|--|
| Primeira Parte | A questão agrária e “os críticos de Marx” |
| | A “lei” da fertilidade decrescente do solo |
| | A teoria da renda |
| | As máquinas na economia rural |
| | Modo de suprimir o antagonismo entre a cidade e o campo |
| | A prosperidade das pequenas explorações modernas adiantadas |
| | Rendimento das explorações grandes e pequenas |
| | Um inquérito sobre a exploração camponesa no Grão-Ducado de Baden |
| | Dados gerais da estatística agrícola alemã para 1882 e 1895 |
| | A indústria leiteira e as cooperativas agrícolas na Alemanha |
| Segunda Parte | Política agrária |
| | O congresso de deputados camponeses |
| | Conferência pan-russa do Partido Operário Social-Democrático Russo (P.O.S.R.) |
| | Réplica a N. S. Angarsky no debate sobre a questão agrária |
| | Resoluções da conferência pan-russa do P.O.S.R. |
| | Primeiro congresso de deputados |
| | Discurso sobre a questão agrária |
| | Sobre a necessidade de fundar um sindicato de operários agrícolas |
| Camponeses e operários | |
| Apêndice: Realizações Soviéticas | Realizações soviéticas na frente do trigo |
| | No âmbito da construção da economia rural |
| | Sobre os problemas da política agrária na U.R.S.S. |
| | Os êxitos sobem-nos à cabeça |
| | Resposta aos camaradas kolkhosianos |
| | Resultados do Plano Quinquenal na agricultura |
| | Discurso pronunciado por Stalin no primeiro congresso dos kolkhosianos de choque |
| | O auge da economia agrícola |
| Prossegue a marcha ascendente da indústria e da agricultura | |

Fonte: Elaborado por nós a partir das informações de Vinícius Juberte.

5.21 Materialismo e empiro-criticismo

Figura 23 – *Materialismo e empiro-criticismo* (capa e folha de rosto)



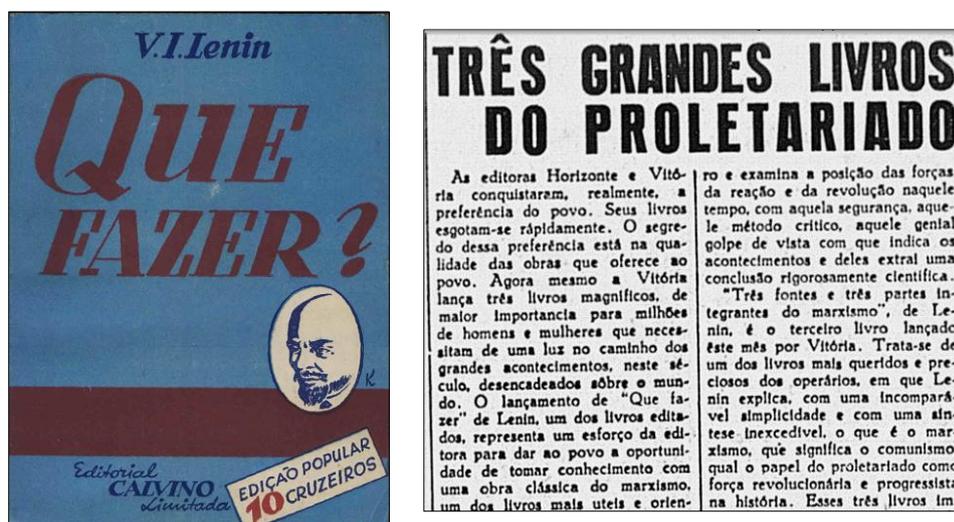
Fonte: Acervo pessoal.

O livro é a primeira tradução brasileira de *Materializm i empiriokrititsizm*. A tradução, de Abguar Bastos, foi provavelmente feita a partir da tradução francesa, pois o primeiro volume apresenta um “Prefácio à Edição Francesa” escrito pelo editor A. Deborin (JUBERTE, 2016). O segundo volume apresenta também uma “Lista de obras e periódicos citados”, “Notas sobre pessoas citadas nesta obra” (que ocupam mais de cem páginas) e um índice remissivo.

Vemos pela capa que esta parece ser a primeira tentativa de se lançar as obras completas de Lênin no Brasil, mas, até onde sabemos, os dois volumes de *Materialismo e Empiro-Criticismo* foram a única obra a compor essa coleção da Calvino. Ao pesquisar pela edição francesa, descobrimos que ela indica ser o tomo XIII das *Œuvres Complètes*, o que nos dá a entender que, talvez, a editora Calvino não estivesse propondo a publicação das obras completas de Lênin, mas apenas seguindo a edição na qual se baseou para a tradução. Tal edição foi publicada pela primeira vez em 1928 pela ESI de Paris, traduzida por Victor Serge a partir da língua russa (BOUJU, 1999).

5.22 Que fazer?

Figura 24 – *Que fazer?* e trecho de jornal anunciando os lançamentos de *Que fazer?* e *Três fontes e três partes integrantes do marxismo*



Fonte: Ephemera⁶⁴ (à esquerda) e *Tribuna Popular*⁶⁵ (à direita).

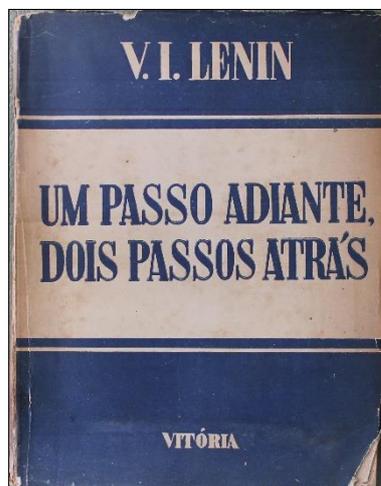
O livro é tradução do célebre texto *Chto delat? Nabolévchie voprócy náchego dvijéniia*. A edição da Calvino foi publicada em 1946, no Rio de Janeiro, em tradução de Luis Afilhado e Edison Dias; já a da editora Vitória, publicada no mesmo ano, foi traduzida por Gilberto Paim e Alina Paim, segundo informações de Flamarion Maués (2013). Não sabemos qual foi a língua-fonte para essas traduções. *Que faire?*, por exemplo, já havia sido publicado em 1925 pela *Librairie de l'Humanité*, em Paris (BOUJU, 1999). Nem mesmo o competente levantamento das matrizes intelectuais do marxismo no Brasil de Lacerda (2017; 2019) dá indícios de que esse livro era lido, qual fosse a língua, em nosso país nos anos 1920. Portanto, é possível que o livro fosse realmente pouco conhecido até a data da publicação das duas edições.

⁶⁴ Ephemera, *website* da biblioteca e arquivo de José Pacheco Pereira, postagem “Brasil – Editorial Calvino”, de 27 dez. 2016. Disponível em: <https://ephemerajpp.com/2016/12/27/brasil-editorial-calvino/>. Acesso em: 4 nov. 2020.

⁶⁵ *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 304, 19 mai. 1946, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154547&Pesq=%22Editora%20Vit%e3%b3ria%22&pagfis=2508>. Acesso em: 31 jul. 2020.

5.23 Um passo adiante, dois passos atrás

Figura 25 – *Um passo adiante, dois passos atrás*



Fonte: Acervo pessoal.

Trata-se da tradução de *Chag vperiód, dva chága nazád*. O livro foi publicado pela editora Vitória em 1946, com tradução de Alina e Gilberto Paim, mas não indica o texto-fonte utilizado. *Un paso adelante, dos pasos atrás (una crisis en nuestro partido)* foi publicado pelas Ediciones en Lenguas Extranjeras no ano seguinte⁶⁶ e, segundo Bouju (1999), *Un pas en avant, deux pas en arrière: la crise dans notre parti* foi publicado pela ESI apenas em 1953. Portanto, não temos pistas de qual seria o texto que serviu de base para essa tradução.

5.24 O socialismo e a guerra

Figura 26 – Anúncio do livro *O socialismo e a guerra*

| Livros de Atualidade | |
|---|------------|
| M. ROSENAL — El Metodo Dialectico Marxista | Cr\$ 30,00 |
| V. I. LENIN — O Socialismo e a guerra | " 3,00 |
| V. L. LENIN — Marx y el Marxismo | " 10,00 |
| L. SEGAL — Principios de Economía Política | " 40,00 |
| CAIO PRADO Jr. — Formação do Brasil Contemporaneo | " 60,00 |
| JAMES S. ALLEN — EL Monopolio Mundial y la Paz | " 52,00 |
| HENRI LEFEBVRE — El Existencialismo | " 70,00 |
| LUIZ CARLOS PRESTES — Contra a Guerra e o Imperialismo. | " 2,00 |

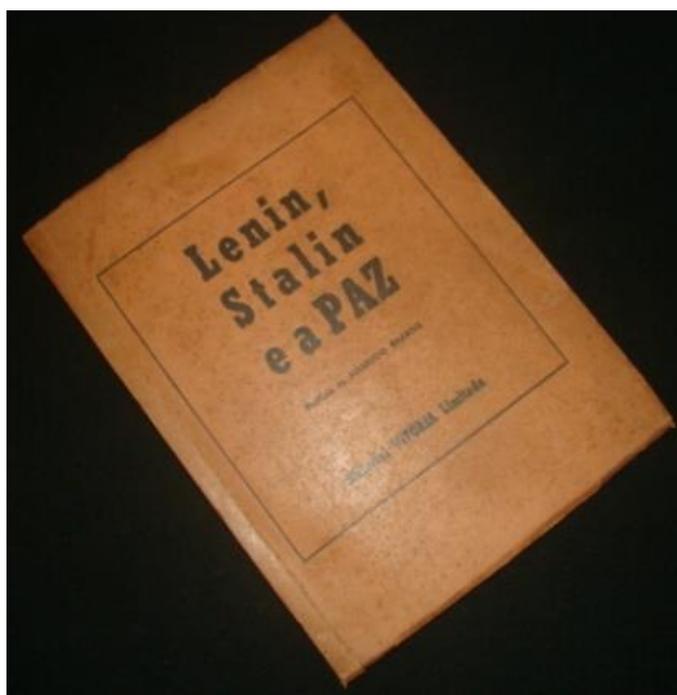
⁶⁶ De acordo com o *website* especializado em venda de livros AbeBooks, disponível em: <https://www.abebooks.fr/paso-adelante-dos-pasos-atr%C3%A1s-Lenin/30894488849/bd>. Acesso em: 10 jun. 2021.

Fonte: *Voz Operária*⁶⁷.

A brochura de 32 páginas publicada pela Vitória, em 1947, é tradução de Edison Carneiro para *Sotsializm i voíná (Otnochénie RSDRP k voíné)*, escrito por Lênin entre julho e agosto de 1915. A julgar pelo tamanho da obra, não é de se admirar que não tenha sobrevivido até nossos dias. Infelizmente, não temos pistas do texto que serviu de base para a tradução de Carneiro. Bouju (1999) repertoria uma brochura de 48 páginas intitulada *Socialisme et la guerre*, publicada pelas *Éditions sociales*, mas apenas em 1952! Mas, considerando que o texto está mais para um folheto do que para um livro, acreditamos que ele pode ter chegado até seu editor por muitas outras formas.

5.25 Lenin, Stalin e a paz

Figura 27 – *Lenin, Stalin e a paz*



Fonte: Leiloeiro Antonio Ferreira⁶⁸.

Segundo Carone (1986), o livro da editora Vitória, publicado em 1949, foi prefaciado por Maurício Grabois. Não sabemos quem o traduziu. O *website* de leilões que anunciou a peça

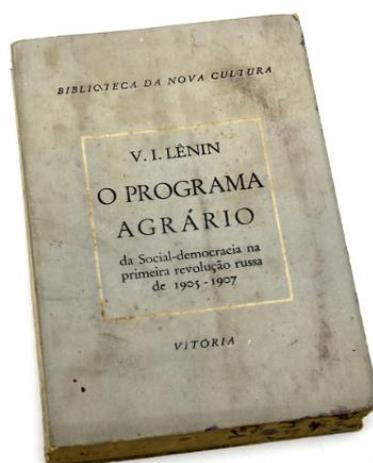
⁶⁷ *Voz Operária*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, 29 jun. 1949, p. 9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154512&pesq=%22O%20socialismo%20e%20a%20guerra%22&pasta=ano%20194&pagfis=53>. Acesso em: 26 ago. 2020

⁶⁸ Anúncio de venda no *website* de leilões Antonio Ferreira, disponível em: <https://www.antonioferreira.leil.br/peca.asp?ID=4154>. Acesso em: 10 jun. 2021.

que vemos acima informa, por sua vez, que o livro é composto por discursos e entrevistas de Lênin e Stálin. Sabemos que no mesmo ano, em Paris, as *Éditions Sociales* lançaram o livro *Lénine, Staline et la paix*, prefaciado por Victor Michaut. O conteúdo, acreditamos, deve ser o mesmo da editora Vitória. Os textos de Lênin apresentados no sumário da edição francesa⁶⁹ são: *Le programme militaire de la révolution prolétarienne*; *Le décret sur la paix*; *Sur la paix*; *Note sur les tâches de notre délégation à La Haye*.

5.26 O programa agrário da social-democracia russa na primeira revolução russa de 1905-1907

Figura 28 – *O programa agrário*



Fonte: Leilões Pró-Memória⁷⁰.

O livro é tradução de *Agrárnaia programma sotsial-demokráti v pérvói rússkoi revoliútsi 1905-1907 godóv*. Vale a pena lembrar a história de publicação do original, recuperada por Krausz (2017, p. 132): “Publicado em 1908 como livro independente, em São Petersburgo, pela Zerno, mas acabou confiscado; uma única cópia foi preservada, como informa comentário do próprio Lênin, a partir da qual ele foi republicado em 1917”. A tradução da editora Vitória, publicada em 1954, não apresenta o tradutor ou o texto-fonte utilizado. Do mesmo ano é a edição *Programme agraire de la social-démocratie dans la première révolution*

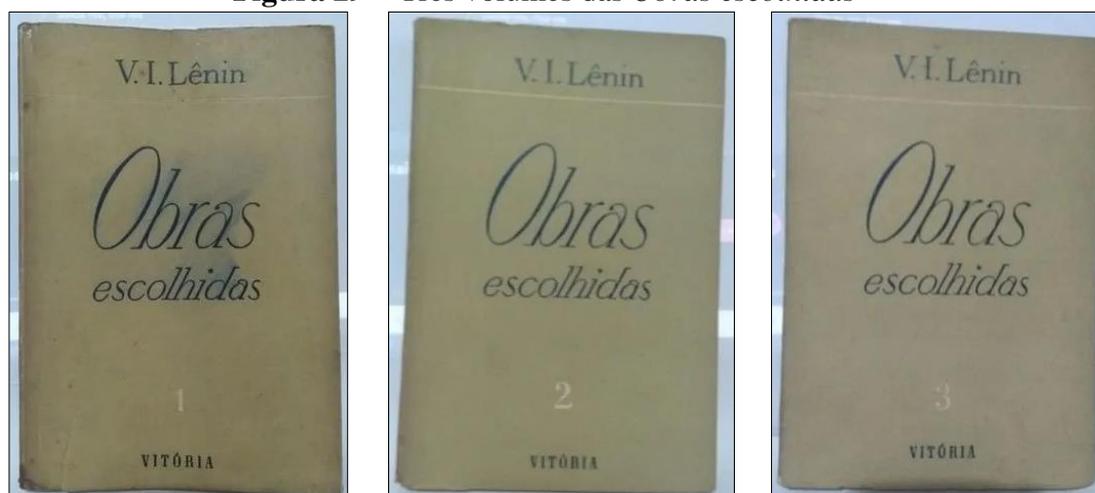
⁶⁹ Conforme digitalização disponível no *website* Cultura, disponível em: <https://www.cultura.com/lenine-staline-et-la-paix-tea-9782307165828.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.

⁷⁰ Anúncio de venda no *website* de leilões Pró-Memória, disponível em: <http://www.promemorialeiloes.com.br/peca.asp?ID=4149652>. Acesso em: 26 jul. 2020.

russe de 1905-1907, das *Éditions en Langues Étrangères*⁷¹, mas não temos informações de publicações desse texto em outras línguas.

5.27 Obras escolhidas

Figura 29 – Três volumes das *Obras escolhidas*



Fonte: Mercado Livre⁷².

Carone (1986), infelizmente, não informa muitos detalhes sobre os três volumes das Obras Escolhidas da editora Vitória. Em relação ao primeiro volume, ele afirma que as primeiras 75 páginas são preenchidas com artigos e discurso de Stálin. Como vemos no anúncio de jornal abaixo, o primeiro volume também inclui um dos primeiros trabalhos de Lénin, *Chto takoe "druziá naroda" i kak oni voiiuit protiv sotsial-demokratov?*, possivelmente publicado pela primeira vez no Brasil. Os outros dois volumes são compostos de livros que já haviam sido publicados pela Vitória: *Que fazer?* e *Um passo adiante, dois atrás*. Portanto, sem acesso aos nomes dos tradutores e textos-fonte, é difícil saber se se trata de reedições das traduções já publicadas pela editora ou se são traduções novas.

⁷¹ De acordo com o *website* especializado em venda de livros MareMagnum, disponível em: <https://fr.maremagnum.com/libri-antichi/proletaires-de-tous-les-pays-unissez-vous-v-lenine-programme/116661447>. Acesso em: 10 jun. 2021.

⁷² As três edições foram encontradas em anúncio de venda na plataforma digital Mercado Livre, disponível, respectivamente, em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1474765761-livro-obras-escolhidas-volume-1-v-i-lnin- JM#position=4&type=item&tracking_id=d9d470ba-1ef9-4562-8659-b0b88037c70b; https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1474765763-livro-obras-escolhidas-volume-2-v-i-lnin- JM#position=6&type=item&tracking_id=d9d470ba-1ef9-4562-8659-b0b88037c70b; https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1474768568-livro-obras-escolhidas-volume-3-v-i-lnin- JM#position=45&type=item&tracking_id=7f65c301-7dbd-4133-bdd2-78c617d387b9. Acesso em: 26 jul. 2020.

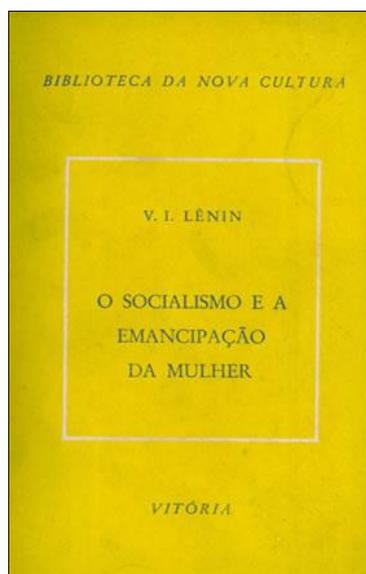
Figura 30 – Anúncio de *Obras Escolhidas* no jornal



Fonte: *Imprensa Popular*⁷³.

5.28 O socialismo e a emancipação da mulher

Figura 31 – *O socialismo e a emancipação da mulher*



Fonte: *Marxists Internet Archive*⁷⁴.

⁷³ **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 2.091, 17 abr. 1957, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=108081&pasta=ano%20195&pesq=editora%20Vit%C3%B3ria&pagfis=13126>. Acesso em: 31 jul. 2020.

⁷⁴ Edição digitalizada no acervo Imprensa Proletária do website do MIA, disponível em: https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/soc_eman_mulher/index.htm. Acesso em: 28 jul. 2020.

De acordo com a edição digitalizada disponível *on-line*, o livro *O socialismo e a emancipação da mulher*, publicado na coleção “Biblioteca da Nova Cultura”, é uma compilação de artigos e discursos de Lênin, tendo como apêndice o artigo “Lênin e o movimento feminino” (1920), de autoria de Clara Zetkin. Transcrevemos os títulos e as informações adicionais tal como foram apresentadas no livro digitalizado:

Quadro 10 – Títulos que compõem *O socialismo e a emancipação da mulher*

| Título | Data de publicação | Livro, jornal ou revista da publicação original |
|---|--------------------|---|
| O trabalho da mulher na fábrica | 1899 | Trecho extraído de <i>O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia</i> |
| A classe operária e o neomalthusianismo | 1913 | <i>Pravda</i> |
| O V Congresso Internacional de Luta contra a Prostituição | 1913 | <i>Rabótchaia Pravda</i> |
| O trabalho da mulher na agricultura no regime capitalista | 1913 | Trecho extraído do artigo “A pequena produção na agricultura”, publicado no <i>Rabótchaia Pravda</i> |
| O direito ao divórcio | 1916 | Trecho extraído no artigo “Uma caricatura do marxismo e o ‘economismo imperialista’”, publicado na revista <i>Zviesdá</i> |
| Discurso no Primeiro Congresso Pan-Russo das Operárias | 1918 | <i>Pravda</i> |
| A contribuição da mulher na construção do socialismo | 1919 | Trecho extraído da brochura <i>De uma grande iniciativa</i> |
| As tarefas do movimento operário feminino na República dos Soviotes | 1919 | <i>Pravda</i> |
| O poder soviético e a situação da mulher | 1919 | <i>Pravda</i> |
| Às operárias | 1920 | <i>Pravda</i> |
| O Dia Internacional da Mulher | 1920 | <i>Pravda</i> |
| O Dia Internacional da Mulher | 1921 | <i>Pravda</i> |
| A instituição do divórcio não destrói a família | 1922 | Trecho extraído do artigo “A significação do materialismo militante”, publicado na revista <i>Pod Znaminiem Marksisma</i> |

Fonte: Elaborado por nós a partir das informações do livro.

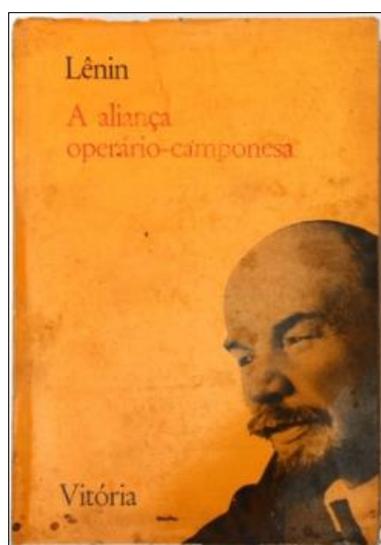
La emancipacion de la mujer, publicado em espanhol pelas *Ediciones en lenguas extranjeras*, em 1934, traz os textos da edição brasileira e mais outros⁷⁵, o que nos indica uma forte possibilidade de ser o texto-fonte para a tradução da Vitória. Os textos que coincidem com os da edição brasileira são: trecho de *El desarrollo del capitalismo en Rusia; La clase obrera y el neomalthusianismo; El quinto Congreso internacional contra la prostitución; La pequeña producción en la agricultura; Sobre una caricatura de marxismo y sobre el "economismo imperialista"; Discurso en el I Congreso de obreras de toda Rusia 19 noviembre de 1918; Una*

⁷⁵ Informações obtidas através de anúncio de venda no *website* Mercado Libre, disponível em: <https://articulo.mercadolibre.com.mx/MLM-660955166-la-emancipacion-de-la-mujer-v-i-lenin- JM>. Acesso em: 10 jun. 2021.

gran iniciativa; Las tareas del movimiento obrero femenino en la República Soviética; A las obreras; El Día Internacional de la Obrera; Sobre el significado del materialismo militante; e o apêndice de Clara Zetkin, De los recuerdos sobre Lenin. Em 1937, De l'émancipation de la femme foi publicado pelo Bureau d'éditions, em Paris, que provavelmente continha os mesmos textos (BOUJU, 1999).

5.29 A aliança operário-camponesa

Figura 32 – *A aliança operário-camponesa*



Fonte: Leilões Harpya⁷⁶.

A aliança operário-camponesa foi publicado em 1961 pela editora Vitória, em tradução de responsabilidade de Renato Guimarães, Fausto Cupertino, Regina Maria Mello e Helga Hoffman a partir de *La alianza de la clase obrera y del campesinado*, publicado em 1957 em Moscou, pelas *Ediciones en Lenguas Extranjeras*. Ainda segundo a edição, a versão espanhola foi traduzida a partir da edição soviética em russo (4ª edição), preparada pelo Instituto de Marxismo-Leninismo de 1954.

Tivemos a oportunidade de consultar essa edição pessoalmente na Livraria Aurora, de Porto Alegre. Reproduzimos abaixo as informações sobre os textos do livro tal como dispostas na edição:

⁷⁶ Anúncio de venda no website de leilões Harpya, disponível em: <http://www.harpyaleiloes.com.br/peca.asp?ID=424089>. Acesso em: 26 jul. 2020.

Quadro 11 – Títulos que compõem *A aliança operário-camponesa*

| Título | Data do manuscrito | Data de publicação | Livro, jornal ou revista da publicação original |
|--|---------------------------|---------------------------|--|
| Resposta aos artigos de <i>Russkoie Bogatstvo</i> contra os marxistas | 1894 | 1894 | Do livro <i>Quem são os “Amigos do Povo” e como lutam contra os social-democratas?</i> |
| Prefácio da segunda edição | 1907 | 1907 | Do livro <i>O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia</i> |
| Projeto de programa de nosso partido | 1899 | 1924 | <i>Obras</i> |
| O partido operário e o campesinato | 1901 | 1901 | <i>Iskra</i> |
| O programa agrário da social-democracia russa | 1902 | 1902 | <i>Zariá</i> |
| Aos pobres do campo | 1903 | 1903 | Folheto da Liga da Social-Democracia Russa |
| Segundo discurso durante os debates em torno do programa agrário | 1903 | 1904 | <i>Atas do II Congresso do POSDR</i> |
| O proletariado e o campesinato | 1905 | 1905 | <i>Vperiod</i> |
| A ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato | 1905 | 1905 | <i>Vperiod</i> |
| Informe sobre a resolução acerca do apoio ao movimento camponês / Projeto de resolução acerca do apoio ao movimento camponês | 1905 | 1905 | <i>Atas do III Congresso do POSDR</i> |
| De que lado o proletariado é ameaçado pelo perigo de ver-se com as mãos atadas na luta contra a burguesia inconsequente? / As “comunas revolucionárias” e a ditadura democrática revolucionária do proletariado e dos camponeses / Diminuirá o alcance da revolução democrática se a burguesa lhe der as costas? | 1905 | 1905 | Do livro <i>Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática</i> |
| A atitude da social-democracia ante o movimento camponês | 1905 | 1905 | <i>Proletari</i> |
| Socialismo pequeno-burguês e socialismo proletário | 1905 | 1905 | <i>Proletari</i> |
| O proletariado e o campesinato | 1905 | 1905 | <i>Novaia Jisn</i> |
| Resolução sobre a questão agrária aprovada pela conferência da “maioria” em Tammerfors | 1905 | 1905 | Volante impresso |
| Revisão do programa agrário do partido operário | 1906 | 1906 | Folheto impresso |
| Palavras finais sobre a questão agrária | 1906 | 1907 | <i>Atas do Congresso de Unificação do POSDR</i> |
| O grupo camponês ou “trudovique” e o POSDR | 1906 | 1906 | <i>Volná</i> |
| A questão da terra na Duma | 1906 | 1906 | <i>Volná</i> |
| A propósito do apelo dos deputados operários da Duma do Estado | 1906 | 1906 | <i>Volná</i> |
| O problema da terra e a luta pela liberdade | 1906 | 1906 | <i>Volná</i> |
| As tarefas do partido operário e o campesinato | 1906 | 1935 | <i>Voljskaia Kommuna</i> |
| Sobre os Projetos de Resoluções para o V Congresso do POSDR | 1907 | 1907 | <i>Proletari</i> |

| | | | |
|---|------|-----------|--|
| O problema agrário e as forças da revolução | 1907 | 1907 | <i>Nashe Ejo</i> |
| Conclusão | 1907 | 1908/1917 | Do livro <i>O Programa Agrário da Social-Democracia na Primeira Revolução Russa de 1905/1907</i> |
| Carta a I. I. Skvortsov-Stepanov | 1909 | 1924 | <i>Proletarskaia Revolutsia</i> |
| Que ocorre no campo? | 1910 | 1910 | <i>Rabotchaia Gazeta</i> |
| O campesinato e a classe operária | 1913 | 1913 | <i>Pravda</i> |
| Sobre as duas linhas da revolução | 1915 | 1915 | <i>Sotsial Demokrat</i> |
| As tarefas do proletariado na presente revolução | 1917 | 1917 | <i>Pravda</i> |
| O programa agrário e o programa nacional | 1917 | 1917 | Do folheto <i>As Tarefas do Proletariado em Nossa Revolução</i> |
| Informe sobre o momento atual e sobre a posição diante do governo provisório [Conferência de Petrogrado do POSDR(b)] | 1917 | 1917 | <i>Pravda</i> |
| O Congresso de Deputados Camponeses | 1917 | 1917 | <i>Pravda</i> |
| Resolução sobre a questão agrária [VII Conferência do POSDR(b)] | 1917 | 1917 | <i>Pravda</i> |
| Introdução às resoluções da VII Conferência (Conferência de abril) do POSDR(b) | 1917 | 1917 | <i>Soldatskaia Pravda</i> |
| Carta-aberta aos delegados ao Congresso de Deputados Camponeses de Toda a Rússia | 1917 | 1917 | <i>Soldatskaia Pravda</i> |
| Projeto de resolução sobre o problema agrário (I Congresso de Deputados Camponeses de Toda a Rússia) | 1917 | 1917 | Do folheto <i>Documentos sobre o Problema Agrário</i> |
| Sobre a necessidade de fundar o Sindicato de Operários Agrícolas da Rússia | 1917 | 1917 | <i>Pravda</i> |
| Do diário de um publicista: Os operários e os camponeses | 1917 | 1917 | <i>Rabotchii</i> |
| A democracia revolucionária e o proletariado revolucionário | 1917 | 1917 | Do folheto <i>A Catástrofe que nos Ameaça e como Combatê-la</i> |
| Informe sobre as tarefas do poder dos soviets / Resolução (Sessão do Soviete de Deputados e Soldados de Petrogrado) | 1917 | 1917 | <i>Izvestia do CEC</i> |
| Informe sobre a terra / Decreto sobre a terra (II Congresso dos Soviets de Deputados Operários e Soldados de Toda a Rússia) | 1917 | 1917 | <i>Izvestia do CEC</i> |
| Resposta às perguntas dos camponeses | 1917 | 1917 | <i>Izvestia do CEC</i> |
| Projeto de resolução (Congresso Extraordinário dos Soviets de Deputados Camponeses de Toda a Rússia) | 1917 | 1917 | <i>Izvestia do CEC</i> |
| A aliança dos operários e dos camponeses trabalhadores e explorados | 1917 | 1917 | <i>Pravda</i> |
| Discurso aos agitadores enviados às províncias | 1918 | 1918 | <i>Pravda</i> |

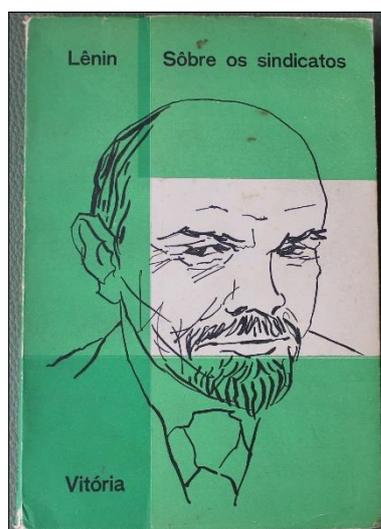
| | | | |
|--|-----------|------|--|
| A fome (Carta aos operários de Petrogrado) | 1918 | 1918 | <i>Pravda</i> |
| Aos operários de Petrogrado | 1918 | 1924 | <i>Proletarskaia Revolutsia</i> |
| Carta aos operários de Elets | 1918 | 1918 | <i>Sovietskaia Gazeta</i> |
| Camaradas operários! À luta final, à luta decisiva! | 1918 | 1925 | <i>Obras</i> |
| Projeto de telegrama a todos os deputados dos soviets sobre a aliança entre operários e camponeses | 1918 | 1931 | <i>Obras</i> |
| Discurso aos delegados dos comitês de camponeses pobres da região de Moscou | 1918 | 1918 | <i>Bednotá</i> |
| As preciosas confissões de Pitirin Sorokin | 1918 | 1918 | <i>Pravda</i> |
| Informe sobre a posição do proletariado diante da democracia pequeno-burguesa | 1918 | 1918 | <i>Pravda</i> |
| Servilismo diante da burguesia a pretexto de “análise econômica” | 1918 | 1918 | Do livro <i>A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky</i> |
| Discurso pronunciado no I Congresso de Seções Agrárias, Comitês de Camponeses Pobres e Comunas de Toda a Rússia | 1918 | 1918 | <i>Pravda</i> |
| Parte agrária do programa | 1918/1919 | 1930 | Do <i>Projeto de Programa do PC(b) da Rússia</i> |
| Discurso de abertura do Congresso / Informe sobre o trabalho no campo / Resolução sobre a atitude em relação ao camponês médio | 1919 | 1919 | <i>Atas do VIII Congresso do PC(b) da Rússia</i> |
| Sobre a candidatura de M. I. Kalínin para o cargo de presidente do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia. | 1919 | 1932 | <i>Obras</i> |
| Discurso ao Exército Vermelho / Sobre os camponeses médios | 1919 | 1919 | Discursos gravados em discos de gramofone |
| Prefácio à edição do discurso “Sobre como se engana o povo com as palavras-de-ordem de liberdade e igualdade” | 1919 | 1919 | Do folheto <i>Dois discursos no I Congresso de Ensino Extra-Escolar de Toda a Rússia</i> |
| Carta aos operários e camponeses por motivo da vitória sobre Koltchak | 1919 | 1919 | <i>Pravda</i> |
| Economia e política na época da ditadura do proletariado | 1919 | 1919 | <i>Pravda</i> |
| Dois anos de Poder Soviético | 1919 | 1919 | <i>Bednotá</i> |
| Dois anos de Poder Soviético (Discurso) | 1919 | 1919 | <i>Pravda</i> |
| Discurso na I Conferência de Toda a Rússia sobre o Trabalho do Partido no Campo | 1919 | 1919 | <i>Pravda</i> |
| Projeto de resolução do Comitê Central do PC(b) da Rússia sobre o Poder Soviético na Ucrânia | 1919 | ? | <i>Obras</i> |
| Discurso no I Congresso de Comunas e Artéis Agrícolas | 1919 | 1919 | <i>Pravda</i> |
| Esboço inicial das teses sobre a questão agrária | 1920 | 1920 | <i>Obras</i> |
| Informe sobre a substituição do sistema de entregas obrigatórias pelo imposto em espécie | 1921 | 1921 | <i>Atas do X Congresso do PC(b) da Rússia</i> |

| | | | |
|--|------|------|--|
| Informe sobre o imposto em espécie | 1921 | 1921 | <i>Boletim da Conferência do CC(b) da Rússia</i> |
| Teses do informe sobre a tática do PC da Rússia ao III Congresso da IC | 1921 | 1921 | Do folheto <i>Teses do Informe sobre a Tática do PC da Rússia ao III Congresso da IC</i> |
| Informe sobre a tática do PC da Rússia | 1922 | 1922 | <i>Atas do III Congresso Mundial da IC</i> |
| Do informe político do CC do PC(b) da Rússia / Discurso de encerramento do Congresso | 1922 | 1922 | <i>Atas do XI Congresso do PC(b) da Rússia</i> |
| Sobre a cooperação | 1923 | 1923 | <i>Pravda</i> |
| Mais vale pouco e bom | 1923 | 1923 | <i>Pravda</i> |

Fonte: elaborado por nós a partir das informações do livro consultado em livraria.

5.30 Sobre os sindicatos

Figura 33 – *Sobre os sindicatos*



Fonte: Acervo pessoal.

Trata-se de uma coletânea de artigos traduzidos por Armênio Guedes, Zuleika Alambert e Luiz Fernando Cardoso a partir da versão espanhola *Acerca de los Sindicatos*, publicada pela *Ediciones en Lenguas Extranjeras* (Moscou), em 1958. Esta, por sua vez, de acordo com as informações fornecidas pela Vitória, foi traduzida a partir da quarta edição russa das Obras de Lênin, publicada em Moscou pelo Instituto de Marxismo-Leninismo.

O índice da edição informa a origem dos textos da coletânea, com algumas informações acerca das datas e publicações originais, que transcrevemos a seguir:

Quadro 12 – Títulos que compõem *Sobre os sindicatos*

| Título | Data do manuscrito | Data de publicação | Livro, jornal ou revista da publicação original |
|---|---------------------------|---------------------------|--|
| A tática da luta de classe do proletariado | 1914 | 1915 | Do artigo “Karl Marx” para o <i>Dicionário Enciclopédico Granat</i> |
| Projeto de programa do Partido Social-Democrata e explicação desse projeto | 1895/1896 | 1924 | <i>Obras</i> |
| Protesto dos social-democratas da Rússia | 1899 | 1899 | <i>Rabotcheie Dielo</i> |
| Nosso programa | 1899 | 1925 | <i>Obras</i> |
| Sobre as greves | 1899 | 1924 | <i>Proletarskaia Revoliutsia</i> |
| Um novo massacre | 1901 | 1901 | <i>Iskra</i> |
| A espontaneidade das massas e a consciência da social-democracia / Política trade-unionista política social-democrata / Os métodos artesãos de trabalho dos economistas e a organização dos revolucionários | 1901/1902 | 1902 | Capítulos extraídos de <i>Que Fazer?</i> |
| Projeto de programa do Partido Operário Social-Democrata da Rússia | 1902 | - | <i>Obras</i> |
| Novos acontecimentos e velhos problemas | - | 1902 | <i>Iskra</i> |
| A era das reformas | - | 1903 | <i>Iskra</i> |
| Projetos de pequenas resoluções | 1903 | 1927 | <i>Recopilação Leninista</i> ⁷⁷ |
| [Sem título] | 1904 | 1904 | Trecho extraído do livro <i>Um passo adiante, dois passos atrás</i> |
| Outra vez a tendência de <i>osvobojdenie</i> , outra vez o neo-iskrismo | 1905 | 1905 | Trecho extraído de <i>Duas táticas da social-democracia na revolução democrática</i> |
| O congresso de Iena do Partido Operário Social-Democrata da Alemanha | 1905 | 1924 | <i>Pod Znaminiem Marksisma</i> |
| [Carta] a S.I.I. Gússiev | 1905 | 1926 | <i>Obras</i> |
| A greve política e a luta de rua em Moscou | - | 1905 | <i>Proletari</i> |
| Comentário ao artigo de M. Borissov <i>Sobre o movimento sindical e as tarefas da social-democracia</i> | - | 1905 | <i>Proletari</i> |
| A greve política de toda a Rússia | - | 1905 | <i>Proletari</i> |
| Decisão do Comitê Executivo do Soviete de Deputados Operários de Petersburgo sobre a luta contra o <i>lockout</i> | - | 1905 | <i>Novaia Jizn</i> |
| O partido socialista e o revolucionarismo sem cunho partidário | - | 1905 | <i>Novaia Jizn</i> |
| Plataforma tática para o congresso de unificação | - | 1906 | <i>Partinie Izvestia</i> |
| Dos projetos de resoluções para o V Congresso do POSDR | 1907 | 1907 | <i>Proletari</i> |
| Larin e Khrustaliiov | - | 1907 | <i>Trud</i> |
| Projeto de resolução sobre a participação nas eleições para a III Duma de Estado / Esboço de projeto de resolução sobre o | 1907 | 1933 | <i>Recopilação Leninista</i> |

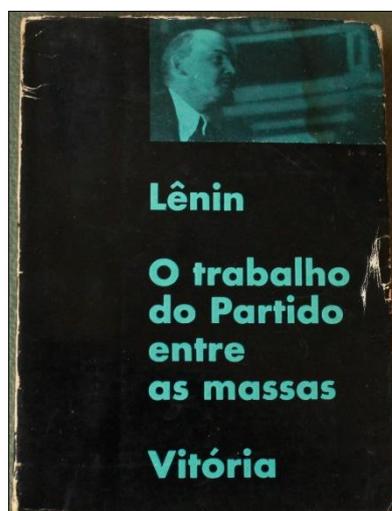
⁷⁷ Trata-se, provavelmente, da *Leninski sbornik*, compilação publicada entre 1924 e 1985 e que corria em paralelo com a publicação da *Obras Completas* na União Soviética. Esses volumes reuniam materiais preparatórios para discursos, artigos e etc., além de esboços, telegramas, notas e outros documentos menores (EKCHTUT, 2016).

| | | | |
|---|-----------|------|--|
| Congresso de Sindicatos de Toda a Rússia | | | |
| O Congresso Socialista Internacional de Stuttgart | 1907 | 1907 | <i>Proletari</i> |
| Prólogo ao folheto de Voinov (A. V. Lunatcharski) sobre a atitude do partido diante dos sindicatos | 1907 | 1933 | <i>Recopilação Leninista</i> |
| A neutralidade dos sindicatos | - | 1908 | <i>Proletari</i> |
| Sobre o caráter e as formas orgânicas do trabalho do partido / Atitude diante do projeto de lei da Duma sobre o seguro operário de Estado | 1912 | 1912 | Do folheto <i>Conferência de Toda Rússia do Partido Operário Social-Democrata da Rússia</i> |
| A vida ensina | - | 1913 | <i>Pravda</i> |
| A classe operária e a questão nacional | - | 1913 | <i>Pravda</i> |
| A comemoração do Primeiro de Maio pelo proletariado revolucionário | - | 1913 | <i>Sotsial-Demokrat</i> |
| As tarefas de agitação no presente momento / Sobre o trabalho nas associações legais | 1913 | 1913 | Do folheto <i>Comunicado e resoluções da reunião do Comitê Central do POSDR com um grupo de militantes responsáveis do partido</i> |
| Qual é a vontade dos operários manifestada pelos sindicatos em Petersburgo? | - | 1913 | <i>Za Pravdu</i> |
| O que não se deve imitar do movimento operário alemão | - | 1914 | <i>Prosveschenie</i> |
| Do informe do CC do POSDR e das instruções à delegação do CC à Conferência de Bruxelas | 1914 | 1929 | <i>Obras</i> |
| Sobre a Revolução de 1905 | 1917 | 1925 | <i>Pravda</i> |
| Resolução sobre as medidas econômicas contra a desordem | - | 1917 | <i>Sotsial-Demokrat</i> |
| Sobre a necessidade de fundar o sindicato de operários agrícolas da Rússia | - | 1917 | <i>Pravda</i> |
| Sobre as tarefas dos sindicatos | 1919 | 1933 | <i>Obras</i> |
| Do informe ao II Congresso de Sindicatos de Toda a Rússia | - | 1919 | <i>Pravda</i> |
| Os revolucionários devem atuar nos sindicatos reacionários? | 1920 | 1920 | Capítulo extraído de <i>A doença infantil do esquerdismo no comunismo</i> |
| Sobre os sindicatos, o momento atual e os erros de Trotski | 1920 | 1921 | <i>Obras</i> |
| Primeiro projeto de resolução do X Congresso do PC da Rússia sobre o desvio sindicalista e anarquista em nosso partido | - | - | <i>Obras</i> |
| Sobre o papel e as tarefas dos sindicatos nas condições da nova política econômica | 1921/1922 | 1922 | <i>Pravda</i> |

Fonte: Elaborado por nós a partir das informações do livro.

5.31 O trabalho do partido entre as massas: artigos e discursos

Figura 34 – *O trabalho do Partido entre as massas*



Fonte: Acervo pessoal.

A tradução de Fragmon Borges, como consta no livro, foi feita a partir da edição em língua espanhola *El Trabajo del Partido Entre las Masas, Artículos y Discursos*, das *Ediciones en Lenguas Extranjeras* (Moscou, 1958), que, por sua vez, foi traduzido a partir da quarta edição russa das Obras de Lênin, publicada pelo Instituto do Marxismo-Leninismo. Transcrevemos, a seguir, os artigos e discursos contidos no livro, bem como as informações suplementares fornecidas:

Quadro 13 – Títulos que compõem *O trabalho do Partido entre as massas*

| Título | Data do manuscrito | Data de publicação | Livro, jornal ou revista da publicação original |
|--|--------------------|--------------------|---|
| Tarefas urgentes de nosso movimento | 1900 | 1900 | <i>Iskra</i> |
| As tarefas do movimento social-democrata | 1902 | 1939 | <i>Proletarskaia Revoliutsia</i> |
| Novas tarefas e novas forças | | 1905 | <i>Vperiod</i> |
| Confusão entre política e pedagogia | 1905 | 1926 | <i>Recompilação Leninista</i> |
| Os ensinamentos da insurreição de Moscou | - | 1906 | <i>Proletari</i> |
| Qual a atitude dos partidos burgueses e do partido operário ante as eleições à Duma? | - | 1906 | <i>Ternii Trudá</i> |
| Sobre o agravamento da situação econômica das massas e a intensificação da luta econômica / Sobre as organizações operárias independentes do Partido em relação com a corrente anarco-sindicalista no seio do proletariado | 1907 | 1907 | <i>Proletari</i> |
| Opinião sobre o momento atual | - | 1908 | <i>Proletari</i> |
| A caminho | - | 1909 | <i>Sotsial-Demokrat</i> |

| | | | |
|---|------|------|---|
| Uma vez mais sobre o partidarismo e o apartidarismo | - | 1909 | <i>Novi Dien</i> |
| Às vésperas das eleições à IV Duma | - | 1912 | <i>Rabotchaia Gazeta</i> |
| A unidade dos operários e as “tendências” dos intelectuais | - | 1914 | <i>Put Pravdi</i> |
| O Congresso de Deputados Camponeses | - | 1917 | <i>Pravda</i> |
| Saudação aos comunistas italianos, franceses e alemães | 1919 | 1919 | <i>Obras</i> |
| Os revolucionários devem atuar nos sindicatos reacionários? / Deve-se participar nos parlamentos burgueses? | 1920 | 1920 | Capítulos extraídos de <i>A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo</i> |
| Tese sobre as tarefas fundamentais do II Congresso da Internacional Comunista | - | 1920 | <i>Obras</i> |
| Discurso sobre o papel do Partido Comunista no II Congresso da Internacional Comunista | 1920 | 1921 | Trecho das atas do <i>II Congresso da Internacional Comunista. Atas taquigráficas.</i> |
| Informe da comissão para as questões nacional e colonial do II Congresso da Internacional Comunista | 1920 | 1921 | Trecho das atas do <i>II Congresso da Internacional Comunista. Atas taquigráficas.</i> |
| Carta aos comunistas austríacos | - | 1920 | <i>Die Rote Fahne</i> |
| Discurso em defesa da tática da Internacional Comunista no III Congresso da Internacional Comunista | 1921 | 1922 | Trecho das atas do <i>III Congresso Mundial da Internacional Comunista. Atas taquigráficas.</i> |

Fonte: Elaborado por nós a partir das informações do livro.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EDIÇÕES

Apresentadas as obras traduzidas de Lênin, podemos passar à nossa análise qualitativa das edições. Neste capítulo, dividiremos nossa análise de modo cronológico, ressaltando os elementos históricos, políticos e culturais envolvidos no período estudado para compreender como estes interferiram e moldaram a história da tradução de Lênin no Brasil.

Essa história começa, como vimos, em 1920, com a tradução e publicação de *A luta pelo pão*, por iniciativa do militante José Alves. Influenciado pelas tendências anarquistas e comunistas, ele publicava textos das duas frentes sem distinções (LACERDA, 2019). Esse começo de história caracteriza bem o estado da esquerda brasileira em 1920. Desde o começo do século, o anarcossindicalismo se organizava no Brasil com forte influência dos imigrantes europeus que aportavam aqui. Uma greve iniciada em uma fábrica de tecidos do Rio de Janeiro, em 1903, acelerou a organização dos trabalhadores urbanos no país e culminou na fundação da Confederação Operária Brasileira (COB) em 1906, que poderíamos considerar a primeira central sindical do Brasil, de forte tendência anarquista. Em 1917, cerca de 70 mil trabalhadores paulistanos cruzaram os braços na maior greve do período, que durou quase um mês (MATTOS, 2017). Seriam esses trabalhadores potenciais leitores de Lênin? Guardadas as restrições impostas pelas taxas de analfabetismo do país (o que fazia dos espaços de leitura em grupo, em voz alta, importantes ferramentas para a formação militante), é interessante perceber nas movimentações dos operários do começo do século a formação de um público-alvo para os autores comunistas.

É importante salientar que não houve, no Brasil, um movimento socialista ou social-democrata de relevância no século XIX e começo do XX, ao contrário, por exemplo, de nossa vizinha Argentina, que, como vimos, contava com um partido social-democrata fundado em 1896. Entre nós, existiam apenas alguns pequenos grupos socialistas de tendência majoritariamente utópica (ou seja, pré-marxista), que não chegaram a se organizar em nível nacional (cf. MONIZ BANDEIRA, MELO e ANDRADE, 1980). Como sintetiza o historiador Lincoln Secco:

O socialismo brasileiro tem sua origem na leitura do radicalismo utópico da Revolução Francesa, mas circunscreveu-se a indivíduos isolados e jamais se soldou à ação revolucionária. [...] O comunismo, portanto, não decorre dos primeiros esforços teóricos dos socialistas e sim da acumulação de forças do movimento operário anarquista e da recepção da Revolução Russa entre nós. (SECCO, 2017, p. 23)

O operariado brasileiro entrou em ebulição com a Revolução Russa e uma onda de greves e manifestações irrompeu em diversos pontos do país, ainda mais intensificadas pela crise econômica gerada pela Primeira Guerra Mundial. Apesar da proibição do governo, os trabalhadores foram às ruas no Primeiro de Maio de 1918, festejando a vitória dos bolcheviques. No entanto, faltava a eles um melhor direcionamento, algo que as lideranças anarquistas não conseguiam fornecer (MONIZ BANDEIRA, MELO e ANDRADE, 1980). A insurreição anarquista ocorrida em 18 de novembro de 1918, no Rio de Janeiro, inspirada, é claro, pela Revolução Russa, marcou o talvez último grande momento de protagonismo anarquista na luta de classes do Brasil. A partir daí, grupos comunistas começaram a se formar em várias partes do país.

Em 1919, com a notícia da fundação da III Internacional, “os militantes libertários que se consideravam ‘maximalistas’⁷⁸ e se identificavam com o regime soviético decidiram constituir-se como Partido Comunista do Brasil” (MONIZ BANDEIRA, MELO e ANDRADE, 1980, p. 151). O PCB foi fundado oficialmente em 1922, mas só foi reconhecido pela IC em 1924. Entre 1919, ano em que surge a ideia do partido, e 1924, ano do reconhecimento oficial por Moscou, os militantes anarquistas que lideraram esse movimento precisaram amadurecer teoricamente e desembaraçar-se das tradições libertárias que os formaram. O caminho para isso era a formação teórica efetivamente marxista, algo ainda inédito entre os militantes brasileiros na década de 1920. *A luta pelo pão*, de 1920, marca os últimos momentos em que comunismo e anarquismo conformavam uma só tendência no Brasil. Já *O cidadão e o produtor*, publicado em 1923 pelo recém formado Comitê Regional do PCB de Pernambuco, indica uma nova etapa da esquerda brasileira, em que o comunismo passa a ser a tendência principal. Segundo Secco (2017, p. 49), “[s]erá na ação editorial que o PCB chegará muito além dos anarquistas, algo que denota a importância da teoria marxista e seu aspecto doutrinador”.

Haja vista a confusão teórica que imperou na esquerda brasileira até a fundação do PCB, é natural que uma das primeiras resoluções do partido tratasse da formação dos novos militantes. Cursos de formação, leituras em grupo, importação de livros e traduções se tornaram indispensáveis para o avanço do partido. No entanto, o PCB não tinha condições de arcar com uma editora própria, de modo que suas publicações eram escassas e esparsas. Cumpre lembrar que as casas publicadoras do Brasil, até o começo da Primeira Guerra Mundial, mandavam imprimir seus livros na Europa (sobretudo França e Portugal), pois tanto o papel quanto os custos de produção eram mais baratos lá. A produção editorial como um todo apenas começava

⁷⁸ Isto é, bolchevique. Para uma discussão sobre a história e o uso do termo “maximalismo” no Brasil, cf. LONTRA DA CONCEIÇÃO (2020).

a dar seus primeiros passos, quase sempre nos seguros terrenos dos autores literários célebres e dos livros didáticos, e poucas eram as gráficas que podiam imprimir livros em escala e qualidade semelhantes aos jornais (HALLEWELL, 2017). Assim, seria impossível esperar de um partido recém-fundado e pobre algum tipo de produção de livros, de modo que, ao longo dos anos 1920, as publicações estrangeiras e os jornais de esquerda⁷⁹ reinavam entre os comunistas. Além disso, havia ainda o problema da censura, institucionalizada pela fundação do Departamento de Ordem Política e Social em 1924 e tendo como um dos focos principais a busca e apreensão de livros e impressos marxistas e comunistas (CARNEIRO, Maria Luiza 2002). O historiador Laurence Hallewell nos traz mais elementos:

De certo modo, a censura foi uma característica da vida brasileira desde a queda do Império [...]. Artur Bernardes (presidente de 1922 a 1926), em especial, depois de decretar a repressão ao anarquismo em 1923, com uma lei que penalizava com quatro anos de prisão aquele que escrevesse ou editasse material subversivo [...], preferiu, durante a maior parte do seu mandato, não se contentar com todas as garantias constitucionais à liberdade de imprensa, mantendo o país num permanente estado de sítio. Acabar com a censura foi uma das metas declaradas da Revolução de 1930, mas nunca foi efetivada [...]. (HALLEWELL, 2017, p. 502)

Ainda que marcada por fortes movimentos operários e pela fundação do primeiro partido comunista do Brasil, as duas primeiras décadas do século XX nos deixaram com apenas três publicações de Lênin, pequenas brochuras com textos hoje pouquíssimo conhecidos. Os motivos, como vimos, são vários: o começo tímido do partido, ainda em processo de divórcio das tendências anarquistas e com poucos militantes, a falta de condições de impressão e publicação de livros dentro do Brasil, o que impossibilitava publicações maiores – além, é claro, das enormes taxas de analfabetismo da população brasileira, o que limitava os leitores e, portanto, as tiragens –, por fim, o estado de permanente censura e sítio do presidente Artur Bernardes, que desautorizava qualquer iniciativa de publicação que tivesse superado os outros elementos de dificuldade listados aqui. Vejamos como a história se desenvolveu na década de 1930.

6.1 Anos 1930: a chegada dos trotskistas às edições

A Grande Depressão pós-1929 encareceu demais a importação de livros para o Brasil, cujo mercado era até então dominado por livros importados; na verdade, durante os anos 1930,

⁷⁹ Durante os anos 1920, o PCB publicou a revista *Movimento Comunista* e os jornais *A Classe Operária* e *A Nação* (cf. LACERDA, 2019).

o país foi obrigado a substituir importações em todos os setores da economia. Antes disso, o setor gráfico restringia-se a jornais, revistas e pequenos impressos – como os folhetos de 1920 e 1923 impressos pelo editor e tradutor José Alves e o Comitê regional do PCB de Pernambuco. É após 1930 que podemos falar de uma verdadeira indústria editorial brasileira (HALLEWELL, 2017). Não é à toa que, na década de 1930, encontramos edições de Lênin provenientes de sete editoras diferentes: Adersen, Selma, Atlântida, Calvino, Nosso Livro, Coelho Branco Filho e Unitas. Essa variedade de casas demonstra que os livros de esquerda não eram de modo algum monopólio do PCB na época. Na verdade, a nova década trouxe ao Brasil uma nova corrente da esquerda, o trotskismo, que organizou suas ideias inicialmente através da Gráfico-Editora Unitas.

Foi na Europa que Mário Pedrosa, tradutor de *O Estado e a Revolução* (1933) e *A revolução proletária e o renegado Kautsky* (1934), teve contato com os materiais da Oposição de Esquerda, fração comunista capitaneada por Liév Trótski após a expulsão deste do PCUS. Quando voltou ao Brasil, Pedrosa estava determinado a trazer a Oposição de Esquerda para o país. Ao lado de Aristides Lobo e outros militantes, fundou a Liga Comunista do Brasil e foi responsável pela edição de diversos livros da Unitas, empresa de propriedade do militante Salvador Pintaúde. Segundo Karepovs (2013), a editora chegou a publicar 114 títulos até seu fechamento, em 1934, que englobavam outros assuntos além da política, como Literatura, Sociologia e Ocultismo.

Da editora Adersen, sabemos, através de Hallewell (2017), que se tratava de uma empresa de pequeno porte, fundada provavelmente em 1934, por S. O. Hersen e Aldolfo Aizen, e encerrada no final da década. Publicava temas variados e literatura, como o romance *Macau*, escrito pelo tradutor de *Comunismo: iniciação doutrinária*, Aurélio Pinheiro.

A Calvino – fundada sob o nome de Calvino Filho Editor, em 1929, mas renomeada Editorial Calvino nos anos 1940 – foi uma empreitada de José Calvino Filho, médico carioca que seguiu carreira na militância intelectual marxista, atuando primeiro enquanto jornalista e posteriormente como editor. O foco da editora eram livros que tratassem de problemas sociais; entretanto, com o acirramento da censura, o foco mudou para livros de Medicina, de Direito, um pouco de Literatura e livros didáticos no geral (JUBERTE, 2016). De qualquer forma, Calvino publicou uma grande quantidade de livros marxistas e de caráter de esquerda durante os anos 1930, que podem ser consultados em Juberte (2016) e Carone (1986).

Das editoras Selma (acrônimo de Stálin, Engels, Lênin e Marx), Atlântida, Coelho Branco Filho e Nosso Livro não possuímos muitas informações⁸⁰. Como Hallewell (2017) bem coloca, o índice de mortalidade das editoras na época era altíssimo e poucas informações do universo editorial chegaram até nossos dias. As próprias edições da época também são raríssimas hoje: não encontramos *O imperialismo, etapa superior do capitalismo* (1934), *A luta contra a guerra* (1934) e *Comunismo: iniciação doutrinária* (1935). O motivo provavelmente é – além das tiragens pequenas que editoras de pequeno porte em um país com uma enorme quantidade de analfabetos poderiam oferecer e a má qualidade do papel que, aliada à uma má conservação, faria um livro se esfumar em algumas décadas – a criação, em 4 de abril de 1935, da Lei de Segurança Nacional, popularmente conhecida como Lei Monstro, que criminalizava qualquer ameaça à ordem social e política e a circulação de materiais subversivos (HALLEWELL, 2017). O malfadado Levante Comunista orquestrado pelo PCB em novembro do mesmo ano só fez piorar as políticas de perseguição aos comunistas e a censura no geral. Getúlio Vargas decretou um estado de sítio que durou dois anos, momento, até então, de maior ataque aos livros. Karepovs (2013, p. 67) relata um episódio de apreensão ocorrido em São Paulo, entre 1935 e 1936, em que foram confiscados cerca de 46 mil livros, compreendendo 246 títulos de 176 autores. O autor com mais títulos apreendidos, é claro, foi Lênin, mas também figuravam na lista Dostoiévski, Turguênev e Tolstói – as autoridades brasileiras consideravam qualquer nome russo como subversivo. Muitas vezes, os livros eram efetivamente queimados, mas quando não eram, eventualmente poderiam voltar às mãos dos leitores:

Curiosamente, o livro apreendido podia voltar ao mercado. O pernambucano Paulo Cavalcanti deveu sua iniciação no comunismo a um amigo que trabalhava na Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), no Recife. Este amigo contou-lhe que havia uma verdadeira biblioteca de livros apreendidos dos estudantes e intelectuais pernambucanos. Ele oferecia uma sociedade para que vendessem os exemplares às escondidas. (SECCO, 2017, p. 87)

Com o golpe que deu início ao Estado Novo, em 1937, a apreensão de livros aumentou em todo o território nacional, com critérios cada vez mais arbitrários. O exemplo dado por Hallewell (2017) demonstra o nível ao qual o regime chegou: Cecília Meireles foi presa pela tradução do livro infantil *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, por ser subversivo demais. A Calvino chegou mesmo a deixar de editar, depois de uma ação policial ter confiscado 20 mil de seus exemplares (JUBERTE, 2016). Era uma época igualmente perigosa para autores,

⁸⁰ Uma relação dos livros de esquerda que cada editora publicou pode ser consultada em Carone (1986).

editores e tradutores. Até 1942, pelo menos, parecia ser simplesmente perigoso demais traduzir e publicar qualquer livro de Lênin.

De 1920 a 1935, contamos 16 edições de Lênin, das quais a maioria supomos coletâneas, seja de textos de outros autores ou de artigos do próprio autor. As obras maiores de Lênin publicadas até então são *O Estado e a revolução* (1933, original de 1917), *O extremismo, doença infantil do comunismo* (1934, original de 1920), *O imperialismo, etapa superior do capitalismo* (1934, original de 1917) e *A revolução proletária e o renegado Kautsky* (1934, original de 1918). Isso nos mostra que a obra de Lênin parecia estar chegando ao Brasil a partir dos textos mais recentes para a época. Desse modo, os leitores provavelmente não tinham condições de compreender o desenvolvimento do pensamento leniniano e algumas das suas concepções mais básicas: *Que fazer?*, por exemplo, livro de 1902 que descreve e fundamenta a organização do partido bolchevique – modelo para todos os partidos comunistas reunidos na III Internacional –, além de fornecer conceitos essenciais ao leninismo, como agitação e propaganda, só será publicado em 1946. Não é absurdo pensar que tal lacuna de conhecimento possa ter tido consequências para as estratégias políticas da esquerda brasileira, ao menos da camada que não tinha acesso aos livros do exterior. Segundo Secco (2017), os comunistas brasileiros não tinham autores consagrados até a década de 1940: isso nos mostra como a tradução era essencial para o desenvolvimento teórico das organizações, que dependiam das literaturas políticas estrangeiras como fonte de estudo.

Vimos, portanto, que apesar de um bom começo, marcado por diversas edições de diferentes e pequenas editoras (o que dava indícios de prosperidade do setor), o curso das publicações de Lênin no Brasil nesta década foi bruscamente interrompido por mais uma onda de severa repressão por parte do regime – infelizmente, não seria a última vez. O misterioso *Comunismo: iniciação doutrinária*, do qual não temos nenhuma pista, não à toa é o último livro de Lênin a ser editado no Brasil na década de 1930. Igualmente misterioso é para nós esse intervalo de quase dez anos em que não houve uma só publicação do autor. Os livros que escaparam das apreensões teriam sido comercializados em sebos, livrarias, ou mesmo de maneira clandestina, como mencionou Lincoln Secco (2017)? A pesquisa de Maria Luiza Carneiro (2002) traz pistas sobre as formas de distribuição dos livros comunistas:

Em um relatório de 14 de julho de 1931, o investigador Antonio Ghioffi registrou sob o subtítulo de “Venda de Livros Comunistas” que “os divulgadores da literatura comunista em São Paulo estavam usando de um novo processo de venda, considerado o mais curioso...”. Tratava-se da colocação de livros sob consignação em estabelecimentos não-livrários, ou seja, em armazéns, botequins e barbeiros, deixando em média dez exemplares, sem compromisso. (CARNEIRO, 2002, p. 85)

Mas estaria o leitor interessado em correr perigo para ter acesso à literatura política soviética? Será que houve, nesse período, alguma espécie de tradução informal, compartilhada em espaços de militância? Continuemos nosso percurso cronológico, enquanto essas perguntas não são respondidas.

6.2 Anos 1940: o triunfo do antifascismo

Apesar do começo sombrio, tanto em nível nacional, com a ditadura de Vargas, quanto internacional, com o início da Segunda Guerra Mundial, a década de 1940 pôde gozar, enfim, de abertura política que possibilitasse a tradução e a publicação dos livros comunistas. A entrada do Brasil na Segunda Guerra, em agosto de 1942, marcou essa abertura política favorável para a esquerda, que em todo o mundo organizou-se extraordinariamente contra o fascismo. A opinião pública mostrou-se minimamente simpática aos comunistas, que aumentaram sua popularidade de maneira estratosférica sobretudo após a vitória do Exército Vermelho soviético sobre Hitler. Nesse momento, o PCB floresceu. Secco (2017) afirma que o partido, que em 1942 tinha apenas cem militantes (em razão de uma direção desastrosa que esteve à frente do partido após o Levante Comunista), passou a contar 82 mil em 1945. Sua reestruturação⁸¹ permitiu a organização de uma verdadeira rede editorial, que contava com gráficas, editoras e livrarias. A *Calvino* volta a publicar no começo da década, e em grande escala: há registros de ter publicado meio milhão de exemplares entre 1942 e 1944 (SECCO, 2017, p. 116). Em 1945, após o retorno à legalidade do PCB, assegurado pela nova constituição (que, no entanto, durou apenas dois anos), a *Calvino* se revela órgão da seção carioca do partido (HALLEWELL, 2017). Nesse momento, a ascensão das publicações de Lênin no Brasil é explicada também pela substituição das importações que foram paralisadas pela guerra. Assim, o mercado editorial brasileiro teve espaço e vantagem para se desenvolver. O cenário otimista e simpático aos soviéticos também rendeu frutos à literatura: segundo Gomide (2018), o período entre 1943 e 1945 representa, até hoje, o apogeu das publicações de literatura russo-soviética no Brasil.

⁸¹ Tal reestruturação se dá após a II Conferência Nacional do Partido Comunista do Brasil, conhecida como Conferência de Mantiqueira, ocorrida em agosto de 1943. Nesse momento, o partido decide por uma tática de união nacional contra o nazifascismo – apoiando, para isso, até mesmo Vargas –, reestrutura seus métodos organizativos e elege Luís Carlos Prestes, na época encarcerado, como Secretário Geral do Comitê Central.

Em fevereiro de 1945, meses antes da queda de Getúlio Vargas, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) fora extinto, e com ele também a censura prévia no país. Apesar disso, segundo Hallewell (2017), ainda se apreendiam publicações subversivas em nível estadual. Esse momento de respiro, não à toa, representou o melhor ano de publicação de livros de Lênin desde 1934: em 1945, oito livros de autoria de Lênin ou que continham artigos seus foram publicados; em 1946, foram sete obras clássicas do autor.

É interessante notar que *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática* (1945) e *Que fazer?* (1946) foram editados em dobro, tanto pela Calvino quanto pela Vitória. O primeiro livro tem autoria de tradução diferentes – Aldenor Campos traduziu a edição da Vitória e Luís Afilhado, a da Calvino –, já no segundo, a tradução da Vitória é de responsabilidade de Gilberto Paim e Alina Paim (segundo MAUÉS, 2013), enquanto a da Calvino é novamente de Luís Afilhado, dessa vez em parceria com Edison Dias. Esse fato é curioso pois, como vimos, a Calvino era um órgão do PCB. A Editora Vitória também: fundada em maio de 1944 no Rio de Janeiro, sob responsabilidade do militante Leôncio Basbaum⁸², atuou até o golpe militar de 1964 (MAUÉS, 2013). Segundo seu editor:

No começo de 1944 me deram uma tarefa concreta: organizar uma editora. Era indispensável que o Partido tivesse a possibilidade de editar livros ou folhetos de propaganda e educação política. [...] A primeira obra editada foi um livro de Iliá Ehrenburg, *Morte ao Invasor Alemão!*, que teve uma grande venda, pois se tratava de um assunto muito atual, a luta contra os nazistas. Mas logo escassearam os títulos, pois não havia ainda condições para editar livros que mencionassem Marx, Engels e muito menos Lenine e Stalin, e outros monstros do comunismo. Passamos a editar romances e livros clássicos (dois de Gorki) com o objetivo de criar uma *organização comercial* que nos permitisse, no futuro, lançar-nos a voos mais altos. (BASBAUM, 1976, p. 181)

E, de fato, a Vitória pôde publicar seu primeiro Lênin com o fim da guerra, o já citado *Duas táticas*, terminando a década com oito títulos com ao menos alguns textos do autor. No entanto, não temos informações suficientes da organização interna do partido para entender as publicações duplas da Vitória e da Calvino. A Guaíra, editora curitibana responsável pela publicação de três livros de Lênin, repete uma publicação da antiga Unitas – *O marxismo* – e publica um *O Estado e a revolução* com tradução assinada por um dos organizadores da Unitas, Aristides Lobo. Imaginamos que as duas editoras devam ter tido alguma relação, ao menos comercial, que expliquem essas coincidências.

Em relação às fontes para as traduções do período, vimos que a edição de *Duas táticas* pela Calvino aparentemente foi traduzida do espanhol, que por sua vez foi traduzido do alemão.

⁸² Que, curiosamente, já havia traduzido Dostoiévski! (cf. suas memórias, *Uma vida em seis tempos*, 1976)

Essa observação nos previne de pensar que as fontes que encontramos foram traduzidas diretamente do russo, um fator importante a considerar. A tradução de *Esquerdismo* publicada pela Vitória também indica que sua fonte foi o espanhol. Além disso, do que conseguimos rastrear nessa década, vimos que três traduções foram realizadas a partir do francês.

A década de 1940 foi importante para a difusão de algumas importantes obras de Lênin, inéditas até então, no Brasil. Como já havíamos mencionado, é publicada pela primeira vez a tradução de *Que fazer?*, originalmente de 1902. *Duas táticas*, de 1905, é finalmente editado. *Materialismo e empiro-criticismo*, maior obra de cunho filosófico de Lênin, publicada originalmente em 1909, é pela primeira vez traduzida para o português brasileiro pelo intelectual Abguar Bastos em 1946, em uma edição bem cuidada, de dois volumes. *Um passo adiante, dois atrás*, de 1904, chega ao público brasileiro em 1946. Isso corrobora nosso argumento de que as principais obras de Lênin foram traduzidas, por assim dizer, de trás para frente. A tradução em 1955 da primeira obra de maior importância do autor, *Quem são os amigos do povo e como lutam contra os socialdemocratas* (escrita ainda em 1894) e o fato de que *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* (de 1899) simplesmente nunca foi traduzido no período estudado por nós completa nosso raciocínio.

Apesar da grande profusão de títulos de Lênin publicados nessa década, vemos que todos, à exceção de *Lenin, Stalin e a Paz* (1949), foram publicados entre 1944 e 1947. O motivo, provavelmente, é o recrudescimento do regime com o governo de Eurico Gaspar Dutra, que chegou à presidência do Brasil em 1946. Forte aliado dos Estados Unidos – que, após o final da Segunda Guerra, estavam livres para dar início à sua Guerra Fria contra a União Soviética –, o presidente devolveu o PCB à ilegalidade em 1947 e rompeu as relações com a União Soviética em 1948.

6.3 Anos 1950: a hegemonia da Vitória

Durante a primeira metade da década de 1950, por conta dos impostos alfandegários e da taxa do dólar, tornou-se mais barato importar livros do que importar o papel necessário para imprimi-los. Também se tornou mais barato importar um livro de Lisboa, traduzido para o português lusitano, do que comprar os direitos da tradução e editar o livro no Brasil (HALLEWELL, 2017). Em 1952, houve uma dramática escassez de papel no mercado, o que certamente constituía um bom motivo para não se editar Lênin naquele ano. De fato, há um hiato de publicações do nosso autor entre 1949 e 1954: hiato explicado, também, pela volta à ilegalidade do PCB e pela ascensão do anticomunismo no Brasil. Na década de 1950, apenas

sete livros contendo textos de Lênin são publicados no Brasil (contra 19 durante a década de 1940), todos pela editora Vitória. É essa editora, aliás, a responsável por todas as traduções do autor de 1947 a 1961. A hegemonia deu-se, talvez, por ser a única editora com responsabilidade política para assumir a tradução de um autor tão perigoso – a Calvino havia fechado as portas com a repressão anticomunista do governo Dutra. Ao voltar nosso olhar para o passado, vemos que o Brasil nunca foi lugar seguro para os comunistas por períodos prolongados de tempo. Hallewell (2017, p. 570) complementa nossa percepção:

Nos primeiros anos da década de 1950, bem como durante algum tempo após a repentina renúncia do presidente Jânio Quadros, em agosto de 1961, o frequente recurso ao estado de sítio, à maneira de [Artur] Bernardes, significou a repetida reintrodução, ainda que intermitente, da censura no plano nacional. Mesmo quando, em 1953, foi finalmente revogada a lei n. 38, de abril de 1933 [...], a nova legislação (decreto n. 2 083, de 12 de novembro de 1953), que vigorou até 1967, repetia quase textualmente os termos da antiga lei. Mais importante do que isso é talvez o fato de que existia, e sempre continuou a existir, a aceitação implícita da interferência administrativa na disseminação da informação e da opinião como se fosse uma coisa normal no governo da sociedade.

Outras editoras com motivações mais comerciais provavelmente não se interessavam por essa aventura que é editar um autor soviético, que certamente não devia ser muito lucrativa. As informações que temos sobre a dinâmica editorial da década, embora interessantes, não são necessariamente válidas para o nosso caso. Hallewell (2017), por exemplo, informa que, com o governo JK (1956-1961), a indústria gráfica obteve uma série de benefícios que permitiram um importante crescimento para o setor, de modo que a produção de livros triplicou entre 1955 e 1962. Assim, a tradução brasileira se tornou mais competitiva em relação aos originais importados, ou mesmo traduções de Portugal. No entanto, tratando do livro político, estamos chegando à compreensão, antes intuitiva, de que as motivações para uma maior ou menor publicação de títulos comunistas são, sobretudo, políticas. Assim, nos anos 1950, o fato de termos apenas uma editora que publique obras de Lênin, e essa editora é do Partido Comunista, nos dá indícios de que tais obras seguem, certamente, a linha política do partido, mas não a lógica editorial do resto do Brasil.

Além dos problemas políticos do Brasil, o PCB também se preocupava com a crise que vinha de Moscou, com as denúncias do então líder da URSS, Nikita Khrushchiov, sobre o governo Stálin. Tais denúncias, apresentadas em relatório ao Congresso do PCUS em 1956, abalaram os partidos comunistas de todo o mundo⁸³. Esse parece ser o motivo para o retorno

⁸³ Foi inclusive o motivo para o racha que dividiu PCB (fundado em 1922) e PCdoB (fundado em 1962 por aqueles que defendiam o stalinismo em oposição à Khrushchiov).

do *Testamento* de Lênin – publicado pela primeira vez no Brasil em 1932 –, desta vez em um livro-balanço do partido, intitulado *O que é o stalinismo?*.

Para concluir nossas breves notas sobre esse período, achamos interessante ressaltar que, nos anos 1950, a Vitória lança uma coleção de Obras Escolhidas de Lênin em três volumes, iniciativa inédita no Brasil. O conteúdo, no entanto, não era totalmente inédito: a Vitória já havia editado *Que fazer?* e *Um passo adiante, dois atrás*. A verdadeira novidade foi a tradução de *Quem são os amigos do povo...*, que inaugurou a série de volumes.

Ainda, não podemos deixar de lamentar a falta de informações a respeito dos tradutores das edições publicadas desde 1949 até 1956. Como veremos, os tradutores da Vitória eram, se não comunistas, ao menos simpatizantes, e possivelmente tinham motivações ideológicas para participar desses projetos. Seria muito interessante conhecer seus nomes e suas histórias.

6.4 Anos 1960: começa a longa noite do Brasil

O ano de 1961 tanto inicia quanto encerra a década de 1960 para as publicações de Lênin no Brasil. Foram quatro livros lançados pela editora Vitória, dos quais três eram coletâneas de artigos e discursos, até bem grandes: o maior livro de Lênin publicado no período estudado foi *A aliança operário-camponesa*, que continha 649 páginas. A julgar pelo ritmo de publicações, de grande volume e com traduções realizadas a várias mãos, com autoria indicada, parecia que a Vitória, apesar da ilegalidade do PCB, estava se profissionalizando cada vez mais. Nos anos seguintes, a editora dedicou-se a outros autores, sobretudo Marx e Engels. Em 1964, publicou *Socialismo e Comunismo*, de Khrushchióv, antes de fechar definitivamente suas portas com o golpe militar (CARONE, 1986).

É interessante notar que, nesse período, três das edições foram traduzidas do espanhol e uma foi traduzida do francês. Todas, porém, vieram de Moscou, a partir das Edições em Línguas Estrangeiras dos respectivos idiomas. Isto quer dizer que, apesar da variação da língua-fonte, essas traduções podiam ser traçadas até Moscou, ainda que com escalas, através dos meios oficiais de divulgação da literatura comunista da URSS.

Após o golpe militar, o novo ministro da Educação e Cultura começou uma cruzada contra os livros:

Milhares de livros foram sumariamente confiscados de livrarias e editoras pelas mais diversas razões: por falarem do comunismo (mesmo que fosse contra), porque o autor era *persona non grata* do regime, por serem traduções do russo, ou simplesmente porque tinham capas vermelhas. (HALLEWELL, 2017, p. 633)

De maneira absurda, confiscos, apreensões e prisões eram realizados contra atividades editoriais anteriores ao golpe, e aparentemente não deixaram de acontecer até a eleição de Tancredo Neves em 1985. Apesar da censura prévia de livros ter retornado oficialmente apenas em 1970, a apreensão de livros foi rotina durante os anos 1960. Havia leis que permitiam a punição de editores pela publicação de material subversivo (um decreto de 1967 proibia, aliás, a incitação da luta entre as classes sociais). O editor da Civilização Brasileira, Ênio Silveira, foi preso mais de uma vez sob a acusação de ter publicado materiais subversivos diversos antes do golpe (HALLEWELL, 2017).

Ênio Silveira, aliás, foi responsável por um ambicioso projeto, que até hoje faz falta na literatura política brasileira: a edição de obras escolhidas de Lênin, traduzidas diretamente do russo. Infelizmente, o projeto ainda estava em andamento quando os militares chegaram ao poder. O tradutor e filósofo Álvaro Vieira Pinto chegara a traduzir dois dos três volumes previstos (cada um contendo mil páginas) quando, certa noite, os militares invadiram a gráfica da Civilização Brasileira para apreender e queimar os originais, os manuscritos da tradução, cinco mil exemplares já impressos do primeiro volume, além do material do segundo volume, em processo de impressão, e até mesmo os insumos da gráfica⁸⁴. Esse triste episódio constituiu um claro recado do regime a outros editores que aventassem a possibilidade de publicar o autor.

O nível de repressão torna muito difícil a pesquisa histórica dos materiais produzidos pela esquerda brasileira, motivo pelo qual encerramos o nosso período de estudo em 1964. As formas de publicação clandestina, entretanto, continuaram a existir, assim como existiram em outros momentos da história. As organizações de esquerda, da maneira que podiam, passaram a editar e copiar livros com auxílio de mimeógrafos e capas falsas (SECCO, 2017).

É inevitável concluir que os sucessivos governos brasileiros entre 1920 e o fim da ditadura militar, em sua maioria, nutriam profundo medo dos autores comunistas, sendo Lênin uma espécie de arquétipo. Ao observar nosso quadro de traduções do autor no Brasil, enxergamos na verdade períodos de tolerância em meio a períodos repressivos: 1930 a 1935, 1944 a 1948, 1954 a 1964. A regra, infelizmente, era a censura, o estado de sítio, as apreensões de livros. Prova disso é que, apesar do arrefecimento do regime militar e da volta à ativa das editoras de esquerda no decorrer dos anos 1970, ainda em 1978 Lênin detinha o título, ao lado

⁸⁴ Não temos informações do ano de início do projeto nem de quando a apreensão ocorreu, mas sabemos que o tradutor se exilou na Iugoslávia em setembro de 1964 e, no ano seguinte, no Chile. Esse acontecimento foi relatado em Hallewell (2017) e em entrevista de Ênio Silveira. Cf. seção “Cronologia Biográfica” do *website* de divulgação da vida e obra de Álvaro Vieira Pinto, disponível em: <http://www.alvarovieirapinto.org/referencias/cronologia-vida/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

de dois autores de literatura pornográfica, de autor mais censurado do ano (HALLEWELL, 2017).

6.4.1 Um epílogo: Brasil e Portugal pós-1970

O que nós, brasileiros, obtivemos de mais próximo de uma tradução direta de qualquer obra de Lênin partiu de Portugal e após a ditadura militar. A Editorial Avante!, ligada ao Partido Comunista Português, foi a primeira e mais importante fonte. Podendo atuar legalmente a partir de 1974, graças à Revolução dos Cravos, ela começou a publicar as *Obras Escolhidas* de Lênin em 1977. Embora outras editoras portuguesas também se ocupassem das obras do autor, o maior intercâmbio entre Portugal e Brasil foi através da Avante!. A primeira editora brasileira a trazer as edições da Avante! para o Brasil foi a Alfa-Ômega, como relembra um dos fundadores da editora, Fernando Mangarielo, em entrevista a Flamarion Maués:

As edições das *Obras Escolhidas* de Marx e Engels, e do Lenin, foram feitas a partir das edições para o português feitas em Moscou. É importante entender isso, a Revolução dos Cravos em Portugal veio antes, foi em 1974. Então, eu tinha como parâmetro a edição da Avante!, a editora do PCP [Partido Comunista Português]. Mas a edição da Avante! foi traduzida pelo Instituto de Marxismo Leninismo da União Soviética, foi feita lá, e tudo mais. [...] Então, a nossa edição é essa soviético-portuguesa, que foi fac-similada da edição soviética em português, que depois gerou a portuguesa, da Avante!, e assim por diante. (MAUÉS, 2020, p. 4-5)

É graças ao catálogo da Avante! que o brasileiro consegue ter acesso à grande parte das obras de Lênin em português. As editoras Expressão Popular e Boitempo ainda hoje utilizam as traduções da Avante! para suas publicações mais recentes, após um trabalho de revisão linguística para adaptar o português lusitano ao brasileiro. E o maior acervo *on-line* de obras marxistas, o Arquivo Marxista na Internet (Seção em Português)⁸⁵, também conta com numerosas transcrições de traduções da Avante! disponíveis gratuitamente.

⁸⁵ Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/>. Acesso em: 27 jan. 2021.

7 OS TRADUTORES DE LÊNIN NO BRASIL

O objetivo desta seção é trazer um apanhado de informações sobre os tradutores dos livros descritos na seção anterior, apresentados em ordem cronológica a partir da publicação das traduções. Após apresentarmos todos os dados que conseguimos obter sobre a vida e trabalho de cada um, passaremos à análise do perfil dos tradutores de Lênin.

7.1 José Alves

Felipe Lacerda (2017), em sua dissertação sobre a intelectualidade comunista no Brasil, traz-nos valiosas informações sobre José Alves. Conta o autor que José Alves, juntamente com Everardo Dias, foi figura-chave para as edições comunistas dos anos 1920, tendo publicado obras antes da fundação do PCB. Segundo Lacerda, Alves teria se aproximado do partido, mas não aderiu às suas fileiras, seguindo uma tendência anarcobolchevique de influências libertárias. Traduzindo e editando por iniciativa própria, lançou a Coleção Sociocrata, cujo primeiro volume era o texto *Quem é Lenine?*. Com a publicação do segundo volume da coleção, *A lucta pelo pão*, em 1920, Alves tornou-se o primeiro editor e possivelmente o primeiro tradutor de Lênin no Brasil⁸⁶.

7.2 Miguel Macedo

A misteriosa edição de *O Marxismo* (1930) sem indicação de casa publicadora, listada na bibliografia de Carone (1986, p. 187), possui, no entanto, um tradutor nomeado: Miguel Macedo. Segundo Castro (2000) e Abramo (1987), Miguel Macedo foi jornalista e redator-secretário do jornal paulista *Diário da Noite*. Também ministrava cursos para a militância da Liga Comunista e escrevia os editoriais do jornal *O Homem Livre* (1933-1934). Foi, portanto, intelectual do meio trotskista de Mário Pedrosa, Aristides Lobo, Lívio Xavier e Fúlvio Abramo.

Carone (1986, p. 116) também indica o nome de Macedo como responsável pela tradução e prefácio de *Miséria da Filosofia*, de Karl Marx, publicado pela Editora Flama, em 1946. Também foi tradutor do texto *A Revolução Russa*, de Rosa Luxemburg, publicado em 1946 no jornal Vanguarda Socialista, dirigido por Mário Pedrosa, o que nos mostra que exercia atividade de tradução também em periódicos (SINGER, 2009).

⁸⁶ Cumpre lembrar que não estamos tratando de jornais e periódicos.

7.3 Aristides Lobo

Aristides da Silveira Lobo (1905-1968) nasceu em Monte Santo de Minas, em Minas Gerais, e foi jornalista e tradutor. Participou dos primórdios do PCB, tendo ocupado o cargo de secretário de Agitação e Propaganda em São Paulo, em 1927 (CAMPOS; GODOY; SOUZA, 2017). No entanto, Lobo fez história como militante trotskista: fez parte do primeiro grupo de trotskistas do Brasil, da Associação de Amigos da Rússia e da Liga Comunista Internacionalista, ao lado de Mário Pedrosa. Nos anos 1930, editou o jornal *A Luta de Classes*, além de colaborar com o jornal *O Homem Livre*. Em 1931, traduziu e prefaciou *Dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed, e *O Encouraçado Potemkin*, de Fritz Slang, para a editora Lux, além de um folheto de Lênin, *Os objetivos do proletariado na Revolução*: foram traduções feitas em esconderijos – pois ele era perseguido pela polícia na época – e, frequentemente, em parceria com o também militante trotskista Victor de Azevedo Pinheiro (CAMPOS; GODOY; SOUZA, 2017; 2019).

Exerceu as tarefas de tradutor, revisor e redator na Gráfica-Editora Unitas, entre 1930 e 1934, e na Atena Editora, entre 1934 e 1938. Trabalhou na *Folha de S. Paulo* de 1945 até o fim da vida⁸⁷. No nosso levantamento, é Lobo quem assina as traduções de *No caminho da insurreição* (1931), da Unitas, e *O Estado e a revolução* (1946), da Guaíra, mas também foi responsável, por exemplo, pela tradução do *ABC do comunismo*, de Burrárin, publicado pela Unitas (1933), Guaíra (1945), Elipse (1946?) e Melso (1963). Muitas de suas traduções, no entanto, foram assinadas sob o pseudônimo de Paulo M. Oliveira, como aponta Denise Bottmann (2012). A pesquisadora indica que ele foi responsável pela tradução de diversas obras da coleção Biblioteca Clássica da Athena Editora nos anos 1930, tendo traduzido durante o período em que esteve preso.

7.4 Mário Pedrosa

Jornalista, crítico de arte, político e tradutor, Mário Pedrosa (1900-1981) foi uma importante figura da vanguarda trotskista brasileira. Nascido em Timbaúba, Pernambuco, Pedrosa, assim como Miguel Macedo, também trabalhou no jornal *Diário da Noite*, onde assinava a crítica literária. Filiou-se ao PCB em 1925 e foi mandado pela direção para a Escola

⁸⁷ Conforme relata o obituário “Aristides Lobo morreu”. **Folha de S. Paulo**, 10 nov. 1968, p. 11. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=3108&anchor=5411680&pd=6759c7e66db035ed3eea31f3cde0b7de>. Acesso em: 23 ago. 2020.

Leninista de Moscou. No entanto, no trajeto para a União Soviética, Pedrosa permaneceu na Alemanha e, posteriormente, seguiu para França, sem nunca chegar ao destino final. Aprofundou-se nas ideias de Trótski e, ao retornar ao Brasil, desligou-se do PCB. Ao longo dos anos 1930, Pedrosa fundou e organizou o movimento trotskista brasileiro, junto de outros companheiros. Participou da fundação do Grupo Comunista Lênin, da Frente Única Antifascista, da Liga Comunista, do Partido Operário Leninista, da IV Internacional e do Partido dos Trabalhadores (PEDROSA, 2019, KAREPOVS, 2013; 2019a).

Além de participar da criação e edição dos jornais *O Homem Livre* e *Vanguarda Socialista*, também se envolveu na Editora Unitas, onde traduziu e prefaciou livros de Lênin – *O Estado e a revolução* (1933) e *A revolução proletária e o renegado Kautsky* (1934) – e Trótski, como *Revolução e contra-revolução na Alemanha* (1933). Pedrosa foi o idealizador da coleção Biblioteca Socialista, que inicialmente reuniria 31 volumes⁸⁸. As traduções de Pedrosa de *O Estado e a revolução* e *A revolução proletária e o renegado Kautsky*, como vimos, faziam parte dessa coleção (KAREPOVS, 2019a).

7.5 Newton Freitas

Lívia Rangel, doutora em História, é a responsável pelas pesquisas biográficas mais recentes sobre Newton de Freitas e sua esposa, Lídia Besouchet. Sua tese *Lídia Besouchet e Newton Freitas: Mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio do Prata (1938-1950)*, defendida em 2016, e o livro lançado em 2018, *Um capixaba entremundos*, são as fontes para o comentário sobre o tradutor que apresentamos aqui.

Newton de Freitas Coutinho (1909-1996) nasceu em Vitória, Espírito Santo. Nos anos 1930, atuou na imprensa capixaba e aproximou-se da intelectualidade local. Em 1934, Freitas e sua esposa mudaram-se para o Rio de Janeiro e passaram a trabalhar como jornalistas. No mesmo ano, filiaram-se ao PCB, que já contava em suas fileiras os irmãos de Lídia. Esse é o ano em que Newton traduziu e prefaciou *Memórias*, pela editora Selma, além de *A filha da revolução*, de John Reed, pela Adersen (CARONE, 1986, p. 177). O casal também se engajou na Aliança Nacional Libertadora. Segundo Rangel (2016, p. 57):

[...] Newton Freitas trabalhou, neste ano, como tradutor e prefaciador de livros de literatura marxista. Esse dado é relevante porque diz muito do posicionamento político-ideológico assumido por Newton naquele momento. [...] Saber que Newton Freitas colaborou para a difusão das ideias revolucionários como tradutor de obras

⁸⁸ Para uma relação de livros anunciados, mas não publicados pela Unitas, cf. KAREPOVS (2013).

marxistas é colocá-lo em contato com uma rede de articulações que envolvia militantes e simpatizantes comunistas dedicados à tarefa de ampliar a penetração do pensamento socialista na mentalidade política contemporânea. Ideologicamente, é a partir dessas traduções que realiza em 1934, de um tipo de literatura considerada “subversiva e perigosa”, que as convicções políticas de Newton se tornam ainda mais acentuadas e nítidas.

No ano seguinte, foi preso após a derrota do Levante Comunista⁸⁹; Lúcia escapou da prisão e permaneceu na clandestinidade. Desde então, o casal foi perseguido politicamente e, em 1938, exilaram-se em Buenos Aires. Nos anos 1940, o casal lançou-se ao trabalho editorial, com a coleção *Problemas Americanos*, que reuniu 17 livros, a maioria de brasileiros, como Mario de Andrade, Gilberto Freyre, Astrojildo Pereira, entre outros nomes notáveis. Além do trabalho editorial, Newton seguiu escrevendo e traduzindo para revistas. Em 1943, em parceria com o argentino Luis Miguel Baudizzone, Newton traduziu *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, pela primeira vez para o espanhol. Na mesma época, também colaborou com a tradução de *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Ao longo dos anos 1950, Newton exerceu a função de Adido Cultural da Embaixada do Brasil em Roma, Bruxelas, Londres, Cidade do México, Paris e Madri. Seu único filho, Augusto Newton Goldman, também exerceu a profissão de tradutor.

Enquanto escritor, Freitas preocupou-se com os temas de arte popular, folclore e literatura, além de assuntos históricos, sociológicos e políticos. Entre suas obras, grande parte em espanhol, estão os livros *Los Ríos del Brasil: su influencia en la formación nacional* (1941), *Brasil-Argentina: breve esbozo histórico-comercial* (1942), *Amazonia, leyendas ñangatú* (1943), *Ensaio Americanos: crítica literária* (1945) e *Macumba* (1949).

7.6 Aurélio Pinheiro

A pesquisadora Maria Aparecida de Almeida Rego, autora da dissertação *Entre salinas e maledicências: uma leitura do romance Macau e sua aplicabilidade ao ensino de literatura*, defendida em 2015 e publicada sob forma de livro em 2017, é quem nos traz informações sobre o escritor e tradutor Aurélio Pinheiro.

Aurélio Waldomiro Pinheiro (1882-1938) nasceu em São José de Mipibú, em Rio Grande do Norte. Diplomou-se em Medicina na Bahia e, de volta ao seu estado natal, colaborou com o jornal *O Mossoroense*, assinando seus artigos com pseudônimos. Nos anos 1910, Pinheiro foi exercer a Medicina no Amazonas, onde também atuou como escritor e colaborou

⁸⁹ Foi, inclusive, companheiro de prisão de Graciliano Ramos, como conta este último em suas *Memórias do Cárcere*.

com diversos jornais. Em 1918, envolveu-se na criação da Academia Amazonense de Letras. Ainda no Norte do país, publicou seu primeiro romance, *O desterro de Humberto Saraiva* (1926), que recebeu o prêmio da Academia Brasileira de Letras no mesmo ano, e a *Gleba Tumultuária* (1928), um livro de contos.

Em 1929, Pinheiro partiu para o Rio de Janeiro, em busca de mais espaço para suas atividades intelectuais. Segundo Rego (2017, p. 34):

No Sudeste, as colaborações para revistas e jornais de todo o país tornaram-se mais assíduas, período em que exerceu também a atividade de tradutor de obras de autores ingleses, franceses, russos e austríacos, a citar a tradução de 1936 do romance *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, pela editora Pogetti. Além de contos, romances e novelas, as atividades de tradutor incluíam obras de diversas áreas do conhecimento – medicina, filosofia, história, direito⁹⁰.

Em 1934 foi publicado seu romance *Macau*, pela editora Adersen, responsável também pela obra de Lênin traduzida por Pinheiro, *Comunismo: iniciação doutrinária*, publicado no ano seguinte. A editora lançou na mesma época uma tradução sua de *Em guarda! Aspectos da Rússia Soviética*, de Maxim Górkí. Além disso, Karam (2016) aponta Pinheiro como tradutor do romance *Os rebelados*, de Mariano Azuela, publicado pela editora Machado & Ninitich, ainda no mesmo ano. Em seu último ano de vida, Pinheiro publicou o romance *Em busca do ouro* e o *Dicionário de Sinônimos da Língua Nacional*. Rego (2017), ao avaliar o trabalho do autor e tradutor, salienta a importância das questões políticas e sociais, juntamente com as questões acerca da Amazônia e do homem do Norte, no conjunto de sua obra. A autora ainda sublinha que Aurélio Pinheiro foi muito apreciado pela crítica literária em sua época, ainda que, atualmente, sua obra não seja estudada.

7.7 Abguar Bastos

Abguar Bastos Damasceno (1902-1995) nasceu em Belém do Pará. Foi romancista, poeta, folclorista, sociólogo, historiador, jornalista, tradutor e político (CARNEIRO, Caio 2002). Nos anos 1920, lançou o *Manifesto Flaminaçu*, aderindo, assim, ao movimento modernista brasileiro, mas com uma ótica voltada para o Norte. Contribuiu para o primeiro número da *Revista de Antropofagia*, ao lado de Oswald de Andrade (FIGUEIREDO e

⁹⁰ Em relação à tradução de *Crime e Castigo*, Denise Bottmann (2017), no artigo *Um curioso às voltas com uma curiosidade histórica*, que trata das traduções dessa obra no Brasil, traz-nos uma informação importante. Publicada em série no jornal *Gazeta de Notícias*, a tradução em questão passa a creditar Aurélio Pinheiro pela revisão, inclusive na posterior reedição da obra, em 1939. O que Bottmann descobre é que a edição supostamente traduzida – mas, na verdade, revisada – por Pinheiro, é na verdade, um plágio de uma tradução lusitana.

GALVÃO JUNIOR, 2019). Assim como Aurélio Pinheiro, preocupou-se em retratar o homem do Norte brasileiro e seus problemas sociais em sua obra. Enquanto romancista, publicou uma série intitulada *Os dramas da Amazônia*, composta pelos romances *Terra de Icamiba* (1934), *Certos caminhos do mundo* (1936) e *Safra* (1937). Entre suas obras, figuram também trabalhos como *História da política revolucionária no Brasil (1900-1932)* (1969), *Os cultos mágico-religiosos no Brasil* (1970), entre outros ensaios e trabalhos sobre a história e o folclore brasileiro.

Do envolvimento com o movimento artístico modernista, Bastos passou a militar politicamente nos movimentos de esquerda (BASTOS, 1981). Foi deputado federal pelo Pará em 1934. No ano seguinte, aderiu à Aliança Nacional Libertadora e, por esse envolvimento, foi preso. Publicou, em 1946, o livro *Prestes e a revolução social*, pela Calvino, mesmo ano em que sai sua tradução de *Materialismo e empiro-criticismo*.

Na verdade, traduziu ativamente para a editora Calvino nos anos 1940: foi responsável pela tradução do romance *Rio selvagem*, de Anna Strong, de obras importantes de Friedrich Engels – *Anti-Dühring*, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, *Do socialismo utópico ao socialismo científico* – e de obras marxistas variadas – *Carlos Marx: sua vida e sua obra* (de Max Beer), *Introdução ao estudo do marxismo* (de August Thalheimer, em parceria com José Sá Carvalho), *O abecedário da nova Rússia* (de Ilini, em parceria com C. F. Casanovas). Ainda traduziu, em 1954, *Lenine: sua vida e obra*, de D. S. Mirsky.

Em relação ao seu envolvimento com o comunismo, o escritor Caio Carneiro (2002) ressalva que Abguar nunca se filiou ao PCB, embora tenha militado historicamente na esquerda e fosse amigo de Luís Carlos Prestes. Voltou a ser deputado federal por São Paulo, em 1955.

7.8 Aldenor Campos

Encontramos pouquíssimas informações sobre Aldenor Campos, tradutor das publicações da Vitória de *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática* (1945) e de *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo* (1946). Podemos afirmar com relativa segurança que foi militante do PCB. Santana (2015, p. 68), em seu trabalho de análise de relatórios do Exército brasileiro no ano de 1945, fornece uma lista de nomes de líderes e articuladores comunistas citados nos relatórios. Entre eles, está o de Aldenor Campos.

João Falcão (1988), um dos fundadores da revista *Seiva*, que circulou entre 1938 e 1943, ligada ao PCB e de caráter antifascista, lembra que Aldenor Campos foi redator da revista. Ferreira (2012), em sua dissertação sobre a revista, atesta a colaboração de Campos,

acrescentando ainda a informação de que era baiano e foi estudante de engenharia. Encontramos seu nome também em outro jornal ligado aos comunistas, a *Tribuna Popular*. Em edição no ano de 1947, ele figura na lista de contribuições de uma campanha de ajuda ao jornal⁹¹. Aparentemente, exerceu a profissão de engenheiro após desligar-se do PCB⁹².

7.9 Luís C. Afilhado

Embora não tenhamos informações biográficas a respeito de Luís Afilhado, sabemos um pouco de sua carreira profissional através de algumas referências às suas traduções para a editora Calvino. Segundo Carone (1986), além de *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática* (1945) e *Que fazer?* (1946), ele traduziu *A Rússia na paz e na guerra*, de Anna Strong, em 1944. Em parceria com Edison Dias, traduziu *URSS: uma nova civilização*, de Beatrice e Sidney Webb, em 1945. Sempre pela mesma editora, foi responsável pela tradução de *O corpo e o amor*, de Magnus Hirschfeld, e *Eu fui o médico de Hitler*, de Kurt Krieger.

7.10 José Zacarias Sá Carvalho

Obtivemos algumas poucas informações desconstruídas sobre esse tradutor. Em breve nota de Marly Vianna (2014), descobrimos que foi militante do PCB nos anos 1930-40 e que cursou Direito. Mário Magalhães (2012, p. 154), em sua biografia de Marighella, menciona *en passant* que Carvalho era sociólogo e assessor do secretário de organização do PCB, Diógenes Arruda, nos anos 1940.

Carone (1986, p. 118) atribui a Sá Carvalho a tradução do *Manifesto comunista*, precedido de *As três fontes e as três partes integrantes do marxismo*, de Lênin, publicado pela editora Triângulo, em 1945. No mesmo ano, ele traduziu a coletânea *Marx-Engels e marxismo* e, em parceria com Abguar Bastos, *O desenvolvimento econômico da sociedade*, de Luis Segal, e *Introdução ao estudo do marxismo*, de August Thalheimer, todos publicados pela Calvino. Pela mesma editora, traduziu também *Noções fundamentais de economia política*, de Segal, em 1946.

⁹¹ **Tribuna Popular**, Rio de Janeiro, 8 jun. 1947, p. 2. Disponível em: https://marxists.architexturez.net/portugues/tematica/jornais/tribuna-popular/pdf/per154547_1947_00619.pdf. Acesso em: 31 jul. 2020.

⁹² Essa informação é dada por Carlos Lopes em artigo do jornal **Hora do Povo**, de 8 dez. 2019, disponível em: <https://horadopovo.com.br/pedro-pomar-por-osvaldo-bertolino/>. Acesso em: 31 jul. 2020. Aparentemente, Aldenor Campos foi também fundador da Associação Brasileira de Pavimentação em 1959, segundo o *website* da própria associação: <http://www.abpv.org.br/pub-100696.html>. Acesso em: 31 jul. 2020.

7.11 Eneida

Eneida de Moraes (1903-1971) nasceu em Belém do Pará e foi jornalista, poetisa, escritora, militante e pesquisadora. Começou sua carreira de jornalista com dezessete anos, ao mesmo tempo que ingressou na Faculdade de Odontologia. Frequentando os círculos literários modernistas, alinhou-se ao movimento Flamináçu capitaneado por Abguar Bastos e, em 1926, passou a assinar seus trabalhos apenas com o nome Eneida. Em 1929, publicou a coletânea de poemas *Terra Verde* (SANTOS, 2005; 2011).

Nos anos 1930 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde entrou em contato com as ideias marxistas, o que culminou no seu ingresso ao PCB. A pesquisadora Eunice Ferreira dos Santos, que tem se dedicado a estudar esta tradutora, comenta:

A conquista desse espaço público, que começou no Pará com tons literários e políticos, teve para Eneida um preço: deixa o marido, os filhos e Belém, para fixar residência no Rio de Janeiro onde vai consolidar seus posicionamentos socialistas e engajar-se na causa comunista, sempre usando a palavra oral ou escrita para defender a ideologia marxista-leninista que abraçou – traços flagrantemente perceptíveis em toda a sua produção intelectual, tanto no jornalismo quanto na literatura. (SANTOS, 2005, p. 105-106)

Em 1932, Eneida vai morar em São Paulo a serviço do partido, desempenhando tarefas de redação e distribuição de jornais e panfletos. Assim, foi presa pela primeira vez. Após o levante de 1935, foi presa diversas vezes por organizar material panfletário – foi, junto com Newton Freitas, colega de prisão de Graciliano Ramos (SANTOS, 2005; 2011). Participou também da União Feminina do Brasil.

Eunice Santos (2005) afirma que, após seu primeiro período de prisão, Eneida realizou trabalhos esporádicos de tradução. Assim, nos anos 1930, traduz *A luta religiosa na URSS*, de Burrárin, e *Carta aberta: em resposta a alguns escritores americanos*, de Górkki, para a editora Alba. Nos anos 1940, traduziu, pela Calvino, o *Manifesto do Partido Comunista* e a obra que a trouxe ao nosso trabalho, *Trechos escolhidos sobre literatura e arte* (CARONE, 1986).

Morou na França nos anos 1950 e chegou a participar do III Congresso de Escritores da URSS, em 1959. Além de colaborar com diferentes jornais ao longo de sua carreira, publicou livros de crônicas, como *Cão da madrugada* (1954) e *Aruanda* (1957), uma autobiografia, *Banho de Cheiro* (1962), e a obra de referência *História do carnaval carioca* (1958).

7.12 C. F. De Freitas Casanovas

Carlos Francisco de Freitas Casanovas (1921-1972)⁹³, traduziu, em parceria com Abguar Bastos, *O abecedário da nova Rússia*, de Iline, pela Calvino (1945). Foi responsável também pela tradução de *Os Fundamentos do Leninismo*, de Joseph Stálin, pela mesma editora, no mesmo ano (JUBERTE, 2016, p. 169). De Lênin, traduziu *A questão agrária e os “críticos de Marx”* no mesmo período.

A partir das informações que pudemos obter, parece-nos que o caso de Casanovas destoa dos outros tradutores pesquisados aqui. Ao que tudo indica, era um profissional voltado para a Linguística: os trabalhos por ele publicados indicam forte interesse pela filologia e lexicografia. Foi coeditor da *Enciclopédia Mirador Internacional*, publicada pela Companhia Melhoramentos, sob direção de Antônio Houaiss (PELISSARO, 2013, p. 67). Foi autor da *Pequena Enciclopédia de Monossílabos*, publicada em 1959, pela Fundação Romão Duarte, do *Dicionário geral de monossílabos*, publicado em 1968, pelo Ministério da Educação e de *Provérbios e frases proverbiais do século XVI*, publicado em 1973 pelo mesmo Ministério.

Uma nota biográfica em um *website* de árvores genealógicas, cuja segurança não foi possível checar, indica que Carlos Francisco de Freitas Casanovas trabalhou em diversos jornais, foi membro da Associação Brasileira de Imprensa, tradutor e colaborador da Enciclopédia Britânica. Afirma, ainda, que foi preso durante o regime militar, o que nos dá indícios de um potencial envolvimento político com a esquerda⁹⁴.

7.13 Alina Paim

Alina Paim (1919-2011) nasceu em Estância, no estado de Sergipe. Foi professora, escritora e tradutora. Educada em um convento em Salvador, após se diplomar sofre uma profunda crise de estresse que leva sua família a interná-la em um sanatório. Paim permaneceu internada por alguns meses e lá conheceu o psiquiatra Isaías Paim, com quem se casou. Com seu marido, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou para a rádio do Ministério da Educação e Cultura, escrevendo aulas para crianças e adolescentes. Foi amiga e discípula de

⁹³ De acordo com o convite para missa de 7º dia publicado no jornal Correio da Manhã. Além de sua esposa e amigos, assina o convite a Encyclopaedia Britannica do Brasil, tratando de Casanovas como “grande colaborador e amigo”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 jan. 1972, p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_08&pagfis=27484&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 22 ago. 2020.

⁹⁴ Disponível em: <https://www.geni.com/people/Carlos-Francisco-de-Freitas-Casanovas/6000000044165687185>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Graciliano Ramos, primeiro leitor de seu manuscrito *Estrada da Liberdade* (1944). Segundo Cardoso (2010), Ramos deu-lhe aulas de técnica literária e revisou seus romances seguintes. Com o aval do grande escritor, Paim lançou-se na carreira literária, publicando diversos romances, como *A sombra do patriarca* (1950), uma trilogia composta pelas obras *O sino e a rosa*, *A chave do mundo* e *O círculo* (1965), além de livros infantis, como *O lenço encantado* (1962) e *Flocos de algodão* (1966). Seu romance *A hora próxima* (1955) fez parte da coleção Romances do Povo, editada pela Vitória sob direção de Jorge Amado (CARDOSO, 2010; SANTOS, F., 2011). Como tradutora, conhecemos somente suas traduções em parceria com o cunhado, Gilberto Paim: *Que fazer?* e *Um passo adiante, dois atrás*, ambas publicadas em 1946, pela Vitória.

Foi militante ativa do PCB e engajou-se profundamente no projeto de realismo socialista para a literatura brasileira (SCHWANTES, 2012). Sua ligação com o PCB e o comprometimento com a literatura socialista podem ter contribuído para a difusão de sua obra em países comunistas, pois foi traduzida e publicada na União Soviética, China, Bulgária e Alemanha (CARDOSO, 2010). Nos anos 1940, fez parte da direção da Associação Brasileira de Escritores. Foi também delegada pelo PCB em diversos congressos comunistas internacionais (SILVA, 2011).

7.14 Gilberto Paim

Gilberto Paim (1919-2013) nasceu em Jacobina, Bahia. Irmão de Isaías Paim, era cunhado de Alina. cursou Direito, mas enveredou para a área da Economia, tendo também trabalhado como jornalista no *Correio da Manhã* (RODRÍGUEZ, 2014). Segundo o biógrafo de Graciliano Ramos, Dênis de Moraes (2012), Paim participava, nos anos 1940, da célula de intelectuais do PCB, ao lado de Graciliano, Alina, Laura Austragésilo, entre outros. Durante a militância comunista, foi colaborador da revista *Seiva* (FERREIRA, 2012, p. 153). Em 1957, escreveu *Industrialização e economia natural*, publicado pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros.

Além de *Que fazer?* e *Um passo adiante, dois atrás*, traduziu também *Marx contra Keynes*, de John Eaton, na editora Fundo de Cultura (1958). Carone (1986, p. 141) atribuiu a certo Paim Júnior a tradução de *Engels*, de Palmiro Togliatti, pela Vitória, em 1947. Maués (2013, p. 134) atribuiu a ele também a tradução de *A Cultura Soviética*, de Alexei Tolstói. Sob esse mesmo nome está uma tradução, em parceria com Alina Paim, de *História da época do*

capitalismo industrial, de A. Efimov e N. Freiberg, pela Vitória, em 1945 (CARONE, 1986, p. 150). Presumimos, assim, que se trata da mesma pessoa.

Apesar de seu histórico comunista, tornou-se um economista liberal. Sua obra dedicou-se aos estudos da história econômica brasileira: publicou *Computador faz política* (1985), *Petrobrás: um monopólio em fim de linha* (1994), *De Pombal à abertura dos portos* (2011), entre outros.

7.15 Laura Austragésilo

Laura Austragésilo pode ser facilmente confundida com Laura Austregésilo Sandroni, que é também escritora e tradutora. No entanto, a tradutora de *O imperialismo, fase superior do capitalismo* (Vitória, 1947) foi militante do PCB, como aponta Alves (2015), em sua dissertação sobre a história das mulheres no Partido Comunista do Brasil. Como vimos, participou do núcleo de intelectuais do Partido com os também tradutores Alina e Gilberto Paim. Palamartchuk (2014) menciona o nome de Laura Austragésilo na composição de uma Comissão de Traduções da Secretaria Nacional de Educação e Propaganda do PCB, formada em 1945. Infelizmente, não encontramos mais informações sobre essa interessante iniciativa.

Lima (2010), em sua dissertação *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*, informa que Laura Austragésilo envolveu-se na realização do mencionado congresso, tendo participado da delegação do Distrito Federal. Apesar de ser frequentemente citada como intelectual e escritora, não encontramos referências às suas obras, apenas que foi colaboradora da *Revista do Brasil*, que circulou entre 1938 e 1943 (LUCA, 2017).

7.16 Edison Carneiro

Edison Carneiro (1912-1972) nasceu em Salvador, Bahia, e foi escritor, jornalista, professor universitário, folclorista e etnólogo. Participou, ao lado de Jorge Amado, dos movimentos modernistas que aconteciam na Bahia em fins de 1920, em um grupo chamado Academia dos Rebeldes. Durante a graduação em Direito, nos anos 1930, fez parte da célula comunista da Faculdade de Direito ao lado de Carlos Marighella e Armênio Guedes (SOARES, 2005; ROSSI, 2011). Segundo Rossi (2011, p. 142),

Pelo menos desde 1933, portanto, começa a ser quase impossível dissociar as atividades intelectuais de Edison Carneiro dos encargos políticos e simbólicos que ele começou a assumir como quadro de célula comunista e, mais tarde, membro do núcleo da Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Foi colaborador em diversos jornais, além da revista *Seiva* (FERREIRA, 2012). Segundo Carone (1986), além de *O socialismo e a guerra*, publicado em 1947 pela Vitória, Carneiro também foi responsável pela tradução de *O julgamento dos criminosos de guerra*, de A. N. Trainin, pela Horizonte, em 1945, e *As raças da humanidade*, de Ruth Benedict, pela mesma editora, no mesmo ano.

Destacou-se pelos seus estudos da cultura afro-brasileira. Entre seus trabalhos, estão os livros *Religiões negras* (1936), *Negros Bantos* (1937), *O Quilombo dos Palmares* (1947), *Candomblés da Bahia* (1948), *Antologia do negro brasileiro* (1950), entre outros.

7.17 Luiz Fernando Cardoso

Encontramos pouquíssimas informações sobre o tradutor de *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo* (1960) e *Sobre os sindicatos* (1961). Ele é lembrado por Leandro Konder em entrevista, mencionando Luiz Fernando Cardoso como um amigo, “militante apaixonadíssimo, que morreu muitos anos mais tarde e eu associo a morte dele ao fim da União Soviética e a derrubada das estátuas de Lênin” (KONDER, 2002, p. 120). Andrade (2007, p. 43) aponta Cardoso como secretário de redação da revista *Novos Rumos*. Alves Filho (2012), também nomeia Cardoso como um dos muitos jornalistas do PCB. Aparentemente, foi tradutor da editora Paz e Terra, pois é creditado pela tradução de *Filosofia da Práxis* (1968), de Adolfo Sánchez Vázquez, e de *Dialética e Cultura* (1979), de Lucien Goldmann.

7.18 Renato Guimarães

Renato Guimarães Cupertino nasceu em Uberlândia, Minas Gerais, e foi jornalista, editor, militante do PCB, irmão de Fausto Cupertino. Tendo participado do Comitê Central do PCB, foi preso em 1964 e novamente em 1975. Andrade (2007, p. 43) aponta Guimarães como um dos principais redatores políticos da revista *Novos Rumos*. Também colaborou para a revista *Temas de Ciências Humanas*. Obtivemos mais informações através dos autos do processo que o acusou de “agrupamento perigoso à segurança nacional”, em julho de 1975:

Nos anos de 1961 e 1962 esteve na URSS fazendo curso de capacitação política, o que lhe foi propiciado por CARLOS MARIGHELA. Em 1965, passou a colaborar com escritos para o jornal “Voz Operária”, órgão oficial do Partido, assinando-se “Simão Bonjardim. Em 1966 integrou o Setor de Agitação e Propaganda do Comitê Central. [...] Em 1971, por incumbência da Comissão Executiva do Comitê Central, recebeu o encargo de assumir as funções de encarregado de educação, “organizando um projeto de criação de uma escola para quadros das organizações do Partido”. Em 1972, passou a orientar viagens de militantes da organização à URSS para cursos de capacitação política, onde esteve novamente esse ano para tratamento de saúde.⁹⁵

Em 1982, fundou sua própria editora, a Revan (ALVES FILHO, 2012). É autor de *Travessia* (1999), relato de sua prisão e tortura pela ditadura militar, e *Dois estudos para a mão esquerda* (2010). Além da tradução de *A aliança operário-camponesa* de 1961 para a Vitória, traduziu também *O 18 Brumário*, de Marx, em parceria com Leandro Konder, para a editora Paz e Terra, em 1977, e *Lênin no poder*, coletânea publicada em 1979 pela L&PM.

7.19 Fausto Cupertino

Fausto Cupertino (?-1984) foi escritor, jornalista e militante do PCB. Sendo irmão de Renato Guimarães, podemos supor que fosse mineiro. Junto de Armênio Guedes, foi integrante da revista teórica *Estudos Sociais* (ALVES FILHO, 2012) e colaborou também com a revista *Novos Rumos*, onde foi editor internacional (ANDRADE, 2007), e com o jornal *Voz Operária* e o *Jornal do Brasil* (GASPARI, 2017).

Em 1958 entrou para o PCB, tendo se encarregado de escrever artigos para o jornal *Voz Operária*. Suas traduções de Lênin para a Vitória foram publicadas em 1961: *A aliança operário-camponesa* (em parceria com Renato Guimarães, Regina Maria Mello e Helga Hoffman) e *O Estado e a revolução* (também em parceria com Regina Mello). Em 1967, foi enviado pelo PCB à Escola de Quadros em Moscou, onde permaneceu por dois anos. Segundo Elio Gaspari (2017), a viagem foi conseguida através de dois nomes de militantes que figuram aqui: Armênio Guedes e Renato Guimarães. Assim como o irmão, participava da seção de Agitação e Propaganda do partido. Em 1975, foi preso e torturado pela ditadura (BRESSANE, 2012)⁹⁶.

Além de exercer a profissão de jornalista, Fausto Cupertino também fez parte da direção da Associação Brasileira de Imprensa. Escreveu diversos livros sobre a realidade e os problemas

⁹⁵ Autos da ação penal nº 41/75, f. 4, 4 jul. 1975, São Paulo, obtido através do *website* Brasil: Nunca Mais Digital, disponível em: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/700/643.html>. Acesso em: 5 out. 2021.

⁹⁶ Depoimento de Vilma Arêas, viúva de Fausto Cupertino, a Ronaldo Bressane (2012).

brasileiros, como *As muitas religiões do brasileiro* (1976), *Raízes do atraso* (1977), *Classes e camadas sociais no Brasil* (1978) e *Educação: um problema social* (1978).

7.20 Helga Hoffmann

O artigo da pesquisadora Angélica Lovatto (2009), *Maria Augusta Tibiriçá Miranda e Helga Hoffmann: presença feminina nos Cadernos do povo brasileiro nos anos 1960*, foi nossa principal fonte de informações para essa tradutora. Helga Hoffmann (1938-)⁹⁷ nasceu em Santos, São Paulo, e é economista de importante carreira internacional. Em 1956, foi a primeira presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e no ano seguinte ingressou na União da Juventude Comunista (UJC). Viajou em 1961 para a União Soviética, ano em que participou da equipe de tradução de *A aliança operário-camponesa*.

Foi professora da Universidade de Brasília entre 1969 e 1973, tendo sido demitida à época dos expurgos da ditadura nas universidades. Após esse episódio, foi morar no exterior, onde fez carreira na Organização das Nações Unidas (ONU).

Como tradutora, foi responsável por traduções de obras na sua área, como *Introdução à Economia e Política Econômica*. Como autora, escreveu *Desemprego e subemprego no Brasil* e um volume dos Cadernos do Povo Brasileiro, editado pela Civilização Brasileira, intitulado *Como planejar nosso desenvolvimento?* (1963).

7.21 Armênio Guedes

Armênio Guedes (1918-2015) nasceu em Mucugê, Bahia, e foi jornalista e militante do PCB. Ingressou no PCB enquanto cursava Direito em Salvador, no grupo de Edison Carneiro, Jorge Amado e Carlos Marighella. Nos anos 1940, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou na articulação da imprensa comunista e foi secretário pessoal de Luís Carlos Prestes, exercendo também papel na direção do partido. Na década de 1950, foi à União Soviética para estudar e casou-se com Zuleika Alambert (SOUZA, 2015). Em parceria com a esposa e Luiz Fernando Cardoso, traduziu *Sobre os sindicatos* (1961) para a Vitória.

⁹⁷ Tentamos contato com Hoffmann, mas sem êxito.

Durante a ditadura militar instaurada em 1964, viveu no Chile e na França (SOUZA, 2015). Foi um dos fundadores do jornal *Tribuna Popular*⁹⁸, além de ter sido colaborador da revista *Seiva* (FERREIRA, 2012), da *Gazeta Mercantil* e da revista *IstoÉ* (SOUZA, 2015).

7.22 Zuleika Alambert

Zuleika Alambert (1922-2012) nasceu em Santos, São Paulo, e foi escritora, deputada e militante do PCB, tendo sido a primeira mulher a compor o Comitê Central do partido. Iniciada na política nos anos 1940, em 1947 foi eleita deputada estadual pelo PCB. No ano seguinte, no entanto, o partido foi recolocado na ilegalidade e Alambert passou à clandestinidade. Exilada nos anos 1970, Zuleika morou no Chile, na União Soviética e na França (SOIHET, 2013).

Dedicada à pauta feminista, participou de diversas iniciativas dos movimentos de mulheres no Brasil e publicou obras como *Uma jovem brasileira na URSS* (1953), *A situação e organização da mulher* (1980), *Feminismo: O ponto de vista marxista* (1986). Traduziu também uma biografia de Lênin de L. Fotieva, pela editora Fulgor, em 1963. Em parceria com Armênio Guedes, traduziu *A diplomacia do dólar*, de L. Vladimirov, pela Vitória em 1960 (CARONE, 1986), além de *Sobre os sindicatos*. Foi colaboradora, segundo Andrade (2007), da revista *Novos Rumos*.

7.23 Fragmon Borges

Fragmon Carlos Borges (1927-1975) nasceu em Frei Paulo, Sergipe, e foi jornalista e militante do PCB (SANTOS, 2015). Segundo Gilfrancisco Santos (2017), Borges envolveu-se ativamente com a imprensa comunista: dirigiu o jornal *A Verdade* (1949-1951), ligado ao PCB sergipano, colaborou com a revista *Época* (1948-1949) e dirigiu o jornal *Folha Popular* (1954-1964). Segundo Andrade (2007), foi editor-chefe durante quase toda a existência da revista *Novos Rumos*, que circulou entre 1959 e 1964. Foi preso em 1961 na redação da revista, mesmo ano da publicação de sua tradução de *O trabalho do partido entre as massas*, para a Vitória.

⁹⁸ Depoimento de Armênio Guedes para a TV Câmara de São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ORdfhOmeHQA>. Acesso em: 23 ago. 2020.

7.24 Algumas considerações sobre os tradutores de Lênin

Infelizmente, não conseguimos obter um nível de informação igualitário entre os tradutores pesquisados nesse trabalho. Assim, nomes como Armando Lauria (tradutor de *O extremismo, doença infantil do comunismo*, de 1934) e Regina Maria Melo (tradutora de *O Estado e a revolução* e *A aliança operário-camponesa*, ambos de 1961) permanecem como ilustres desconhecidos para nós. Sobre Osvaldo Castro, tradutor das *Cartas íntimas* de 1934, sabemos que também foi responsável pela tradução de *Lenine: sua vida e sua obra*, de D. S. Mirsky, publicado em 1933 pela editora Atlântica (CARONE, 1986). Já Edison Dias, corresponsável pela edição de *Que fazer?* de Calvino, de 1946, além da tradução de *URSS: uma nova civilização* já mencionada, traduziu também *A China luta pela liberdade*, de Anna Strong, pela Calvino, em 1944 (CARONE, 1986). Radamés Montá, nome que nos soa como um pseudônimo, é também o nome do diretor comercial de uma companhia chamada Estruturas Metálicas Indústria e Comércio S.A. nos anos 1960, no Rio de Janeiro⁹⁹. Seria o mesmo homem que traduziu *Tática e objetivos da revolução*, de 1934? Se não podemos tecer considerações sobre esses tradutores de nossa história, passemos aos que pudemos encontrar, que, por sorte, são a maioria do nosso levantamento.

Em termos geográficos, vemos que nossos tradutores provêm de todos os cantos do país. Embora as editoras que mais publicaram Lênin no período – Calvino e Vitória – fossem sediadas no Rio de Janeiro, não soubemos de nenhum tradutor que nasceu lá, ainda que muitos tenham morado na cidade pelas oportunidades que ela oferecia. Dos tradutores que repertoriamos, não encontramos o local de origem de seis. O sudeste do país não representa a maioria do berço de nossos tradutores: são duas paulistas, três mineiros e um capixaba. Do Norte, nossos dois representantes são paraenses. A maioria é nordestina: são dois sergipanos, quatro baianos, um potiguar e um pernambucano.

Outro aspecto interessante que notamos são os laços familiares que ligam alguns desses tradutores: Alina e Gilberto Paim são cunhados, Renato e Fausto Cupertino são irmãos, Armênio Guedes e Zuleika Alambert foram casados.

Sabemos que o *status* da profissão tradutor ainda é problemático no nosso país. Frequentemente, a tradução é tratada como um “bico”, uma forma complementar de renda. No caso dos tradutores de Lênin, vemos que a absoluta maioria tinha como atividade principal o jornalismo e a escrita. Nossos tradutores eram escritores das mais diversas esferas: Alina,

⁹⁹ “Declaração”. **Diário da Noite**, São Paulo, 30 ago. 1963, p. 3. Disponível em: <https://memoriart2.files.wordpress.com/2019/01/diario-da-noite-30081963.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

Abguar, Aurélio, por exemplo, escreveram romances; Eneida fez nome com suas crônicas; Zuleika, Helga, Edson e Newton foram ensaístas. Isso nos mostra que, apesar do *status* secundário que a tradução poderia ter em suas vidas profissionais, essas pessoas viviam do trabalho com o texto, a língua e a escrita.

As razões para que algumas dessas pessoas tenham realizado trabalhos de tradução pode ter sido, em alguma medida, financeira. Aurélio Pinheiro, por exemplo, passou a traduzir livros e a contribuir para jornais quando se mudou para o Rio, em busca de mais visibilidade para seu trabalho. Eneida, quando se encontrou em dificuldades financeiras após ser liberada da prisão, começou a fazer traduções (SANTOS, 2005). Aristides Lobo aproveitou seus esconderijos da polícia e seus longos períodos de prisão para traduzir (BOTTMANN, 2012), o que logo nos remete a Lênin, que também escreveu alguns trabalhos nas mesmas condições.

No entanto, muitos desses tradutores realizaram seus trabalhos por motivação política, afim de difundir o marxismo e contribuir para a agitação e propaganda, princípios tão caros a Lênin. Este é o ponto que mais nos interessa aqui: a filiação política dos tradutores e como isso foi fator crucial para que a tarefa de traduzir Lênin fosse desempenhada por essas pessoas. Não à toa, dois de nossos tradutores foram deputados.

A ordem cronológica das edições também faz as divisas políticas entre os tradutores: o primeiro tradutor de nossa história é o militante anarcobolchevique José Alves; em seguida, temos três militantes trotskistas; daí em diante, dos tradutores que pudemos confirmar a filiação política, são todos militantes ou simpatizantes do PCB. Três de nossos tradutores (Newton Freitas, Abguar Bastos e Edison Carneiro) também fizeram parte da ANL.

Mário Pedrosa foi um pioneiro na organização da oposição de esquerda ao Partido Comunista. Como um dos fundadores do Grupo Comunista Lênin – o que atesta a importância de nosso autor para essa ala política –, semeou as bases para a Liga Comunista do Brasil, fundada em 1931 (KAREPOVS, 2019a). Na nova organização, foi designado para a Comissão de *Agitprop* o militante Salvador Pintaúde, responsável pela fundação da Editora Unitas (KAREPOVS, 2013). Já Miguel Macedo, como vimos, ficou responsável por ministrar cursos de formação. Pedrosa e Aristides Lobo desempenharam o papel de editores, organizadores e prefaciadores da Unitas, além de tradutores. Isso nos mostra que, entre os membros da Liga Comunista, a tradução estava vinculada a uma tarefa maior, de agitação e propaganda. Assim, a tradução de Lênin resultava de um esforço dos militantes para produzir seu próprio material teórico, alinhado com as concepções trotskistas e independente do PCB. Cumpre lembrar que, embora hoje seja comum classificar esses militantes como trotskistas, à época o grupo rejeitava

essa alcunha e se autodenominava “bolchevique-leninista”, colocando a teoria de Lênin acima das disputas entre Trótski e Stálin (CASTRO, 2000).

Contamos quinze tradutores que, sem dúvidas, foram em algum momento militantes do PCB. Com a exposição do perfil dos tradutores de Lênin, chegamos à natural conclusão de que a maioria desempenhou o papel de tradutor no contexto de militância. Isso nos leva a uma definição possível de *tradutor-militante*, isto é, um militante que, tendo acesso a línguas estrangeiras, é destacado para desempenhar a tarefa de tradução para o interesse do partido ou, mais globalmente, das organizações de esquerda. Podendo a tradução ser entendida como uma tática possível para a agitação e propaganda, entendemos que os tradutores-militantes são, por lógica, agitadores e propagandistas. Um exemplo é Renato Guimarães, que, como vimos, chegou a integrar o Setor de Agitação e Propaganda do Comitê Central do PCB. A *agitprop*, é claro, também foi exercida por vários desses tradutores através de seus trabalhos como jornalistas nos órgãos de imprensa do partido.

A tradução como atividade militante é, portanto, uma característica dominante nas edições de Lênin no Brasil. Ela, por sua vez, insere-se no contexto das editoras militantes, como é o caso da Unitas, ligada à Liga Comunista, e da Vitória e Calvino, ligadas ao PCB. Esse caráter original distingue a tradução política de outros campos da tradução, como a literária, na qual outras relações de trabalho são postas em funcionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa jornada, que percorreu 44 anos da história do Brasil, é chegada a hora de esboçar algumas conclusões. Começamos nosso trabalho a partir de uma inquietação: por que as traduções de Vladimir Lênin no Brasil têm sido indiretas? Essa pergunta só poderia ser respondida através de um estudo diacrônico, que levasse em consideração os aspectos políticos, sociais e culturais do nosso país. No entanto, uma tradução não se faz com uma cultura só: é preciso chegar às fontes da tradução. E, em se tratando de traduções indiretas, vimos que havia uma rede, ou melhor, um polissistema de países envolvidos na divulgação de livros políticos, com um funcionamento próprio, que não incluía necessariamente a tradução de clássicos da literatura russa, por exemplo.

Para conseguir compreender as dinâmicas de trocas entre países, recorreremos à Itamar Even-Zohar (1990; 2010; 2012), procurando avaliar se sua Teoria dos Polissistemas seria válida também para o texto político e para autores como Lênin. Avaliamos que o aporte teórico de Even-Zohar foi bastante frutífero para entendermos o movimento brasileiro de importação de textos políticos para o repertório comunista brasileiro em construção (considerando o período estudado); o movimento de interferência planejada da URSS em nível editorial, como por exemplo com suas Edições em Línguas Estrangeiras, parte de uma estratégia de agitação e propaganda; e, é claro, a posição dos países envolvidos nessa história que tentamos contar aqui, como União Soviética, França, Argentina e Brasil, no polissistema da literatura comunista mundial. Chegamos à conclusão de que, nessa dinâmica, a URSS detinha a posição de centro, enquanto a França representava o centro da Europa. A periférica América Latina também possuía sua dinâmica própria: a Argentina deteve a posição de centro desde o início por ter organizado seu partido comunista precocemente; já o Brasil ocupava a posição de periferia desse polissistema, acumulando, entre outros fatores, o despreparo das lideranças políticas de esquerda e a solidão da língua portuguesa. Os sistemas, como lembra Even-Zohar (1990f), estão em constante mudança, sendo modificados pelas relações históricas, políticas e mercantis: assim, a posição da França no polissistema da literatura comunista foi posta à prova com a Segunda Guerra, bem como a posição da Argentina, com os golpes militares que atravessaram a história do país. Gomide (2018) conclui que, em relação aos livros de ficção russo-soviéticos, o francês era a principal língua mediadora entre russo e português, isto é, a principal fonte para as traduções literárias. Descobrimos que, no caso dos textos políticos, o espanhol cumpriu esse papel em medida semelhante ou até superior ao francês. Esta descoberta se revelou mais uma particularidade do sistema de textos políticos que não é compartilhada pelos textos fictícios.

Como havíamos dito, acreditamos que o estudo da História da Tradução é necessário para que possamos compreender o presente da tradução, avaliar o que realizamos ou o que deixamos de realizar e, assim, determinar o que é necessário para construir o futuro da tradução no Brasil. Por isso, nossa maior tarefa nesse trabalho foi começar a escrever a história das traduções das obras de Lênin no Brasil, tendo como ponto de partida uma longa lista de livros marxistas repertoriada por Edgard Carone (1986) há mais de trinta anos e o aporte metodológico de D’Hulst (2001) e Pinilla (2017; 2020). Adotamos como subtítulo para esta dissertação “Em busca de uma história da tradução” por compreendermos as limitações desta tarefa tão monumental – limitações ampliadas ainda mais pelo contexto de pandemia em que nos encontramos desde o início dessa escrita. Conseguimos, ainda assim, levantar 46 edições de obras de Lênin traduzidas no Brasil entre 1920 e 1964.

Analisando os dados obtidos em nosso levantamento, foi possível observar algumas características interessantes sobre a edição e difusão das traduções de Lênin no Brasil. Vimos que o interesse pelos textos de Lênin surgiu em um momento em que o anarquismo detinha um papel relevante na esquerda brasileira, ao passo que o socialismo e o comunismo ainda não estavam organizados. Com o exemplo da Revolução Russa, militantes libertários brasileiros decidiram por fundar um partido comunista no país, mas não possuíam uma sustentação teórica para formar novos militantes. Era necessário, em primeiro lugar, importar uma teoria política para que o comunismo pudesse se desenvolver no Brasil. Assim começou o movimento de traduções de livros políticos soviéticos, geralmente a partir da língua francesa ou espanhola. Historicamente, o PCB foi o principal responsável pela tradução das obras de Lênin no Brasil, sobretudo porque havia na URSS um movimento de divulgação sistematizado e segmentado entre os países. Assim, era tarefa do PCB possuir editoras – como a Carone e a Vitória – e publicar livros para conduzir a propaganda comunista no país. No entanto, vimos também que outros grupos também realizaram seus próprios esforços de tradução para divulgar seus textos teóricos, notadamente a Liga Comunista, publicando através da editora Unitas.

Observamos que os movimentos de endurecimento e relaxamento do regime brasileiro refletiram diretamente no fluxo de publicações das obras de Lênin no país. Desse modo, o fracasso do Levante Comunista organizado pelo PCB em 1935 e o advento do Estado Novo levaram a um longo hiato de traduções das obras do autor. Por outro lado, a luta contra o fascismo ao redor do mundo nos anos 1940 e a vitória do exército soviético sobre Hitler criaram condições para o florescimento das edições comunistas no Brasil.

Sendo esta uma história das práticas de tradução, revelou-se fundamental a pesquisa voltada para as pessoas envolvidas diretamente com o processo de tradução, isto é, os

tradutores. Apesar de muitas edições não indicarem o nome do tradutor, chegamos a 23 tradutoras e tradutores que foram parte ativa nessa história que buscamos traçar. Chegamos a importantes descobertas sobre a história dessas pessoas: a maioria dos tradutores que encontramos é nordestina e conciliava a profissão de tradutor com a de jornalista e escritor.

No entanto, para nós, o fato de que a maioria dos tradutores desempenhou suas tarefas de tradução no contexto de militância política revelou-se uma das mais importantes conclusões de nossa pesquisa. Eram militantes que apresentavam grande desenvoltura com a escrita – afinal, muitos eram também jornalistas e escritores – e, é claro, conhecimento em línguas estrangeiras. Eram, portanto, tradutores-militantes, o que não quer dizer necessariamente que não eram remunerados. Essa característica parece-nos mais um traço original e distintivo no funcionamento da tradução das obras de Lênin no Brasil.

Buscamos uma história da tradução mesmo sabendo ser impossível encontrá-la, pois as histórias são recuperadas em fragmentos: afinal, se já estivesse pronta, esse trabalho não seria necessário. No entanto, há ainda muito a se fazer. Da nossa perspectiva, pensamos ser necessário pesquisar a continuação dessa história pós 1964, além da história das traduções de Lênin em periódicos e a história da tradução da literatura comunista soviética em escala maior, para além de um autor. Hoje, nosso esforço de pesquisa encerra-se aqui, na esperança de que seja útil a outras pessoas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Fúlvio. A oposição de esquerda no Brasil. *In*: ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (Orgs.). **Na contra-corrente da história**: documentos da Liga Comunista Internacionalista 1930-1933. São Paulo: Brasiliense, 1987. Não paginado. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/abramo/1990/contracorrente/02.htm>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ALVES, Iracélli da Cruz. **A política no feminino**: uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil – Seção Bahia (1942-1949). 2015. 238 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

ALVES FILHO, Ivan. **O PCB-PPS e a cultura brasileira**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2012.

ANDRADE, Miguel Caballero de. “**Novos Rumos**”: a história do semanário do PCB, de 1959 a 1964. 2007. 56 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos**: memórias. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

BASTOS, Abgvar. [Entrevista concedida a] Maria Carneio da Cunha, Torriere Guimarães e Carlos Heitor Castello Branco. Museu da Imagem e do Som de São Paulo, São Paulo, 19 ago. 1981. Disponível em: <http://acervo.mis-sp.org.br/audio/entrevista-de-abgvar-bastos-parte-12>. Acesso em: 30 jul. 2020.

BIANCHI, Álvaro. Apresentação de um esboço bibliográfico: Trotsky em português. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 12, n. 22-23, p. 327-337, jan. 2005.

BOTTMANN, Denise. Um curioso às voltas com uma curiosidade histórica. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 37, n. 3, p. 214-248, set-dez. 2017.

BOTTMANN, Denise. Uma vinheta. **Traduzires**, Brasília, v.1, n. 2, p. 31-36, dez. 2012.

BOUJU, Marie-Cécile. *Catalogue de la production des maisons d'édition du parti communiste français* : 1921-1956. Villeurbanne: ENSSIB, 1999. Disponível em: <https://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/notices/1547-catalogue-de-la-production-des-maisons-d-edition-du-parti-communiste-francais-1921-1956>. Acesso em: 7 jan. 2021.

BOUJU, Marie-Cécile. *Le livre comme arme internationale de propagande : le cas des relations entre le Service d'édition de l'internationale communiste et la France (1920-1939)*. Lyon: 2004. 14 p. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00177294>. Acesso em: 7 jan. 2021.

BOUJU, Marie-Cécile. O livro na política: as editoras do Partido Comunista Francês (1920-1958). *In*: MIDORI DEAECTO, Marisa; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). **Edição e Revolução**: Leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 267-281.

BOUJU, Marie-Cécile. *Les éditions du Komintern, 1919-1943 : une Babel éditoriale*. In: LE CLECH, Sylvie; OPPETIT, Christian; WOLIKOW, Serge (Orgs.). *Archives et communisme(s) : l'avant-guerre (1919-1943)*. Nouveaux outils, nouvelles archives. Pierrefitte-sur-Seine : Publications des Archives nationales, 2016. p. 75-81.

BRESSANE, Ronaldo. Vilma Arêas não esquece nunca, jamais. In: **Jornal Literário da Companhia Editora Pernambuco**. Recife, 3 abr. 2012. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/70-perfil/592-vilma-areas-nao-esquece-nunca-jamais.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; GODOY, Marília Gomes Ghizzin; SOUZA, Rafael Lopes. Memória e história da esquerda: a organização da massa trabalhadora em São Paulo (Brasil). **CLIO – Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, n. 35, p. 89-113, jul.-dez. 2017.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; GODOY, Marília Gomes Ghizzin; SOUZA, Rafael Lopes. Teoria e práxis revolucionária dos trotskistas brasileiros (São Paulo, 1930-1945). *Historia Crítica*, Bogotá, n. 72, p. 115-137, jan.-abr. 2019.

CARDOSO, Ana Maria Leal. Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 125-132, mai.-ago. 2010.

CARNEIRO, Caio Porfírio. A grande chama de Abgvar Bastos. **Jornal da UBE**, São Paulo, n. 100, p. 8, out. 2002. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/OES/OES0210100/OES0210100_05.PDF. Acesso em: 31 mai. 2020.

CARNEIRO, Maria Luiza. **Livros proibidos, ideias malditas**: o DEOPS e as minorias silenciadas. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP, 2002.

CARONE, Edgard. **O Marxismo no Brasil**: das origens a 1964. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. Os intelectuais trotskistas nos anos 30. In: AARÃO REIS FILHO, Daniel (Org.). **Intelectuais, história e política**: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 137-152.

CEDRO, Juliana. *El negocio de la edición: Claridad 1922-1937*. In: *Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición*, 1., 2012, La Plata. **Anais eletrônicos** [...]. La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2012. p. 47-61. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.1923/ev.1923.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

DELISLE, Jean. *Réflexions sur l'historiographie de la traduction et ses exigences scientifiques*. **Équivalences**, Bruxelas, v. 26, n. 2/ v. 27, n. 1, p. 21-44, 1997.

D'HULST, L. *Why and How to Write Translation Histories?* **Crop**, São Paulo, n. 6, p. 21-32, abr. 2001.

EKCHTUT, Semion. *Potchemu nauka boitsia Lenina?*. In: **God Literaratury**, Moscou, 7 nov. 2016. Disponível em: <https://godliteratury.ru/articles/2016/11/07/pochemu-nauka-boitsya-lenina>. Acesso em: 25 mai. 2021.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Introduction [to Polysystem Studies]*. **Poetics Today**, Durham, v. 11, n. 1, p. 1-6, 1990a.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystem Theory*. **Poetics Today**, Durham, v. 11, n. 1, p. 9-26, 1990b.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *The “Literary System”*. **Poetics Today**, Durham, v. 11, n. 1, p. 27-44, 1990c.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Laws of Literary Interference*. **Poetics Today**, Durham, v. 11, n. 1, p. 53-72, 1990d.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Interference in Dependent Literary Polysystems*. **Poetics Today**, Durham, v. 11, n. 1, p. 79-83, 1990e.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *System, Dynamics, and Interference in Culture: a Synoptic View*. **Poetics Today**, Durham, v. 11, n. 1, p. 85-94, 1990f.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **Papers in Culture Research**. Tel Aviv: Unit of Culture Research, Tel Aviv University, 2010.

EVEN-ZOHAR, Itamar. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. Tradução de Leandro de Ávila Braga. **Translatio**, Porto Alegre, n. 3, p. 3-10, 2012.

EVEN-ZOHAR, Itamar.; TOURY, Gideon. *Introduction: Translation Theory and Intercultural Relations*. **Poetics Today**, Durham, v. 2, n. 4, p. V-XI, 1981.

FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu conheci** (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

FERREIRA, Daniela de Jesus. **Tempos de lutas e esperanças: a materialização da revista Seiva (1938-1943)**. 2012. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de; GALVÃO JÚNIOR, Heraldo Márcio. *Revistas no Front: aproximações entre Belém Nova e Revista de Antropofagia por meio de manifestos na década de 1920*. **Antíteses**, Londrina, v. 12, n. 23, p. 166-195, jan-jul. 2019.

FRÉVILLE, Jean. (Org.). **Trechos escolhidos sobre literatura e arte**. Tradução de Eneida de Moraes. Rio de Janeiro: Editorial Calvino, 1945. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/freville/1936/literatura/index.htm>. Acesso em: 7 jun. 2021.

GASPARI, Elio. **A ditadura acabada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

GOMIDE, Bruno Barretto. **Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)**. 2004. 702 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GOMIDE, Bruno Barretto. **Dostoiévski na Rua do Ouvidor: A Literatura Russa e o Estado Novo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2018.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2017.

HARD, William. **Raymond Robins' Own Story**. New York/London: Harper & Brothers Publishers, 1920. Disponível em: <https://net.lib.byu.edu/estu/wwi/memoir/Robins/Robins1.htm#TC>. Acesso em: 27 mai. 2021.

HARDING, Neil. **Leninism**. Durham: Duke University Press, 1996.

JUBERTE, Vinícius. **O PCB e os livros: a Editorial Calvino no período da legalidade do partido nos anos 1940 (1943-1948)**. 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

KARAM, Sérgio Bandeira. **A tradução de literatura hispano-americana no Brasil: um capítulo da história da literatura brasileira**. 2016. 269 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

KAREPOVS, Dainis. A Gráfico-Editora Unitas e seu Projeto Editorial de Difusão do Marxismo no Brasil dos Anos 1930. *In*: MIDORI DEAECTO, Marisa; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). **Edição e Revolução: Leituras comunistas no Brasil e na França**. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 65-119.

KAREPOVS, Dainis. Mario Pedrosa e a política. *In*: PUCU, Izabela; VILLAS BÔAS, Gláucia; PEDROSA, Quito (orgs.). **Mario Pedrosa atual**. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2019a. p. 49-140.

KAREPOVS, Dainis. Benjamin Péret: um audacioso indesejado. **Agulha, revista de cultura**, Fortaleza, n. 137, jul. 2019b. Disponível em: <http://arcagulharevistadecultura.blogspot.com/2019/06/dainis-karepovs-benjamin-peret-um.html>. Acesso em: 21 mai. 2021.

KRAUSZ, Tamás. **Reconstruindo Lênin**. Tradução de Baltazar Pereira. São Paulo: Boitempo, 2017.

LACERDA, Felipe Castilho de. **Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do comunismo no Brasil**. 2017. 194 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LACERDA, Felipe Castilho de. **Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do comunismo no Brasil**. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O Pensamento de Lênin**. Tradução de Bruno Santana e Gabriel Landi. São Paulo: LavraPalavra Editorial, 2020.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **O extremismo, doença infantil do comunismo** (Ensaio de popularização da estratégia e da tática marxistas). Tradução de Armando Lauria. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934a.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **Cartas íntimas**. Tradução de Oswaldo Castro. Rio de Janeiro: Atlântida Editora, 1934b.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **O capitalismo de Estado e o imposto em espécie**. Curitiba: Edições Guaíra, ca. 1945.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo**. Tradução de Aldenor Campos. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1946a.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **Materialismo e empiro-criticismo**: notas e críticas sobre uma filosofia reacionária. Volume 2. Tradução de Abgvar Bastos. Rio de Janeiro: Editorial Calvino, 1946b.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **Um passo adiante, dois passos atrás**. Tradução de Alina Paim e Gilberto Paim. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1946c.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **O socialismo e a emancipação da mulher**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1956.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **O Estado e a revolução**: a doutrina marxista do Estado e as tarefas do proletariado na revolução. Tradução de Regina Maria de Mello e Fausto Cupertino. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1961a.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **O trabalho do Partido entre as massas**. Tradução de Fragmon Borges. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1961b.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **Sobre os sindicatos**. Tradução de Armênio Guedes, Zuleika Alambert e Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1961c.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **A aliança operário-camponesa**. Tradução de Renato Guimarães et al. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1961d.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. *Chto dielat? In: LÊNIN, Vladímir Ilítch. **Polnoe sobranie sotchinieniy**. Tomo 6. 5ª ed. Moscou: Instituto do Marxismo-Leninismo, 1963. p. 1-193. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/06.htm>. Acesso em: 13 abr. 2021.*

LÊNIN, Vladímir Ilítch. **Polnoe sobranie sotchinieniy**. Tomo 34. 5ª ed. Moscou: Instituto do Marxismo-Leninismo, 1969. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/34.htm>. Acesso em: 27 mai. 2021.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. *Polnoe sobranie sotchineniy*. Tomo 43. 5ª ed. Moscou: Instituto do Marxismo-Leninismo, 1970a. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/43.htm>. Acesso em: 17 jan. 2022.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. *Polnoe sobranie sotchineniy*. Tomo 44. 5ª ed. Moscou: Instituto do Marxismo-Leninismo, 1970b. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/44.htm>. Acesso em: 17 jan. 2022.

LÊNIN, Vladímir Ilítch. Sobre os compromissos. In: LÊNIN, Vladímir Ilítch. **Obras escolhidas em três tomos**. Tomo 2. Lisboa: Edições Avante; Moscou: Edições Progresso, 1977. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/09/16.htm>. Acesso em: 25 mai. 2021.

LÊNIN, Vladímir Ilítch; MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Marx-Engels e Marxismo**. Volume 1. Tradução de J. de Sá Carvalho. Rio de Janeiro: Editorial Calvino, 1945.

LES VIES de Boris Souvarine. In: CRITIQUE SOCIALE, Paris, 2 out. 2008. Disponível em: <http://www.critique-sociale.info/files/2012/09/brochure-souvarine.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2022.

LIMA, Aruã Silva de. A Internacional Comunista entre Argentina e México: exemplos de descompassos entre a Revolução Mundial e a classe trabalhadora (1917-1924). **Revista Escrita da História**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 59-80, jul.-dez. 2019.

LIMA, Felipe Victor. **O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores**: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945). 2010. 229 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LONTRA DA CONCEIÇÃO, Fabiana Zogbi. **O discurso leninista (1902-1918)**: levantamento terminológico. 2019. 66 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

LONTRA DA CONCEIÇÃO, Fabiana Zogbi. Bolchevismo ou maximalismo: uma abordagem terminológica e diacrônica. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 61, p. 83-108, set. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/102995>. Acesso em: 4 ago. 2021.

LOVATTO, Angélica. Maria Augusta Tibiriçá Miranda e Helga Hoffmann: presença feminina nos Cadernos do povo brasileiro nos anos 1960. **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 178-197, jul.-dez. 2009.

LUCA, Tania Regina de. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella**: o guerrilheiro que incendiou o mundo. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARTINS, Marcia Amaral Peixoto. As relações nada perigosas entre história, filosofia e tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, n. 1, p. 37-51, 1996.

MATTOS, Marcelo Badaró. Greve geral! In: **Blog Junho**, [S.l.], 29 abr. 2017. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/greve-geral/>. Acesso em: 4 ago. 2021.

MAUÉS, Flamarion. A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil (1944-1964). In: MIDORI DEAECTO, Marisa; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). **Edição e Revolução: Leituras comunistas no Brasil e na França**. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 121-152.

MAUÉS, Flamarion. Edição, política e ditadura: dois livros de oposição da Editora Alfa-Omega. **História**, São Paulo, v. 39, p. 1-27, 2020.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto; MELO, Clóvis; ANDRADE, Aristélio Travassos. **O Ano Vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Lenin: vida e obra**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MONTALDO, Graciela. *Los Pensadores y Claridad: una propuesta cultural de la izquierda argentina (1922-1941)*. **América – Cahiers du CRICCAL**, Paris, n. 4-5, p. 421-430, 1990.

MORAES, Dênis de. **O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MORAES, Eduardo Cardoso de. **Reflexões sobre a transliteração russo-português à luz da linguística saussuriana**. 2016. 46 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

OLIVEIRA, Érick Fiszuk de. **O impacto da “desestalinização” soviética sobre os comunistas brasileiros (1956-1961)**. 2012. 123 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

PAGANO, Adriana Silvina. As pesquisas historiográficas em tradução. In: PAGANO, Adriana Silvina. **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 117-146.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. Zé Brasil: "redemocratização" e literatura. Os comunistas no pós Estado Novo (1945-1947). In: Encontro Nacional de História, 6., 2014, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: UFAL, 2014, p. 36.

PEDROSA, Quito. Mario Pedrosa, uma cronologia. In: PUCU, Izabela; VILLAS BÔAS, Glaucia; PEDROSA, Quito (orgs.). **Mario Pedrosa atual**. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2019. p. 7-39.

PELLISSARO, Bárbara Rosa. **Do nobre ao soviete: “Antologia do conto russo”**, Editora Lux Ltda. 2013. 191 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PETRA, Adriana. *Libros, revistas y publicaciones del comunismo argentino. Una introducción*. **Badebec**, Rosário, v. 9, n. 18, p. 132-156, mar. 2020.

PIEMONTE, Víctor Augusto. *El Partido Comunista Argentino: ¿un partido revolucionario de clase? Anuario del Centro de Estudios Históricos “Prof. Carlos S. A. Segreti”*, Córdoba, v. 9, n. 9, p. 283-301, 2009.

PINILLA, José Antonio Sabio. A metodologia em história da tradução: estado da questão. Tradução de Paulo Henrique Pappen et al. **Belas infieis**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 223-255, 2017.

PINILLA, José Antonio Sabio. A história da tradução do Brasil: questões de pesquisa. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 13-31, 2020.

PYM, Anthony. **Itamar Even-Zohar** (culture researcher). Tarragona: [s. n.], 22 mai. 2008. 1 vídeo (25 min 36 s). Disponível em: <https://youtu.be/x1upxc0vmYc>. Acesso em: 1º jul. 2021.

RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. **Lidia Besouchet e Newton Freitas**: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950). 2016. 282 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

RANGEL, Livia de Azevedo Silveira (Org.). **Um capixaba entremundos**: Newton Freitas: vida e obra. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2018.

REGO, Maria Aparecida de Almeida. **Entre salinas e maledicências**: uma leitura do romance Macau em contexto de ensino. Natal: EDUFRN, 2017.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. Gilberto Ferreira Paim e a crítica liberal ao patrimonialismo brasileiro. **Carta Mensal** – Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, Rio de Janeiro, v. 712, p. 14-66, jul. 2014.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **O intelectual “feiticeiro”**: Édison Carneiro e o campo de estudo das relações raciais no Brasil. 2011. 221 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

KONDER, Leandro. Leandro Konder, Intelectual do ano 2002. Entrevista cedida a Cezar Honorato e Emir Sader. **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 115-125, set.-dez. 2002.

SANTANA, Alex Santos. **O Exército no processo de redemocratização em 1945**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015.

SANTOS, Eunice Ferreira dos. Eneida de Moraes: militância e memória. **Em tese**, Belo Horizonte, v. 9, p. 99-106, dez. 2005.

SANTOS, Eunice Ferreira dos. Nas tramas da memória: a cronista e militante Eneida de Moraes. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 32, p. 69-76, jul.-dez. 2011.

SANTOS, Fabiana dos. **O imaginário da educação no romance Estrada da Liberdade, de Alina Paim**. 2011. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

SANTOS, Gilfrancisco. Últimas partes: o caso Fragmon Carlos Borges. *In: Infonet*, Aracaju, 9 mai. 2015. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/ultimas-partes-o-caso-fragmon-carlos-borges/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SANTOS, Gilfrancisco. Imprensa popular comunista em Sergipe (1949-1964). **Cumbuca**, Aracaju, v. 5, n. 13, p. 65-71, mar. 2017.

SCHWANTES, Cíntia. Como romancear a revolução ou A hora próxima, de Alina Paim. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 20, p. 45-57, jul-dez. 2012.

SECCO, Lincoln. Leituras Comunistas no Brasil (1919-1943). *In: MIDORI DEAECTO, Marisa; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). Edição e Revolução: Leituras comunistas no Brasil e na França*. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 29-64.

SECCO, Lincoln. **A batalha dos livros: formação da esquerda no Brasil**. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

SILVA, Carine Neves Alves da. **Secretariado Sul Americano e Partido Comunista do Brasil (1926-1930)**. 2011. 215 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

SIMKIN, John. *Raymond Robins*. *In: Spartacus Educational*, set. 1997. Disponível em: https://spartacus-educational.com/Raymond_Robins.htm. Acesso em: 27 mai. 2021.

SINGER, Paul. **Rosa Luxemburgo, uma discípula de Marx que ousava criticar Marx**. [Entrevista concedida a] Isabel Loureiro, Marcos Barbosa de Oliveira, Danilo César e Nicolau Bruno. Fundação Rosa Luxemburgo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Paul-Singer-Rosa-Luxemburgo-entrevista-2008.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SOARES, Angelo Barroso Costa. **Academia dos rebeldes: modernismo à moda baiana**. 2005. 204 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2005.

SOIHET, Rachel. Do comunismo ao feminismo: a trajetória de Zuleika Alambert. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 40, p. 169-195, jan.-jun. 2013.

SOUZA, Cláudio. Morre o jornalista Armênio Guedes, líder histórico do Partido Comunista. *In: Associação Brasileira de Imprensa*, 13 mar. 2015. Disponível em: <http://www.abi.org.br/morre-em-sao-paulo-o-jornalista-armenio-guedes-lider-do-partido-comunista-brasileiro-pcb/>. Acesso em: 23 ago. 2020.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. A imprensa do PCB: 1920-1940. *In: FIORUCCI, Rodolfo; COSTA, Alexandre Andrade da (Orgs.). Políticas e projetos na era das ideologias: A imprensa no Brasil Republicano (1920-1940)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. sem paginação.

Disponível

em:

<https://books.google.com.br/books?id=8yOSDgAAQBAJ&pg=PT35&dq=%22Jos%C3%A9+Zacarias+de+S%C3%A1+Carvalho%22&hl=fr&sa=X&ved=2ahUKEwiz67XmzKrrAhUBDrkGHWF3BE4Q6AEwAHoECAUQA#v=onepage&q=%22Jos%C3%A9%20Zacarias%20de%20S%C3%A1%20Carvalho%22&f=false>. Acesso em: 20 ago. 2020.

WEILL, Catherine. *À propos du terme "bolchevisme"*. *Cahiers du monde russe et soviétique*, vol. 16, n. 3-4, p. 353-363, jul.-dez. 1975.

WOODSWORTH, Judith. *History of translation*. In: BAKER, Mona. (Ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, 1998. p. 100-107.

ZELLER, Jessica. *Entre la tradición y la innovación: La experiencia del Vorwärts en Buenos Aires (1882-1901)*. *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, n. 5, p. 117-122, 2005.

APÊNDICE A – Tabela de transliteração do russo para o português brasileiro

A seguinte tabela de transliteração foi utilizada como base para as transliterações presentes ao longo da dissertação. Ela foi elaborada a partir da tabela de transliteração criada pelos docentes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), com modificações de nossa autoria.

Quadro 14 – Tabela de transliteração

| Letra do alfabeto russo | Transliteração para o PT-BR |
|-------------------------|------------------------------|
| а | a |
| б | b |
| в | v |
| г | g ou gu |
| д | d |
| е | e |
| ё | io |
| ж | j |
| з | z |
| и | i |
| й | i ou omitido |
| к | k |
| л | l |
| м | m |
| н | n |
| о | o |
| п | p |
| р | r |
| с | s ou ss |
| т | t |
| у | u |
| ф | f |
| х | rr ou kh (começo de palavra) |
| ц | ts |
| ч | tch ou ch |
| ш | ch |
| щ | sch |
| ъ | omitido |
| ы | y |
| ь | omitido |
| э | e |
| ю | iu |
| я | ia |

Fonte: nossa autoria.

APÊNDICE B – Principais obras de Vladímir Lênin

A relação de títulos a seguir inclui algumas das principais obras de Lênin. Como a maior parte da obra de Lênin é composta por pequenos textos, consideramos os textos mais relevantes pela crítica e de maior porte. Não é nossa intenção descrever todas as publicações de tais textos no Brasil, mas sim demonstrar as diferenças de tradução dos títulos que ocorrem. Por isso, optamos por incluir as traduções fornecidas pelas Edições Avante!, de Portugal, por serem muito difundidas no nosso país e entre os leitores de Lênin.

| 1894 | |
|-----------------------|---|
| Original | Что такое "Друзья народа" и как они воюют против социал-демократов? |
| Transliteração | <i>Chto takoe "druziá naroda" i kak oni voiúut protiv sotsial-demokrátov?</i> |
| Traduções | Quem são os amigos do povo e como lutam contra os socialdemocratas (In: LÊNIN, V. I. Obras Escolhidas. Volume 1. Rio de Janeiro: Vitória, 1955) |
| | O que são os amigos do povo do povo e como lutam contra os sociais-democratas (In: ULÍANOV, V. I. Escritos de juventude. Volume 1. Tradução de Caio Rosalles et al. São Paulo: Lavrapalavra, 2020) |
| 1899 | |
| Original | Развитие капитализма в России |
| Transliteração | <i>Razvítie kapitalizma v Rossii</i> |
| Tradução | O desenvolvimento do capitalismo na Rússia (Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Abril Cultural, 1982) |
| 1902 | |
| Original | Что делать? Наболевшие вопросы нашего движения |
| Transliteração | <i>Chto delat? Nabolévchie voprócy náhego dvijénii</i> |
| Traduções | Que fazer? (Tradução de Luis Afilhado e Edison Dias. Rio de Janeiro: Calvino, 1946.) |
| | Que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento (Tradução de Aristides Lobo (?). São Paulo: Hucitec, 1979) |
| | O que fazer? Questões candentes do nosso movimento (Tradução das Edições Avante. São Paulo: Boitempo, 2020) |
| 1904 | |
| Original | Шаг вперед, два шага назад (Кризис в нашей партии) |
| Transliteração | <i>Chag vperiód, dva chága nazád (Krizis v nachei partii)</i> |
| Traduções | Um passo adiante, dois passos atrás (Tradução de Alina e Gilberto Paim. Rio de Janeiro: Vitória, 1946) |
| | Um passo em frente, dois passos atrás (a crise no nosso partido) (In: LÊNINE, V. I. Obras Escolhidas. tomo 1. Tradução das Edições Avante. Moscou/Lisboa: Avante, 1977) |
| 1905 | |
| Original | Две тактики социал-демократии в демократической революции |
| Transliteração | <i>Dve táktiki sotsial-demokrátii v demokratícheskoi revoliútsii</i> |
| Tradução | Dois táticas da social-democracia na revolução democrática (Tradução de Aldenor Campos. Rio de Janeiro: Vitória, 1945) |
| 1909 | |

| | |
|-----------------------|--|
| Original | Материализм и эмпириокритицизм |
| Transliteração | <i>Materializm i empiriokrititsizm</i> |
| Traduções | Materialismo e empiro-criticismo (Tradução de Abguar Bastos. Rio de Janeiro: Calvino, 1946) |
| | Materialismo e empiriocriticismo (Tradução das Edições Avante. Lisboa: Avante, 1982) |
| 1917 | |
| Original | О задачах пролетариата в данной революции (Апрельские тезисы) |
| Transliteração | <i>O zadáčharr proletariáta v dannoi revoliútsii (Aprélskie tézicy)</i> |
| Traduções | Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução (Teses de abril) (In: MARX, C.; ENGELS, F.; LÊNIN, V. Manifesto Comunista/Teses de abril. São Paulo: Boitempo, 2017) |
| 1917 | |
| Original | Империализм как высшая стадия капитализма |
| Transliteração | <i>Imperializm kak vyschaia stádiia kapitalizma</i> |
| Traduções | O imperialismo, fase superior do capitalismo (Tradução de Laura Austragésilo. Rio de Janeiro: Vitória, 1947) |
| | Imperialismo, estágio superior do capitalismo (Tradução das Edições Avante. São Paulo: Expressão Popular, 2012) |
| | O imperialismo, etapa superior do capitalismo (Campinas: FE/UNICAMP, 2011) |
| 1917 | |
| Original | Государство и революция (Учение марксизма о государстве и задачи пролетариата в революции) |
| Transliteração | <i>Gossudárstvo i revoliútsiia (Utchénie marksizma o gossudárstve i zadáchi proletariata v revoliútsii)</i> |
| Traduções | O Estado e a revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução (Tradução de Aristides Lobo. Curitiba: Guaíra, 1946) |
| | O Estado e a revolução: a doutrina marxista do Estado e as tarefas do proletariado na revolução (Tradução de Regina Melo e Fausto Cupertino. Rio de Janeiro: Vitória, 1961) |
| | O Estado e a revolução: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução (Tradução das Edições Avante. São Paulo: Boitempo, 2017) |
| 1918 | |
| Original | Пролетарская революция и ренегат Каутский |
| Transliteração | <i>Proletárskaia revoliútsiia i renegat Kautskii</i> |
| Tradução | A revolução proletária e o renegado Kautsky (Tradução de Mário Pedrosa. São Paulo: Unitas, 1934) |
| 1920 | |
| Original | Детская болезнь "левизны" в коммунизме |
| Transliteração | <i>Detskaia bolezn "levizny" v kommunizme</i> |
| Traduções | O extremismo, doença infantil do comunismo (Tradução de Armando Lauria. Rio de Janeiro: Calvino, 1934) |
| | A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo (Tradução de Aldenor Campos. Rio de Janeiro: Vitória, 1946) |
| | Esquerdismo, doença infantil do comunismo (Tradução das Edições Avante. São Paulo: Expressão Popular, 2014) |

APÊNDICE C - Relação de livros de Lênin traduzidos e publicados no Brasil entre 1920-1964

| Ano | Livro | Editora | Tradutor(a) | Coletânea | Autores inclusos | Coleção | Nº de páginas |
|------------|--|-------------------------------------|--------------------|------------------|--|--|----------------------|
| 1920 | A luta pelo pão: a luta pela existência | José Alves | José Alves | Não | - | Coleção Sociocrata, nº 2 | 32 p. |
| 1923 | O cidadão e o produtor: entrevista que o Cel. Raymundo Robins, presidente da Cruz Vermelha norte-americana, teve com Lênine, presidente do Colégio dos Comissários do povo nos Estados- Unidos Sovietistas | Comitê regional de Pernambuco - PCB | Desconhecido | Não | - | Pequena Biblioteca de Cultura Proletária, nº 1 | 8 p. |
| 1930 | O marxismo | ? | Miguel Macedo | - | - | - | 30 p. |
| 1931 | No caminho da insurreição | Unitas | Aristides Lobo | Sim | - | - | 266 p. |
| 1932 | A verdade sobre a Rússia: pontos capitais de análise da ação de Stalin no governo | Coelho Branco Filho | Desconhecido | Sim | Trótski, L. | - | 135 p. |
| 1933 | O Estado e a revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução | Unitas | Mário Pedrosa | Não | - | Biblioteca Socialista, nº 1 | 236 p. |
| 1933 | O marxismo | Unitas | Desconhecido | Sim | Engels, F.; Kautsky, K; Plerránov, G.; Luxemburg, R. | - | ca. 189 p. |
| 1934 | Cartas íntimas | Atlântida | Oswaldo Castro | Sim | Krúpskaia, N. | - | 176 p. |
| 1934 | O extremismo, doença infantil do comunismo. Ensaio de popularização da estratégia e da tática marxista | Calvino | Armando Lauria | Não | - | - | 199 p. |
| 1934 | O imperialismo, etapa superior do capitalismo | Nosso Livro | Desconhecido | Não | - | - | 151 p. |

| Ano | Livro | Editora | Tradutor(a) | Coletânea | Autores inclusos | Coleção | Nº de páginas |
|----------|--|-----------|-------------------|-----------|---|---|---------------|
| 1934 | A luta contra a guerra: com um apêndice sobre a experiência internacional dos movimentos antiguerreiros nos últimos tempos | Calvino | Desconhecido | - | - | - | 164 p. |
| 1934 | Memórias | Selma | Newton Freitas | - | - | - | 154 p. |
| 1934 | A religião | Atlântida | Desconhecido | Sim | - | - | 191 p. |
| 1934 | A revolução proletária e o renegado Kautsky | Unitas | Mário Pedrosa | sim | Trótski, L. | Biblioteca Socialista | 217 p. |
| 1934 | Tática e objetivos da revolução | Selma | Radamés Montá | - | - | - | 142 p. |
| 1935 | Comunismo: iniciação doutrinária | Adersen | Aurélio Pinheiro | - | - | - | 190 p. |
| 1944 | Carlos Marx, sua vida e sua obra | Calvino | Abguar Bastos | Sim | Beer, M.; Lafargue, P.; Marx, E.; Luxemburg, R. | Coleção de Estudos Sociais | 418 p. |
| ca. 1945 | O capitalismo de Estado e o imposto em espécie | Guaíra | Desconhecido | Sim | - | Estante do Pensamento Social, nº 1 | 158 p. |
| 1945 | Dois táticas da social-democracia na revolução democrática | Vitória | Aldenor Campos | Não | - | Coleção Unidade | 147 p. |
| 1945 | Dois táticas da social-democracia na revolução democrática | Calvino | Luís C. Afilhado | Não | - | Edições Populares | 266 p. |
| ca.1945 | O marxismo | Guaíra | Desconhecido | Sim | Engels, F.; Kautsky, K; Plerránov, G.; Luxemburg, R. | - | ca. 146 p. |
| 1945 | Marx-Engels e marxismo | Calvino | J. de Sá Carvalho | Sim | Marx, C.; Engels, F. | Coleção de Estudos Sociais 2 volumes | v. 1: 329 p. |
| 1945 | Trechos escolhidos sobre literatura e arte | Calvino | Eneida | Sim | Fréville, J. (Org.); Marx, C.; Engels, F.; Stálin, J. | Coleção de Estudos Sociais | 380 p. |

| Ano | Livro | Editora | Tradutor(a) | Coletânea | Autores inclusos | Coleção | Nº de páginas |
|----------|---|-----------|--------------------------------|-----------|----------------------|-------------------------------------|---------------|
| 1945 | A questão agrária e os “críticos de Marx” | Calvino | C. F. de Freitas Casanovas | Sim | Stálin, J. | Coleção de Estudos Sociais | 205 p. |
| 1945 | Manifesto comunista | Triângulo | J. de Sá Carvalho | Sim | Marx, K.; Engels, F. | - | 75 p. |
| 1946 | A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo | Vitória | Aldenor Campos | Não | - | Coleção Unidade | 141 p. |
| 1946 | O Estado e a revolução: a teoria marxista do Estado e os objetivos do proletariado na revolução | Vitória | Desconhecido | Não | - | - | - |
| ca. 1946 | O Estado e a revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução | Guaíra | Aristides Lobo | Não | - | Estante do Pensamento Social, n° 5. | 180 p. |
| 1946 | Materialismo e empiro-criticismo: notas e críticas sobre uma filosofia reacionária | Calvino | Abguar Bastos | Não | - | Obras Completas 2 volumes | v. 2: 596 p. |
| 1946 | Que fazer? | Calvino | Luis C. Afilhado e Edison Dias | Não | - | Edições Populares | 272 p. |
| 1946 | Que fazer? | Vitória | Alina Paim e Gilberto Paim | Não | - | Coleção Unidade | 216 p. |
| 1946 | Um passo adiante, dois passos atrás | Vitória | Alina Paim e Gilberto Paim | Não | - | Coleção Unidade | 254 p. |
| 1947 | O imperialismo, fase superior do capitalismo | Vitória | Laura Austragésilo | Não | - | - | 165 p. |
| 1947 | O socialismo e a guerra | Vitória | Edison Carneiro | - | - | - | 32 p. |
| 1949 | Lenin, Stalin e a paz | Vitória | Desconhecido | Sim | Stálin, J. | - | 98 p. |
| 1954 | O programa agrário da social-democracia na primeira revolução russa de 1905-1907 | Vitória | Desconhecido | - | - | Biblioteca da Nova Cultura | 283 p. |
| 1955 | Quem são os amigos do povo e como lutam contra os socialdemocratas | Vitória | Desconhecido | Sim | Stálin, J. | Obras Escolhidas, volume 1 | - |

| Ano | Livro | Editora | Tradutor(a) | Coletânea | Autores inclusos | Coleção | Nº de páginas |
|------|---|---------|--|-----------|--|----------------------------------|---------------|
| 1955 | Que fazer? | Vitória | Desconhecido | Não | - | Obras Escolhidas, volume 2 | - |
| 1955 | Um passo adiante, dois atrás | Vitória | Desconhecido | Não | - | Obras Escolhidas, volume 3 | 236 p. |
| 1956 | O socialismo e a emancipação da mulher | Vitória | Desconhecido | Sim | - | Biblioteca da Nova Cultura, nº 7 | 101 p. |
| 1956 | O que é o stalinismo? | Vitória | Desconhecido | Sim | Denis, E.; Togliatti, P.; Khruschióv, N. | - | 232 p. |
| 1960 | A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo | Vitória | Luiz Fernando | Não | - | - | 144 p. |
| 1961 | A aliança operário-camponesa | Vitória | Renato Guimarães, Fausto Cupertino, Regina Maria Mello e Helga Hoffman | Sim | - | - | 649 p. |
| 1961 | O Estado e a revolução: a doutrina marxista do Estado e as tarefas do proletariado na revolução | Vitória | Regina Maria Melo Fausto Cupertino | Não | - | - | 158 p. |
| 1961 | Sobre os sindicatos | Vitória | Armênio Guedes, Zuleika Alambert e Luiz Fernando Cardoso | Sim | - | - | 351 p. |
| 1961 | O trabalho do partido entre as massas: artigos e discursos | Vitória | Fragmon Borges | Sim | - | - | 225 p. |